

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ANTROPOLOGIA DA SAÚDE

DIOGO VIRGILIO TEIXEIRA

INTEGRALIDADE, INTERAGÊNCIA E EDUCAÇÃO EM SAÚDE:
UMA ETNOGRAFIA DA NATUROLOGIA

FLORIANÓPOLIS
2013

DIOGO VIRGILIO TEIXEIRA

INTEGRALIDADE, INTERAGÊNCIA E EDUCAÇÃO EM SAÚDE:
UMA ETNOGRAFIA DA NATUROLOGIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia – Área de Concentração: Antropologia da Saúde

Orientadora: Dr. Esther Jean Langdon

Linha de Pesquisa: Saúde, doença e corporalidade

FLORIANÓPOLIS
2013

TEIXEIRA, Diogo Virgílio. **Integralidade, interagência e educação em saúde: Uma etnografia da naturologia.**

Dissertação (Mestrado em Antropologia), programa de pós-graduação em antropologia social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.112f.

Orientadora: Dr. Esther Jean Langdon

Linha de Pesquisa: Saúde, doença e corporalidade

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os naturólogos, naturólogas, docentes e discentes da Naturologia pela colaboração com esta pesquisa. Sem as conversas incríveis que tivemos esta dissertação não teria sido possível.

Em especial às coordenadoras e coordenadores do curso de Naturologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, Patrícia Kozuchovski Daré, Luana Wedekin, Fernando Hellmann e Daniel Rodrigues, pela receptividade e entusiasmo.

Agradeço à minha orientadora Esther Jean Langdon pelo tanto que aprendi com ela antes e durante a pesquisa; pela disposição em me ajudar a ver a Naturologia como um antropólogo; por confiar a um nativo o desafio de investigar sua própria cultura; e por apontar meus equívocos sempre que necessário. Agradeço, ainda, por toda a paciência e compreensão nos momentos difíceis dessa caminhada.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de mestrado, ao Instituto Brasil Plural por todo apoio durante a pesquisa e à sua secretária, Sulane, por ter sido sempre tão atenciosa quando solicitei sua ajuda.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC, agradeço pelo suporte intelectual. Em especial a professora Ilka Boaventura Leite que me incentivou a ingressar na antropologia e sempre acreditou e torceu pelo meu trabalho.

Agradeço à professora Marcia Grisotti e ao professor Alberto Groisman pelas orientações importantíssimas na qualificação do projeto de pesquisa e por aceitarem compor a banca de defesa. Gratidão às professoras Adriana Elias Magno da Silva e Vânia Zikán Cardoso pela disposição em também contribuir nesta banca.

Gratidão imensa e eterna à minha mãe Maria Bernadete Paulo Ferreira e meu pai Armando Virgílio Teixeira que confiaram em mim e me apoiaram incondicionalmente, não só nesta pesquisa, mas por toda minha vida.

Aos meus avós e padrinhos, Antônio Teixeira e Constantina, agradeço pelas memórias de amor e carinho gravadas para sempre no meu coração. Aos meus avós, Manuel Ferreira e Maria da Graça, gratidão pela sabedoria, paciência e amor incondicional. A todos os antepassados dessa família agradeço pela consciência de saber que sem eles eu não estaria aqui.

À minha querida irmã, Priscila Teixeira do Amaral, e sua linda princesa, Sofia, agradeço pela torcida, pela beleza tão linda e pelo apoio

nos momentos difíceis.

Agradeço com muito amor e carinho à minha linda e dedicada companheira Priscila Dias Gameiro, por tanto apoio durante toda a redação desta dissertação. Seu apoio foi fundamental.

A todos os amigos que me acompanharam nessa caminhada e a todos aqueles dos quais essa caminhada me afastou temporariamente, minha imensa gratidão. Suas amizades são minha maior riqueza. Em especial a Tobias Costa e Aline Vargas pela ajuda com as transcrições e revisões. Valeu amigos!

Gratidão à minha afilhada, Manuela, aos meus afilhados Karai Okendá e Karai Tchapy, e ao meu pequeno grande amigo Caetano Vasudeva Cordeiro, pela eterna criança que fazem reviver dentro de mim.

Agradeço ao meu padrinho e amigo Ênio Staub e a madrinha Elisabeth Moreira pelo apoio durante os momentos difíceis. Gratidão por trazerem, com suas maravilhosas medicinas, a luz, onde só havia escuridão. Agradeço a todas as medicinas e plantas sagradas pela luz que trazem à Terra e pela cura que operam na minha vida.

RESUMO

A Naturologia é um campo de diálogo entre saberes em saúde caracterizado pela pluralidade. Abarca desde os saberes filiados às diversas disciplinas ocidentais, como biologia, psicologia e antropologia, até práticas terapêuticas não ocidentais que remetem à Índia, China e povos indígenas. O curso de graduação em Naturologia foi fundado em 1998, entretanto, tem suas raízes na contracultura dos anos 1960 e no movimento chamado de Nova Era. Os naturólogos propõem formas de atenção à saúde baseadas numa abordagem característica: a visão naturológica. Nesta visão, a natureza é abordada como uma totalidade na qual tudo e todos fazem parte, os processos de saúde/doença são vistos como a perda de integração entre o ser humano e esta totalidade e a relação terapêutica naturológica propõe simetria e horizontalidade entre o cuidador e aquele que é cuidado. É a partir da educação em saúde que os naturólogos desenvolvem sua prática terapêutica, chamada de relação de interagência, que é o grande diferencial do profissional da Naturologia. Esta nova profissão ainda está em fase de regulamentação no Brasil e tem grande abrangência: spas, clínicas, consultórios, escolas, universidades, cruzeiros marítimos, ONGs e o Sistema Único de Saúde, são alguns dos lugares onde os naturólogos estão trabalhando. Esta dissertação vem complementar as reflexões do único trabalho de pós-graduação sobre a Naturologia escrito por uma cientista social no Brasil. Descrever e analisar o diálogo de saberes na Naturologia foi importante para a ampliação do conhecimento acerca das abordagens e práticas de saúde contemporâneas, assim como para identificar sua possível filiação com as culturas psi e com as insatisfações concernentes ao sistema médico oficial. Para compreender como os diferentes saberes ocidentais e não ocidentais estão sendo assimilados no ensino da Naturologia, foram analisados documentos institucionais da UNISUL, uma das duas universidades onde o curso de graduação é reconhecido pelo Ministério da Educação no Brasil. Para compreender como os naturólogos estão operando o diálogo entre saberes em seu cotidiano conversei com naturólogos formados nesta mesma instituição. A descrição etnográfica foi norteadora deste trabalho, que busca dar voz aos naturólogos para que apresentem quem são e digam o que fazem. Observou-se que a Naturologia mantém continuidades e descontinuidades com relação ao movimento da Nova Era. Se, por um lado, herda deste movimento a pluralidade de saberes e a ênfase no indivíduo, por outro, rompe com este movimento ao institucionalizar-se e ao negar um caráter

místico ou esotérico ao seu campo de saber. O sujeito que emerge do contexto pesquisado pode ser visto sob dois pontos de vista: um sujeito psicologizado que reproduz um discurso característico das culturas psi, ou um profissional que contesta o estabelecido e propõe formas renovadas de construir conhecimento e promover a saúde. Este novo profissional opera uma diálogo entre saberes, conduzido pela visão naturológica, ao passo que a visão naturológica é construída pelo diálogo que ajuda a conduzir, constituindo este campo como um caleidoscópio de saberes em saúde .

Palavras chave: Naturologia; Abordagem integral; Dialogo de saberes; Culturas psi.

ABSTRACT

Naturopathy is a dialog field between health knowledges characterized by plurality. It ranges from knowledge affiliated to various Western discipline, such as biology, psychology and anthropology to even not Western therapeutic practices that rementem to India, China and indigenous people . The undergraduate course in Naturopathy was founded in 1998, however, has its roots in the 1960's counterculture and the New Age movement. Naturopaths propose forms of health care based on a characteristic approach: naturopathic vision. From this point of view, nature is approached as a totality in which everything and everyone is part, the processes of health/illness are seen as the loss of integration between humans and this totality and proposes naturopathic therapeutic relationship and horizontal symmetry between the caregiver and the one that is being care of. It is from the health education that naturopaths develop their therapeutic practice called interagency relationship, which is the big difference of professional Naturopathy. This new profession is still being regulated in Brazil and has great scope : spas, clinics, offices, schools, universities, cruise lines , NGOs and the Health System are some of the places where naturopaths are working. This work complements the work of the single reflections graduate on Naturopathy written by a social scientist in Brazil. It describes and analyze the dialogue of knowledge in Naturopathy was important for the expansion of knowledge about the approaches and practices of contemporary health and to identify their possible affiliation with the psi cultures with official concerning the medical system dissatisfactions. To understand how different Western and non-Western knowledge are being assimilated in teaching Naturopathy, institutional documents from UNISUL, one of the two universities where undergraduate degree is recognized by the Ministry of Education in Brazil were analyzed. To understand how naturopaths are operating the dialogue between knowledge in their everyday life respondents naturopaths formed at the same institution. The ethnographic description guided this work, which seeks to give voice to naturopaths to present who they are and say what they do. It was observed that Naturopathy maintains continuities and discontinuities concerning the New Age movement On one hand, this movement inherits the plurality of knowledge and emphasis on the individual, on the other hand, breaks with this movement to institutionalize up and negate an mystical or esoteric field of knowledge to his character. The subject that emerges from the research context can be seen from two points of view: one

psychologized guy who plays a distinctive discourse of cultures psi, or a professional who challenges the established and renewed proposes ways to build knowledge and promote health. This new professional operates a dialogue between knowledge, conducted by naturologic vision, while naturologic vision is built through dialogue that helps conduct constituting this field as a kaleidoscope of health knowledge .

Key words: Naturology; integral assessment, knowledge diary; psi culture.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2 NATUREZA, INTEGRALIDADE, INTERAGÊNCIA, EDUCAÇÃO E ENERGIA: A CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR NATUROLÓGICO | 33 |
| 2.1 SOBRE A VISÃO NATUROLÓGICA | 33 |
| 2.2 NATUREZA..... | 34 |
| 2.3 A SAÚDE INTEGRAL E A ABORDAGEM INTEGRAL DO SER..... | 38 |
| 2.4 A RELAÇÃO DE INTERAGÊNCIA | 42 |
| 2.5 EDUCAÇÃO EM SAÚDE | 48 |
| 2.6 ENERGIA | 50 |
| 3 A PLURALIDADE DE SABERES NA NATUROLOGIA | 55 |
| 3.1 PRIMEIRO PROJETO PEDAGÓGICO DA NATUROLOGIA (1998 A 2004) | 55 |
| 3.2 O SEGUNDO PROJETO PEDAGÓGICO DA NATUROLOGIA (2004 A 2012) | 59 |
| 3.3 O TERCEIRO PROJETO PEDAGÓGICO DA NATUROLOGIA (EM VIGOR DESDE 2012) | 63 |
| 3.4 OS SABERES NÃO OCIDENTAIS NO ENSINO DA NATUROLOGIA..... | 68 |
| 3.4.1 Os saberes não ocidentais no primeiro projeto pedagógico . | 69 |
| 3.4.2 Os saberes não ocidentais no segundo projeto pedagógico .. | 70 |
| 3.4.3 Os saberes não ocidentais no terceiro projeto pedagógico .. | 73 |
| 3.5 NATUROLOGIA: UMA RACIONALIDADE MÉDICA OU CAMPO DE DIÁLOGO ENTRE SABERES? | 74 |
| 3.6 O DIÁLOGO DE SABERES NA NATUROLOGIA | 79 |
| 4 AS TRAJETÓRIAS DOS NATURÓLOGOS E A LEGITIMAÇÃO DA NATUROLOGIA..... | 83 |
| 4.1 AS TRAJETÓRIAS DOS NATURÓLOGOS | 83 |
| 4.1.1 Sobre o percurso universitário..... | 83 |
| 4.1.2 A inserção no mercado de trabalho..... | 88 |
| 4.1.2.1 Naturólogos no spa | 89 |
| 4.1.2.2 Naturólogos nas clínicas | 91 |

| | |
|---|------------|
| 4.1.2.3 Naturólogos no ensino/aprendizagem e nas equipes multidisciplinares | 92 |
| 4.1.2.4 Naturólogos empreendedores e convênios. | 93 |
| 4.1.2.5 Naturólogos em projetos sociais e ambientais. | 93 |
| 4.1.3 A versatilidade do naturólogo e a visão naturológica | 94 |
| 4.2 A TRAJETÓRIA DA NATUROLOGIA | 95 |
| 4.2.1 A legitimação da Naturologia. | 95 |
| 4.2.1.1 A Naturologia no Sistema Único de Saúde | 95 |
| 4.2.1.2 A regulamentação da profissão de naturólogo | 100 |
| 4.2.1.3 As pesquisas acadêmicas | 101 |
| 4.2.1.4 Comprovação científica | 104 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS. | 107 |
| REFERÊNCIAS. | 115 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do desenvolvimento, relativamente recente, de um novo campo de saber em saúde denominado Naturologia¹. Este campo é palco de diálogo entre diversos saberes em saúde e abrange um grande leque de conhecimentos e práticas provindos de diferentes culturas ocidentais e não ocidentais. Permeiam o campo de saber naturológico desde fundamentos que embasam a medicina ocidental contemporânea (como fisiologia, anatomia e histopatologia) até teorias e práticas de tradições milenares, como a medicina tradicional chinesa, o ayurveda (medicina indiana) e o xamanismo. Além destas tradições médicas, a Naturologia abrange, ainda, conhecimentos relacionados a diversas correntes psicológicas, como a psicanálise freudiana, a análise junguiana, a terapia corporal reichiana, a gestalt terapia, entre outras. Dentre as práticas utilizadas pelos naturologos, estão desde aquelas relacionadas às tradições orientais citadas acima, até práticas terapêuticas que não se filiam a nenhuma destas tradições especificamente, como cromoterapia, aromaterapia, florais, hidroterapia, geoterapia, arteterapia, entre outras.

Como racionalidades tão distintas, provindas de contextos ocidentais e orientais, milenares e contemporâneos, tradicionais e populares podem coabitar num mesmo campo de saber? Estaríamos diante de um monstro ontológico-epistemológico, como afirmou certa vez uma pesquisadora? (LEITE-MOR, 2012). Ou estaríamos diante de uma nova forma de pensar e fazer saúde que responde à demanda social contemporânea? E será que esta possível nova forma de abordar saúde é realmente nova, ou tem suas raízes bem fincadas numa modernidade e pós-modernidade que enfatizam o “culto ao eu” por meio de perspectivas subjetivistas, individualistas e psicologizantes? É a partir de perguntas como estas que pretendo refletir na presente dissertação.

O campo de saber naturológico ainda não possui um estatuto epistemológico ou profissional que o delimite com precisão e isso tem sido um obstáculo para aqueles que tentam defini-lo (SILVA, 2008). O que se pode encontrar são indicações heterogêneas, estabelecidas pelas instituições onde os cursos de graduação em Naturologia são oferecidos, pelos profissionais atuantes na área e pelas associações que representam

1 Mantém-se a palavra Naturologia com inicial maiúscula porque a maioria dos naturologos a utiliza assim. Só bem recentemente vi o trabalho de um naturologo que utiliza a inicial minúscula, mas decidi manter a grafia da forma observada na maioria dos trabalhos escritos sobre a Naturologia.

esses profissionais: Associação Brasileira de Naturologia (ABRANA) e Associação Paulista de Naturologia (APANAT)(SILVA, 2008)². De acordo com Adriana Elias Magno da Silva (2012), a Naturologia caracteriza-se pelo seu caráter pluralista, uma vez que utiliza técnicas e saberes relacionados à saúde de origens culturais diversas a partir de um diálogo de saberes baseado nos princípios da complexidade, da transdisciplinaridade e da visão sistêmica. De acordo com a autora, esta pluralidade da Naturologia dificulta seu enquadramento nos limites da fragmentação que caracteriza a construção do conhecimento ocidental na modernidade. Em sua tese de doutorado, Silva (2012) analisou o processo de estruturação da Naturologia no Brasil enquanto prática e saber ligados às propostas paradigmáticas que abordam o diálogo entre saberes. De acordo com a autora:

A Naturologia é herdeira da crise de paradigmas do mundo contemporâneo e precisa assumir a tarefa de produzir um conhecimento crítico e revisionista dos padrões e modelos que desencadearam turbulência no seio da qual foi gestada; enfrentar o desafio de propor um novo modo de pensar e fazer saúde (SILVA, 2012, p. 132).

Para tanto, a antropóloga aponta a necessidade de uma produção de conhecimento que seja transdisciplinar e complexa, que leve à práticas sustentáveis e éticas baseadas numa nova proposta de abordagem científica (SILVA, 2012). Sua pesquisa foi realizada a partir da produção acadêmica em Naturologia (monografias e artigos científicos) desenvolvida nas duas universidades brasileiras que oferecem cursos superiores em Naturologia reconhecidos pelo Ministério da Educação: Universidade Anhembí Morumbi (UAM, São Paulo - SP) e Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, Palhoça – SC).

O objetivo deste trabalho se aproxima em diversos pontos da tese da pesquisadora supracitada, e em outros pontos se afasta³. O foco des-

2 Há alguns anos os naturólogos vêm realizando os *Fóruns Conceituais de Naturologia*. São encontros que visam estabelecer um conceito ou uma definição mais unificada para o campo de saber naturológico, além de abranger debates teóricos e epistemológicos acerca dos conceitos centrais abordados na Naturologia. Estes fóruns são gratuitos e, em geral, antecedem os *Congressos Brasileiros de Naturologia*.

3 Vale lembrar que eu conheci a pesquisa da professora Adriana depois de ter encerrado a minha pesquisa de campo. Portanto, o fato de termos escolhido

ta pesquisa também foi o diálogo de saberes desenvolvido no campo de saber naturopático. Mas, se por um lado, na tese intitulada “Naturopatia: Um diálogo de saberes” (2012) a pesquisadora buscou analisar o diálogo de saberes em Naturopatia a partir da produção acadêmica naturopática, por outro, aqui se busca analisar este diálogo a partir do discurso de naturopatas e professores de Naturopatia. Esse é o primeiro ponto onde ambas pesquisas se distanciam, ou talvez, se complementem. Por meio de trabalho de campo, na qual foi possível realizar diversas interlocuções, observação participante e análise de alguns documentos institucionais, busquei observar o diálogo de saberes em Naturopatia, tanto no ensino universitário (por meio da análise de projetos pedagógicos e conversas com professores e coordenadores do curso de graduação), quanto no discurso dos naturopatas que estão atuando no mercado de trabalho com Naturopatia. Outra distinção importante é que as análises da autora citada acima foram realizadas com base em dados provindos das duas universidades que oferecem curso superior em Naturopatia (reconhecidos pelo MEC). Na presente pesquisa, optei por restringir minha análise a dados obtidos exclusivamente na Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Para conversar com naturopatas atuantes, optei por profissionais formados nesta mesma universidade.

O curso de graduação é constitutivo da Naturopatia enquanto prática diferenciada. Por exemplo, o terapeuta holístico algumas vezes utiliza as mesmas práticas utilizadas na Naturopatia (florais, cromoterapia, hidroterapia, entre outras), mas o naturopata se difere do terapeuta holístico, porque este último não possui um curso de graduação voltado para sua formação. De acordo com os interlocutores desta pesquisa, este fato diferencia de maneira significativa os dois profissionais, pois o naturopata tem, em sua formação, o estudo formal de: ciências básicas (conhecimentos das ciências biológicas, anatomia, fisiologia, patologia, ciências humanas e sociais); ciências clínicas (avaliação, suporte básico de vida, saúde pública e coletiva); ciências aplicadas (princípios, história, bioética, *relação de interdependência*, racionalidades médicas vitalistas, terapias complementares); formação clínica e estágio (mínimo 400 horas de treinamento clínico supervisionado). Os naturopatas defendem, ainda, que a academia proporciona ao bacharel uma visão crítica e reflexiva acerca do conhecimento. Vale ressaltar que o foco desta pesquisa não foi o curso

trabalhar com o mesmo tema – o diálogo de saberes na Naturopatia (porem com enfoques metodológicos diferentes) – sugere um mero acaso, ou o fato de que este é um tema realmente importante neste contexto.

de graduação em si, entretanto, serão abordados em alguns momentos a formação e desenvolvimento deste curso, uma vez que ele também faz parte do campo de saber naturológico.

Como um campo de saber novo na área da saúde, é importante que a Naturologia seja descrita e analisada para que, dessa forma, seja possível aumentar a compreensão acerca do desenvolvimento das abordagens em saúde contemporâneas. Menéndez (2003, p.27) salienta que as relações técnicas, sociais e ideológicas da biomedicina com outros saberes e formas de atenção à saúde são fixadas pela medicina alopática, uma vez que:

[...] a tendência aponta para uma visão estigmatizada e excludente, pelo menos de algumas formas e saberes, salientando que a eficácia, a eficiência e a legitimidade se referem exclusivamente ao próprio saber biomédico (MENÉNDEZ, 2003, p.27).

Segundo este autor, além de analisarmos a diversidade de sistemas de atenção à saúde, devemos estar atentos, enquanto cientistas sociais, a esses diversos saberes e práticas não só no que concerne a eficácia técnica, senão devemos “[...] reconhecer a existência deles, dado que o Setor Saúde (SS) e a biomedicina têm uma tendência a negar, ignorar e/ou marginalizar a maioria de saberes e formas não biomédicas de atenção aos padecimentos” (MENÉNDEZ, 2003, p.17).

Descrever e analisar a emergência deste novo campo de saber em saúde é importante para que possamos compreender: os fatores sociais e culturais que levaram à emergência da Naturologia no Brasil; sua relação com o desenvolvimento das abordagens em saúde contemporâneas e a forma como a Naturologia se insere num quadro mais amplo relacionado às insatisfações da população com relação à biomedicina e ao desenvolvimento de uma cultura psicologizante.

...

Por volta dos anos 60 do século passado, uma comunidade norte americana, orientalista e contracultural, chamada Esalen, resultou num laboratório que combinava práticas, ideias e disciplinas relacionadas à espiritualidade oriental, ao êxtase das experiências místicas, à ampliação da consciência, ao desenvolvimento da sensibilidade, à atenção às sensações, à atualização da potencialidade, à harmonia com a natureza e à crença na energia universal (CAROZZI, 1999a). As pessoas que mo-

ravam em Esalen se opunham às instituições ocidentais – igreja, estado e família – acreditando no que chamavam de “força vital” ou a “grande unidade”. A oposição às instituições ocidentais, própria da contracultura, associava-se, ali, a um conceito de oriente místico concebido como um espelho invertido do ocidente. Com a chegada de Abraham Maslow, um dos fundadores do *Journal for Humanistic Psychology*, e sua psicologia humanista voltada ao ideal de homem auto-realizado, parece ter havido, nesta comunidade, o primeiro contato da psicologia humanista com a espiritualidade oriental (CAROZZI, 1999a).

Quando Esalen abandonou seu caráter de comunidade fechada, e passou a oferecer seminários e workshops abertos ao público, difundiu-se a circulação de diversas disciplinas relacionadas à ampliação da consciência e à atualização do potencial humano (CAROZZI, 1999a). A partir desta circulação, e da multiplicação de centros inspirados em Esalen, originou-se uma rede de indivíduos que conformaram o que, nos Estados Unidos, ficaria conhecido como o Movimento do Potencial Humano (Human Potential Movement).

As ideias relacionadas à Nova Era foram introduzidas neste movimento desde a Inglaterra, a partir de “grupos de luz”, dos quais o mais conhecido é a comunidade Findhorn. A incorporação de centros do Movimento do Potencial Humano à rede da Nova Era culminou na adição de ideias dos “grupos de luz” ingleses ao já complexo marco ideológico deste movimento. Dentre estas ideias, estão a de que o ser humano possui em seu interior uma centelha divina e que a crescente consciência nesta divindade interior do homem conduzirá a humanidade para uma Nova Era (CAROZZI, 1999a). Enquanto o movimento contracultural (novo feminismo, novo pacifismo e o movimento ecológico) buscava a superação dos condicionamentos sociais à procura do desenvolvimento das potencialidades individuais, a autonomia da Nova Era é a autonomia do indivíduo com relação a qualquer e todos os aspectos de sua socialização. Trata-se de uma autonomia absoluta como forma de encontrar Deus dentro, a centelha divina, o Eu superior (CAROZZI 1999b).

No fim da década de 1970, multiplicavam-se mundialmente os centros que desenvolviam os objetivos da Nova Era, por meio de simpósios, encontros e festivais relacionados às educação e medicina holísticas, à yoga, à meditação zen, à psicologia transpessoal, à astrologia, à macrobiótica, ao taoísmo, aos novos paradigmas da física moderna, entre outras coisas (COMTEPOMI, 1999). As diversas ramificações desta rede pelo mundo constituiu o que convencionou-se chamar de movimento, ou

rede, da Nova Era. De acordo com Contepomi (ibid), o movimento da Nova Era nutre-se de diversas tradições culturais, filosóficas e religiosas ocidentais, religiões orientais e sistemas de crença indígenas.

Maluf (2003) aponta algumas especificidades importantes do movimento da Nova Era no Brasil, como a confluência entre os âmbitos terapêutico e religioso; uma tradição de ecletismo da vivência religiosa e interpenetração de universos religiosos distintos; a informalidade das práticas terapêuticas e a existência de um pluralismo terapêutico. Ao analisar os itinerários terapêuticos e espirituais dos sujeitos que circulam pela rede da Nova Era no sul do Brasil, a autora aponta características importantes relacionadas à dimensão terapêutica do movimento: a crise é vista como uma epifania espiritual e psicológica (uma oportunidade de transformação), a doença é a inscrição, no corpo, de problemas subjetivos (o corpo fala), a saúde está relacionada com um corpo equilibrado e com a livre circulação da energia, a cura deve ser alcançada mediante o esforço pessoal (auto-cura), curar-se é transformar-se (a si próprio e ao planeta), além de as técnicas utilizadas serem operadas a partir da pluralidade terapêutica (MALUF, 2008).

Alguns autores relacionam o movimento da Nova Era a um contexto mais amplo, às chamadas culturas psi, do qual este movimento seria uma ramificação. De acordo com Jane Russo(2012):

A partir da contracultura desenvolve-se um complexo terapêutico alternativo que se difunde de forma difusa nas sociedades européias e americanas, e que encontra no movimento chamado “nova era” sua sustentação filosófica e metafísica. Misturando cristais, medicina chinesa, florais de Bach, do-in e terapias de vida passada, as práticas alternativas são cada vez mais procuradas e fazem um número cada vez maior de adeptos entre membros das camadas medias urbanas – mesmo, ou sobretudo, entre os mais intelectualizados e psicologizados. (RUSSO, 2012, p. 126)

Russo (2012) aponta que práticas esotéricas e divinatórias, como astrologia, tarô e runas, somam-se às terapêuticas alternativas com finalidades relacionadas ao aconselhamento psicológico, assumindo caráter francamente terapêutico. Para Duarte e Carvalho (2005), o movimento da Nova Era, e as terapias alternativas a ele relacionadas, pode ser visto como variação de uma cultura psicologizada. De acordo com os autores, as características da continuidade entre a visão de mundo psicológica e

o movimento da Nova Era são a preeminência de um subjetivismo estruturante; a crença na existência de uma interioridade que é representada de forma agonística; o reconhecimento de uma dimensão interna obscura que deve ser esclarecida; a suposição de que esta dimensão interna está relacionada com a experiência pessoal dos primeiros anos de vida e o privilégio de uma salvação intramundana (ibid). Os autores apontam, ainda, que a grande variedade de recursos simbólicos a que se faz referência sob a denominação de Nova Era, tem relação com o “culto do eu” característico das culturas chamadas psi.

Por outro lado, alguns autores defendem que a emergência das terapias alternativas deve ser vista com relação a uma crescente insatisfação concernente ao modelo de saúde que se tornou hegemônico no ocidente (TESSER, 2009; MARTINS, 1999; SILVA, 2012, LUZ, 2003). Muitos cientistas sociais, que pesquisam e estudam questões relacionadas aos processos de saúde/doença, vêm alertando, há décadas, para a crise relacionada à saúde e ao sistema médico oficial. Kleinman (1978) aponta que a percepção pública desta crise é composta por um conjunto de fatores: custos intoleráveis; inacessibilidade ao sistema oficial de saúde, devido à má distribuição por localidade e especialidade; e insatisfação com a qualidade do encontro médico, quando este ocorre. (KLEINMAN, 1978).

Camargo Jr. (2003) aponta que:

Em ultima análise, boa parte dos equívocos da medicina ocidental prende-se precisamente ao fato de se ter deixado dominar pela miragem técnica onipotente, pondo de lado tudo o que, por ser subjetivo, mutável, complexo, infinitamente variável não é científico – precisamente os atributos que melhor caracterizem a nossa humanidade. (CAMARGO JR, 2003, pp.52-53)

Para Luz (2003), o paradigma que rege a medicina ocidental contemporânea se afastou, em seus diagnósticos e intervenções, do sujeito humano que sofre enquanto totalidade viva. Este afastamento culminou numa dupla crise (da saúde das populações e da medicina como instituição), detectada na metade do século passado, mas que tem se agudizado nos últimos vinte anos. Paradoxalmente a essa crise, o avanço nas pesquisas em biotecnologia vem ampliando consideravelmente o potencial da biomedicina de fazer diferença nos encontros individuais. Kleinman aponta que, sem negar a importância de continuar as pesquisas na área da biomedicina, tais pesquisas são irrelevantes para resolução dos problemas

concernentes a esta crise (KEINMAN, 1978). De acordo com Luz (2003), a crise não está relacionada ao modelo de produção do conhecimento biomédico:

[...] não se trata de uma crise do que Foucault designaria de saber médico. Muito pelo contrario, como “ciência das doenças” a medicina vai muito bem, obrigado [...] até este momento analiso a crise muito mais nos planos éticos, político, pedagógico e social. (LUZ, 2003, p. 46)

Tesser (2009) aponta que a procura pelas práticas alternativas em países ricos está associada às insatisfações concernentes à crise da biomedicina. Por outro lado, o autor afirma que, em países pobres, as práticas alternativas e complementares também são procuradas pelo seu fácil acesso e eficácia relativa, associados à precariedade da oferta de atendimento biomédico. Tesser (ibid) propõe a hipótese, baseada em experimentações individuais, coletivas e institucionais dispersas no Sistema Único de Saúde, que as práticas alternativas e complementares, e seus praticantes, possuem saberes e técnicas que podem ser instrumentos/aliados nas missões que propõem a *promoção da saúde*⁴.

...

No início dos anos de 1990, surgiu no Brasil um movimento disperso, formado por profissionais da área da saúde, religiosos e terapeutas alternativos preocupados em aprimorar o estudo e a prática das terapias naturais tradicionais, alternativas e complementares por meio da criação de um curso superior (SILVA, 2008). A partir da crescente demanda por mão-de-obra especializada no uso destas práticas, algumas instituições particulares de ensino abriram cursos destinados à formação de profissionais mais qualificados e direcionados a esta nova tendência.

No ano de 1994, a Faculdade de Ciências Biológicas e de Saúde Doutor Bezerra de Menezes criou o primeiro curso de Naturologia Aplicada em Terapias Naturistas com Habilitação em Fitoterapia, Acupuntura e Naturopatia, na cidade de Curitiba. A intenção era criar um profissional

4 “A promoção da saúde é um campo de propostas, idéias e práticas, crescente na saúde pública, que parte de uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes e propõe a articulação de saberes técnicos e populares e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados para seu enfrentamento e resolução.” (TESSER, 2009, p. 173)

de nível superior mais adequado às necessidades do mercado, uma vez que, na maioria das vezes, os terapeutas naturais tinham formação autodidata ou em cursos de curta duração, muitas vezes não reconhecidos pelas instituições oficiais (SILVA, 2008).

Em 1998, a UNISUL criou o bacharelado em Naturologia Aplicada, englobando disciplinas das áreas de humanas, biológicas e saúde, além de conhecimento das medicinas tradicionais chinesa, ayurvédica e xamânica. No ano de 2002, a Universidade Anhembi-Morumbi (UAM) abriu o primeiro curso de Naturologia no estado de São Paulo, com o intuito de formar um profissional multidisciplinar, apto a trabalhar em programas de qualidade de vida, saúde integral e pesquisa, por meio da aplicação de recursos naturais para a promoção, manutenção e reestabelecimento da saúde (SILVA, 2008).

Das três instituições que abriram curso de Naturologia, apenas a UNISUL e a UAM possuem reconhecimento do Ministério da Educação. Para analisar o ensino universitário da Naturologia, foquei minhas análises nos documentos institucionais da UNISUL e em interlocuções realizadas com professores e coordenadores desta instituição. Nas interlocuções realizadas com naturólogos formados, optei por profissionais formados nesta mesma universidade. O ensino da Naturologia nas UNISUL e UAM não é unificado, o que pode formar profissionais distintos. Portanto, abordar mais de uma universidade me pareceu muito amplo para uma pesquisa de mestrado⁵.

Uma farmacêutica, uma terapeuta alternativa e um psicólogo foram os principais idealizadores do curso de graduação em Naturologia na universidade catarinense. A farmacêutica, que também estudou e se especializou no uso de algumas práticas chamadas alternativas (homeopatia, terapia floral, fitoterapia e a aromaterapia,) ressaltou que, na época em que se graduou, era difícil trabalhar com estas práticas, pois não havia nenhuma forma de regulamentação para elas. Além disso, a formação oferecida nesta área, em geral, não passava de alguns dias de curso nos finais de semana. Preocupada com a formação de profissionais capacitados a atuarem na área, a farmacêutica passou a organizar cursos de formação em florais. Procurava professores de vários lugares para ministrarem cursos em Florianópolis, sempre com a preocupação de trazer profissionais aptos a ensinarem da melhor forma as terapias com as quais trabalhava.

5 Vale ressaltar que, recentemente, os cursos de Naturologia da UNISUL e da UAM reformularam seus projetos pedagógicos com o intuito de criar uma maior coerência no ensino da Naturologia nas diferentes universidades.

De acordo com ela:

Tive sempre uma preocupação de formar as pessoas, de trazer informação. Que eu achava que era melhor em formação pra trabalhar naquele nível mais...digamos assim, um nível qualificado, né? daquelas terapias que eu usava, que eu conhecia.

Se, por um lado, crescia a demanda pelas terapias alternativas, por outro, a formação de terapeutas nesta área ainda era muito heterogênea e diversificada, o que culminava em polêmicas advindas das disparidades nos ensinamentos destes saberes. Ao integrar o movimento alternativo que se expandia em Florianópolis, a farmacêutica estabeleceu contato com outra profissional, que também se interessava pelas práticas não convencionais de tratamento. Elas traçaram várias parcerias, organizaram diversos eventos, como cursos de terapia floral e aromaterapia, e sempre discutiam a problemática da informalidade dos cursos de formação em terapias alternativas oferecidos na época. De acordo com uma das interlocutoras:

Nesse contexto, conversando, a gente...Vinha aquele impulso: “a gente tem que fazer alguma coisa, a gente tem que regulamentar esse profissional, a gente tem que achar uma forma de dar um corpo pra esse terapeuta, dar um corpo para essa profissão, que...não tem.”

Foi então que tiveram a ideia, ou o sonho, como uma delas relatou, de criar um curso de graduação em Naturologia. Durante um evento organizado em Tubarão/SC, em meados da década de 90, esta ideia foi apresentada ao então prefeito da UNISUL. O prefeito abriu as portas da universidade, sugerindo que conversassem com o reitor. As parceiras apresentaram a proposta para o reitor, que viu na ideia de criar um curso de Naturologia uma boa oportunidade. Segundo um interlocutor:

É uma visão de expansão. O reitor da época foi quem promoveu a expansão da UNISUL. Antes desse reitor, a UNISUL era Tubarão. A UNISUL hoje está no estado inteiro. Esse reitor foi a grande força que permitiu que acontecesse tudo. Porque foi na contra-mão. É um curso polêmico.

Questionado porque o reitor aceitara abrir um curso de graduação tão polemico, respondeu:

Marketing, dinheiro, grana...ele viu que ia dar certo...ele tinha uma visão de negócios...ganhou muito dinheiro.

Se o sonho de fundar um curso de Naturologia surgiu da demanda por profissionais aptos a trabalhar com as práticas alternativas, foram fatores políticos e econômicos que tornaram este sonho possível. Os interlocutores ressaltaram que houve alguma resistência dos cursos de biologia

e psicologia quando a ideia foi apresentada pelo reitor. Entretanto, este sugeriu que fosse oferecido um curso de especialização em Naturologia. Esta especialização tinha como propósito mensurar a reação do mercado e a procura por um possível curso nesta área. Caso a procura fosse grande, a especialização em Naturologia poderia vir a se tornar uma graduação.

Ainda na década de 1990, a especialização em Naturologia foi fundada na Universidade do Sul de Santa Catarina mas, diante de seu grande sucesso, logo começaram os trabalhos voltados para a construção do curso de graduação. Um professor da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, que lecionava física quântica na especialização em Naturologia, foi convidado a participar da elaboração do primeiro projeto pedagógico do curso de graduação. Com formação na área de engenharia, psicologia e educação, este professor possuía os atributos intelectuais necessários para auxiliar as outras duas fundadoras no desenvolvimento deste primeiro projeto pedagógico. Ele afirmou certa vez:

Eu fui o cabeça, quer dizer, quem produziu o projeto, quem escreveu, quem pesquisou...quer dizer, eu sou um doutor então, eu sou um pesquisador. Eu fiz o que eu sei fazer, fiz uma boa pesquisa e fundamentei o projeto com boas referencias bibliográficas, citações de outros lugares do mundo em que a coisa acontecia, dei a força acadêmica necessária [...] Então qual era a ideia inicial que agente tinha quando começou a Naturologia? Eram aquelas práticas tradicionais...seria uma, uma antropologia da saúde mais assim...são essas práticas milenares que existiram e que continuam existindo e de que forma elas podem ajudar a complementar o trabalho do médico...essa foi a primeira abordagem.

Seguindo uma tendência mundial de uso das terapias alternativas, curso de graduação em Naturologia foi fundado, em Santa Catarina, no ano de 1998, décadas após os primeiros anúncios da crise da medicina. Seus idealizadores pensaram na formação de um profissional que complementasse o trabalho do médico mas, ao mesmo tempo, queriam distinguir a prática do naturólogo. De acordo com eles, um dos grandes diferenciais deste profissional é que seu foco não é a doença, como no caso da biomedicina:

A gente fez todo um levantamento bibliográfico, de referencial teórico, pro curso, buscando em bancos de dados de várias universidades do mundo sobre quem ensinava alguma coisa relacionada a essa área. Mas todo mundo 'naturopatia, naturopatia' é o termo que mais encontrava. O que tem maior referência, se tu for procurar, é naturopatia, nas graduações, né? E aí a gente optou por usar o termo Naturologia, porque

nós não queríamos trabalhar com a doença. Então a gente não quis usar o pathos, relacionado à doença, terapias pra tratar a doença [...] a gente trabalhou essa terminologia, pra não trazer a doença já dentro da conotação do que nós queríamos, porque nós não queríamos esse enfoque, nós queríamos justamente trabalhar com o enfoque saúde.

Apesar do enfoque evidente na saúde, o ensino da Naturologia foi pensado a partir da tríade arte, educação e saúde, onde estes elementos se articulariam numa nova visão acerca da saúde, mais integral e ampliada:

A Naturologia, hoje, está enquadrada na área da saúde, mas podia estar na área da educação também. Eu preferia que estivesse na área da educação. Ela acabou na área da saúde. Embora minha ideia fosse educação, aquilo não venderia. Não conseguiria que o MEC, e esses órgãos, comprassem a ideia.

Mas se a saúde sempre foi a mola propulsora do curso de Naturologia, e a educação a forma pela qual esta saúde seria alcançada, a arte foi pensada como a forma por meio da qual a educação e a saúde se articulariam. Ou, ainda, a arte era vista como a própria prática do naturólogo: a arte de cuidar. Pensava-se numa educação onde a arte e a estética pudessem ser mais valorizadas do que aquela que suprime o belo em favor do racional. Preparar bem o naturólogo seria preparar um bom educador, e seu trabalho, mais que uma técnica, seria uma arte.

...

As diversas práticas utilizadas pelos naturólogos (florais, cromoterapia, geoterapia, arteterapia, auriculopuntura, entre outras) são designadas a partir de diversos termos. Alguns autores usam o termo *terapias alternativas*, ou *complexo alternativo* (MARTINS, 1999; CAROZZI, 1999a), outros chamam de *medicinas alternativas e complementares* (TESSER, 2009). Magnani (1999) denomina de práticas *neo-esotéricas*, Laplantine as designa por *medicinas paralelas* (1989), Madel Luz (2003) por *práticas integrativas* e os naturólogos utilizam, ainda, o termo *práticas naturais*.

Optei, nas descrições do presente trabalho, por utilizar o termo *práticas integrativas e complementares* (PIC), pois este é mais amplamente utilizado no contexto onde a pesquisa de campo foi realizada. Os naturólogos, inclusive, negam que suas práticas sejam alternativas ou paralelas, uma vez que tais designações seriam, de acordo com os interlocutores, excludentes, e confirmariam a posição de poder da biomedicina,

em detrimento de tantas outras práticas e saberes em saúde. De acordo com o Departamento de Atenção Básica (DAB), que integra a Secretaria de Atenção à Saúde brasileira:

O campo das *práticas integrativas e complementares* contempla sistemas médicos complexos e recursos terapêuticos, os quais são também denominados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de medicina tradicional e complementar/alternativa (MT/MCA). Tais sistemas e recursos envolvem abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do *vínculo terapêutico* e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. Outros pontos compartilhados pelas diversas abordagens abrangidas nesse campo são a visão ampliada do processo saúde-doença e a promoção global do cuidado humano, especialmente do autocuidado. (DAB, 2013)

O termo *práticas integrativas e complementares* foi definido, no Brasil, em 2006, com a aprovação da *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares* (PNPIC). A construção desta política, no SUS, foi iniciada a partir das diretrizes e recomendações de várias Conferências Nacionais de Saúde e atendendo a recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). A naturóloga Paula C. Ischkanian (2011) aponta que, no início da década de 1960, a OMS se pronunciou pela primeira vez acerca das medicinas tradicionais e complementares (utilizando a terminologia medicina alternativa), sendo que, no final da década seguinte, recomendou aos seus estados-membros que utilizassem estas práticas de forma integrada aos seus sistemas de saúde e em conjunto com as técnicas da medicina moderna (MINISTERIO DASAÚDE, 2006).

O conjunto de práticas abarcadas pelo termo *práticas integrativas e complementares* é sem dúvida muito heterogêneo, uma vez que constituiu-se a partir de saberes provindos de diferentes culturas e distintos sistemas de atenção à saúde. No Brasil, a socióloga Madel Luz construiu uma matriz de análise das formas de cuidado à saúde útil para estudar este conjunto. Trata-se do conceito de, racionalidade médica, um tipo ideal weberiano, definido como um conjunto estruturado e coerente de cinco dimensões (TESSER, 2009).

De acordo com Luz (2012):

É racionalidade médica todo sistema médico complexo construído racional e empiricamente em cinco dimensões: uma morfologia humana (provisoriamente definida como “anatomia”), uma dinâmica vital (provisoriamente definida como “fisiologia”), uma doutrina médica (definidora do que é estar doente ou sadio, do que é tratável ou curável, de como tratar, etc.), um sistema diagnóstico e um sistema terapêutico. Posteriormente [...] tornou-se evidente que uma sexta dimensão, a cosmologia, embasava todas as dimensões das diferentes racionalidades médicas, inclusive da medicina ocidental contemporânea. (LUZ, 2012, p.18-19)

O estudo de sistemas de atenção à saúde por meio destas dimensões permitiu a distinção entre sistemas médicos complexos (racionalidades médicas) - como a biomedicina, a medicina tradicional chinesa e a medicina ayurveda - e outras terapias integrativas e complementares ou métodos diagnósticos, como florais de Bach, iridologia, entre outros (TESSER, 2009).

Sendo a Naturologia um campo de saber que aborda fundamentos destes três sistemas médicos (ayurveda, chinês e biomédico), o tipo ideal de racionalidade médica foi rapidamente assimilado pelos naturólogos em suas pesquisas e reflexões. Entretanto, durante a pesquisa de campo pude notar que este conceito foi retificado por alguns naturólogos. Em determinados momentos, os interlocutores utilizaram o termo *racionalidade médica chinesa* para se referir à medicina chinesa, ou *racionalidade médica ayurveda* para se referir ao sistema médico ayurvédico, não mais num contexto de comparação sociológica, como proposto pela criadora do conceito *racionalidade médica*, mas como a própria cultura para o qual este tipo ideal faz referência. Em outros momentos, eles chamam de medicina tradicional chinesa, ou medicina tradicional ayurveda. Respeitando as designações nativas, serão utilizados os termos racionalidade médica ou medicina tradicional para fazer referência a estes sistemas médicos (chinês ou ayurveda). Estas designações serão úteis, sobretudo, para distinguir as práticas destes sistemas das *práticas integrativas e complementares* que não estão filiadas a nenhum sistema médico complexo.

Uma questão importante, que tem sido levantada recorrentemente por alguns naturólogos, é se a Naturologia poderia ser considerada uma

racionalidade médica específica. Será que poderia ser enquadrada nas cinco dimensões propostas na construção deste tipo ideal? Este tema foi abordado em muitas das conversas em campo e será aprofundado no decorrer desta dissertação.

...

Um passo importante durante a confecção de uma etnografia é situar o etnógrafo, descrevendo sua entrada no campo e sua relação com o contexto de pesquisa. Quem está observando e da onde a observação é feita são dados de pesquisa importantes que não devem ser mascarados ou negligenciados, senão descritos e problematizados.

Para que eu possa descrever minha relação com o contexto pesquisado, preciso recordar brevemente as questões levantadas na contextualização do objeto de pesquisa: trata-se de um campo de saber herdeiro do movimento da Nova Era? É, portanto, variação de uma cultura psicologizada, característica de classes médias urbanas? Pode ser visto como um campo de saberes que emerge a partir das insatisfações com a biomedicina? Se estas respostas forem afirmativas, pode-se dizer que a relação deste pesquisador com esse contexto começou simultaneamente à sua própria socialização: em tenros anos de uma infância relativamente distante, dos quais ficaram guardadas recordações dispersas e fragmentadas.

Sou filho de um médico que, além da especialização biomédica em cirurgia e gastroenterologia, também se especializou em homeopatia. Ao ler cientistas sociais apontando as insatisfações da população referentes ao encontro médico convencional, vem à lembrança tantos pacientes do meu pai que conheci quando lhe acompanhava em suas visitas hospitalares. Diante da fugacidade que o próprio sistema impõe aos encontros médicos convencionais, cada vez mais rápidos, frios e impessoais, alguns médicos ainda procuram estabelecer relações humanas com seus pacientes.

Por outro lado, sou filho de uma psicóloga e professora de meditação transcendental, de quem já emprestei muitos livros de Jung e com quem já conversei muito sobre espiritualidade oriental e medicina ayurvéda. Desde criança, minha mãe sempre preferiu me tratar com as “terapias alternativas”, ministrando homeopatia, plantas medicinais e me levando a terapeutas não convencionais. Muito antes dos tantos cientistas sociais que li nos últimos tempos, ela já vinha me alertando para os limites da biomedicina.

Já tive o impulso de estudar medicina, seguindo os passos do meu pai, caminho que foi trilhado por minha irmã. Já pensei em estudar psicologia, que de fato sempre me instigou a mais reflexões que a medicina. Mas, não, fui estudar Naturologia. Há bastante tempo venho cultivando uma visão crítica com relação à biomedicina, não a vejo como verdade absoluta, mas também não nego o valor dos avanços tecnológicos da biomedicina que, por vezes, salvou a vida de pessoas muito estimadas. Simplesmente reconheço que a visão reducionista e mecanicista da biomedicina tem seus limites. Esta visão crítica se aprofundou quando li pela primeira vez o *O Ponto de Mutação*, de Frijof Capra, na adolescência. As ideias deste físico acerca do pensamento sistêmico e complexo, a possibilidade de uma nova ciência menos fragmentadora e determinista, as relações entre as descobertas da física quântica e a espiritualidade oriental povoaram meu imaginário e me impulsionaram para reflexões e atitudes contestadoras com relação ao status quo.

Foi neste contexto que ingressei na graduação em Naturologia: queria algo diferente, queria trabalhar na área da saúde, mas a partir de uma abordagem que não reduzisse o ser humano a uma máquina a ser manipulada na “guerra” contra as doenças. Já no primeiro semestre desta graduação fui apresentado ao povo Guarani. Participei de alguns projetos, realizados por um professor da universidade, em aldeias indígenas, e cada vez mais fui me aproximando desse povo, comecei a participar de suas cerimônias e fiz alguns bons amigos índios. No trabalho de conclusão do curso de graduação, enfoquei minhas reflexões na relação entre espiritualidade e saúde no contexto do xamanismo Guarani. Nesta época a Naturologia tinha um teor biologista evidente e trabalhos relacionados à espiritualidade não eram bem vistos pela coordenação do curso (cuja coordenadora era uma bióloga), sob a alegação de que deveríamos evitar questionamentos quanto à cientificidade da Naturologia. Insisti em meu projeto de pesquisa e realizei uma revisão bibliográfica sobre o tema. Entretanto, percebi que, na Naturologia, eu não teria os recursos e ferramentas necessárias para compreender com maior profundidade o xamanismo Guarani. Por isso, busquei a antropologia.

Depois que me formei em Naturologia, passei um ano fazendo disciplinas isoladas como aluno especial, tanto na graduação de Ciências Sociais quanto na pós-graduação em Antropologia Social, na UFSC. No mestrado, cursei uma disciplina de Xamanismo com a professora Esther Jean Langdon e outra de Etnologia Indígena com o professor Marnio Teixeira-Pinto. Na graduação, estudei Etnologia Afro-brasileira e Cultu-

ra Brasileira com a professora Ilka Boaventura Leite; Antropologia da Educação com a professora Antonella M. I. Tassinari; e Etnografia com o professor Theophilos Rifiotis. Estudei muito, escrevi meu pré-projeto de pesquisa acerca do xamanismo Guarani, me submeti à seleção e ingressei no mestrado em Antropologia Social. Passei outro ano me aprofundando em etnologia indígena e xamanismo, com o intuito de realizar uma boa pesquisa.

No segundo semestre do mestrado comecei a estudar antropologia da saúde, e as reflexões com as quais entrei em contato me fizeram lembrar da Naturologia. Conversando com minha orientadora acerca destas reflexões, surgiu a ideia de fazer uma etnografia da Naturologia. Foi uma decisão difícil: será que abandono temas clássicos da antropologia, como etnologia e xamanismo, para pesquisar algo que poucos conhecem e muitos desconfiam? Na época, realizei uma pesquisa de campo preliminar em um congresso de Naturologia para decidir. Participei de uma mesa redonda onde questionei e relativizei alguns dos conceitos básicos da Naturologia, como *natureza e tradição*. Ao final do congresso, passei uma lista para arrecadar o contato daqueles que gostariam de colaborar com minha possível pesquisa acerca da Naturologia. A adesão foi praticamente unânime.

Mas, ao passo que a entrada no campo foi fácil, o percurso foi difícil. Tanto na Naturologia quanto na antropologia da saúde, aprendi a abordar o mal estar não como uma doença simplesmente física, fixa, discreta e mensurável, mas como uma experiência, um processo. No começo da pesquisa de campo fui diagnosticado com depressão, melhorei, realizei a pesquisa e tive uma recaída antes de começar a redação. Foi interessante, apesar de difícil, passar por uma experiência dessas - um sofrimento que não pode ser medido, quantificado, fixado - justamente quando realizava um pesquisa na área da saúde. A noção de enfermidade enquanto experiência complexa não era só uma teoria, não eram textos, era minha vida. E eu precisava seguir em frente, terminar minha pesquisa. Rejeitei remédios psiquiátricos, tratei-me com plantas medicinais e psicoterapia, consegui retomar a pesquisa e aqui estou. Talvez esta experiência ainda gere reflexões interessantes no futuro. Por enquanto, optei por focar na etnografia da Naturologia.

Em poucas palavras: ingressei na graduação de Naturologia em busca de algo novo, conheci o xamanismo Guarani e percebi que a Naturologia não tinha as ferramentas necessárias para estudar os povos indígenas. Passei dois anos me aprofundando em antropologia, que me trouxe

de volta para a Naturologia. Mas é claro que quem voltou, já não era o mesmo.

De acordo com Roberto da Mata (1978), a *fase pessoal ou existencial* da pesquisa antropológica ocorre quando o pesquisador se encontra entre dois fogos, o da cultura do pesquisador e o da cultura a ser pesquisada. Mas, e quando a cultura pesquisada é exatamente a cultura do pesquisador, então o antropólogo não se encontraria num fogo cruzado entre culturas? Neste caso, existe uma situação razoavelmente distinta daquela que fundou a antropologia (o estranhamento), pois o processo de análise do que é familiar envolve dificuldades que estariam ausentes numa pesquisa acerca de algo que é estranho (VELHO, 1978). Segundo Gilberto Velho (1978, p. 7), “Em princípio, dispomos de mapas mais complexos e cristalizados para nossa vida cotidiana do que em relação a grupos ou sociedades distantes ou afastados” o que, segundo Roberto da Mata (1978), torna necessário:

[...] tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir [...] o exótico no que esta petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação. (MATA, 1978. p28-29)

Após a graduação, passei dois anos me aprofundando em antropologia e, sem qualquer esforço, me distanciei da teoria abordada na Naturologia. E mais do que isso, aprendi a relativizar muitas das “verdades essenciais” em que acreditava, percebendo a Naturologia como mais um sistema de saúde construído culturalmente que, à parte de reclamar uma nova abordagem em saúde, possui seus devidos mecanismos de reprodução cultural e social.

Por outro lado, tive a possibilidade de “ser afetado” pelo campo, nos termos de Favret-Saada, mesmo antes de começar a pesquisa de campo. Segundo esta autora “[...] o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetada por ele abre uma comunicação específica com os nativos: uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não” (FAVRETT-SAADA, 2005, p.159). Eu já fora afetado pelo contexto de pesquisa mesmo antes de intencionalmente pesquisá-lo. Goldman (2003) afirma que este “ser afetado” não se trata de apreensão emocional ou cognitiva dos afetos dos nativos, mas trata-se de ser afetado por algo que os afeta para, dessa forma, estabelecer uma certa modalidade de relação. Eu já havia sido afetado por algo que afeta

meus interlocutores, e eles sabiam, e esta modalidade de relação já estava estabelecida a priori.

A entrada no campo não poderia ter sido mais natural. Fui bem recebido por todos os interlocutores, que pareciam contentes com minha pesquisa sobre a Naturologia. Tive conversas interessantes com antigos mestres, colegas e bons amigos. Mas o que eles esperam desta pesquisa? Será que vão concordar com minhas reflexões? Será que vão discordar? De acordo com Gilberto Velho (1978):

[...] ao se estudar o que está próximo, a sua sociedade, o antropólogo expõe-se, com maior ou menor intensidade, a um confronto com outros especialistas, com leigos e até, em certos casos, com representantes dos universos que foram investigados, que podem discordar das interpretações do investigador. (VELHO, 1978, p.11)

A proximidade com o campo pesquisado foi, durante toda a pesquisa, a minha maior aliada e meu maior desafio.

Nas descrições aqui apresentadas acerca da Naturologia, procurei dar voz aos interlocutores para que digam o que fazem e expressem a forma como vêem a natureza, os processos de saúde/doença/atenção, a educação e suas próprias trajetórias. Durante as descrições, realizadas nos capítulos I, II e III, evitei interpretações densas e busquei interpretar os discursos a partir da perspectiva dos interlocutores, reservando as reflexões pessoais para as considerações finais.

No primeiro capítulo apresento o discurso dos naturólogos acerca de seus conceitos centrais: *natureza, abordagem integral do ser, relação de interagência, educação em saúde e energia*. Procurei demonstrar como os naturólogos estão discursando acerca do seu campo de saber. A forma como eles vêem a natureza, como abordam o processo de saúde/doença, a relação terapêutica naturológica, a educação em saúde e a noção de energia, são constitutivos do que chamo aqui de visão naturológica.

No segundo capítulo, abordo o curso de graduação para refletir acerca da forma como os diferentes saberes (biologia, psicologia, ciências sociais, medicina chinesa, ayurveda, xamanismo, entre outros) são abordados no ensino da Naturologia. Foram analisados documentos institucionais e interlocuções realizadas com professores e coordenadores do curso, para compreender como o diálogo de saberes está se desenvolvendo nesse contexto. Ainda no segundo capítulo, trago novamente a voz dos naturólogos para compreender como eles estão assimilando e articulando

saberes relacionados às medicinas tradicionais chinesa e ayurveda e ao xamanismo, procurando demonstrar como o diálogo de saberes em Naturologia está fundamentado na visão natrológica descrita no capítulo anterior.

No terceiro capítulo, apresento a trajetória dos naturólogos desde suas motivações para cursar uma graduação em Naturologia, até o ingresso no mercado de trabalho, no Sistema Único de Saúde e na academia. Busco mostrar o movimento de legitimação da Naturologia perante a sociedade brasileira, abordando a regulamentação da profissão, as pesquisas acadêmicas e ainda alguns casos de naturólogos que já estão inseridos no SUS.

Após os quatro capítulos que compõem esta dissertação trago, em minhas considerações finais, reflexões acerca da possível continuidade entre as culturas psi, o movimento da Nova Era, as insatisfações relacionadas à biomedicina e à Naturologia. De acordo com Maluf (2005), as interpretações antropológicas acerca das “culturas de si”, e do tipo de sujeito que delas emerge, encontram caminhos diversos. Se, por um lado, uma linha tende a reduzir essas culturas à simples reprodução de certos aspectos já presentes no indivíduo - como formas de reprodução das instituições e de continuidade em relação às ideologias dominantes - por outro, tende-se a ver nesses movimentos a emergência de um novo sujeito portador de um papel político e de resistência (Maluf, 2005). Nas reflexões finais, procurei demonstrar que a forma como os naturólogos estabelecem o diálogo entre saberes hora dá continuidade, hora busca romper com o estabelecido.

2 NATUREZA, INTEGRALIDADE, INTERAGÊNCIA, EDUCAÇÃO E ENERGIA: A CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR NATUROLÓGICO

2.1 SOBRE A VISÃO NATUROLÓGICA

O campo de saber naturológico está fundamentado na pluralidade e na dinâmica do diálogo entre saberes em saúde. Quando decidi pesquisar a Naturologia optei por observar, a partir do discurso dos interlocutores, a forma como os naturólogos estão assimilando e articulando estes diferentes saberes. Mas pude perceber, no decorrer da pesquisa, que não seria possível compreender, tampouco descrever a forma como os naturólogos estão assimilando e integrando os diferentes saberes com os quais operam, sem antes dar atenção a uma visão de mundo característica dos naturólogos: a visão naturológica.

Dois dos professores mais antigos do curso de Naturologia foram enfáticos em observar que o diferencial do naturólogo não está nas *práticas integrativas e complementares* que aprende em sala de aula, senão na visão característica com a qual estas práticas são utilizadas por esses profissionais. Neste sentido, uma naturóloga fez a seguinte afirmação:

Porque pra mim a questão da graduação em Naturologia, claro que habilita as pessoas para as várias práticas, ensina a prática clínica, que são as práticas naturais. Só que é mais, é você formar um profissional que tá dentro da área da saúde e que raciocina diferente o processo de saúde e doença [...] Então, a questão principal pra mim é fundar uma perspectiva de entendimento de saúde e doença e aí a questão...não é nem uma perspectiva de entendimento, é um profissional que consiga dialogar as diversas perspectivas de saúde e doença, inclusive a perspectiva da própria pessoa que tá “doente”.

Esta perspectiva diferenciada que o naturólogo deve ter é informada pelos conceitos que embasam o campo de saber naturológico. Durante a pesquisa, forma eleitas cinco categorias êmicas como centrais na Naturologia, por serem as mais recorrentemente abordadas nas interlocuções realizadas em campo. São estas categorias, e os conceitos a elas relacionados, que informam e constituem um olhar muito característico dos naturólogos: a visão naturológica.

Natureza, abordagem integral do ser, *relação de interagência*, educação em saúde e energia são a “cola” com a qual este mosaico de saberes, conhecido como Naturologia, vem sendo construído. É a partir destas

categorias que uma visão naturológica é possível, e é a partir desta visão que diversos saberes em saúde vêm sendo articulados pelos naturólogos. No entanto, não serão descritos conceitos fechados ou definições prontas acerca destas categorias, mas propõe-se esboçar, a partir do que foi apresentado em campo, noções acerca do que eles querem dizer quando se referem a estas categorias êmicas. Vale lembrar que o curso de Naturologia tem aproximadamente quinze anos, e muitas das noções relativas a estas categorias êmicas não foram exaustivamente elaboradas pelos naturólogos. Portanto, este esboço deve servir mais como rascunho do que como limite para futuras reflexões.

2.2 NATUREZA

Natureza é talvez um dos conceitos mais amplamente utilizados pelos naturólogos, uma vez que o próprio nome, Naturologia, é construído a partir do termo *natura* (palavra latina que deu origem ao termo natureza). Ao pensar numa Naturologia no sentido estrito, concernente à etimologia da palavra (*natura* + *logia* = estudo da natureza), talvez pareça que uma Naturologia é desnecessária, pois já existem diversas disciplinas, no âmbito das ciências naturais (como a física, a química, a geologia, a astronomia, entre outras) que têm feito um estudo bastante eficaz da natureza, enquanto universo físico. A esse respeito, um professor de antropologia afirmou:

Devemos romper, pelo aprofundamento, com o pseudo olhar de que a Naturologia tem o mesmo viés que as ciências naturais [...] na relação com o cosmos cada grupo vai acolher e vivenciar a natureza. O que há de natural no humano é ser cultural.

A partir desta afirmação, supõe-se que a forma como os praticantes da Naturologia abordam a noção de natureza é distinta daquela concernente às ciências naturais. No entanto, quando perguntados sobre o que seria a natureza para eles, grande parte dos interlocutores fez um longo silêncio, sendo que os que mais hesitaram em responder foram os que seguiram carreira acadêmica. A dificuldade em refletir acerca da noção de natureza em interlocuções que variaram de quarenta minutos a duas horas é óbvia, principalmente para aqueles que, devido a um maior aprofundamento acadêmico, já têm um olhar mais atento aos pressupostos epistemológicos que esta discussão pode envolver. É claro que as descrições dos naturólogos acerca da natureza nem sempre foram coerentes, dada a grande polissemia deste conceito, entretanto, é possível notar algumas re-

gularidades nos discursos recolhidos em campo. Não tenho a pretensão de homogeneizar os relatos dos tantos interlocutores, como se existisse uma concepção única para todos. Pretendo, antes, apresentar algumas visões sobre a noção de natureza, identificando, quando possível, as regularidades entre elas.

Um dos pontos importantes, levantado recorrentemente pelos interlocutores, aponta para a natureza enquanto um todo, do qual tudo e todos fazem parte. Nesta visão, o ser humano é apenas uma unidade vital básica de um organismo maior, que se encerra na própria natureza:

Pra falar sobre isso? Natureza? Natureza mesmo ne? Natureza... (silêncio) [...] Natureza é...caraca, é muito amplo essas coisas pra mim, assim, ter que botar numa ideia, uma ideia é muito pouco, tem que ser varias ideias juntas, deu pra entender? (risos) Natureza é...(silêncio) nossa! É tudo que engloba...tudo que engloba ser, mas assim, tudo que engloba ser no sentido que...é...sei lá, a planta é um ser, o animal é um ser, eu sou um ser, os outros planetas são seres. Dai você pode juntar a teoria de gaia [...] que todos somos um único organismo, sei lá, como se os planetas fossem os órgãos. Um todo, um universo que é unico e gigante, vamos dizer assim, a gente é so uma celula num ser maior do que tudo, que é o universo.

Alguns pontos interessantes podem ser ressaltados desta fala. Em primeiro lugar, a natureza é vista enquanto uma totalidade: “É tudo que engloba... tudo que engloba ser”. Em segundo lugar, ao falar da hipótese Gaia, o naturólogo faz menção à natureza como um organismo vivo, do qual todos são parte. Corroborando as ideias do interlocutor supracitado, outro naturólogo afirmou, acerca da natureza: “(silêncio breve) Organismo vivo de maior excelência que a gente tem enquanto alma dentro desse corpo.” Então, perguntei : “Você vê a natureza como um organismo. Mas qual a relação do ser humano com este organismo?” E o naturólogo respondeu:

Se a gente fosse colocar tudo como célula, o ser humano seria... seriam células dentro de cidades, que seriam...(ou estados, países) tecidos e órgãos que seriam a constituição desse organismo maior chamado Terra. Que não deixa de ser uma célula do sistema solar, que não deixa de ser uma celula da Via Láctea...e por aí vai. (risos)

Podemos notar que este naturólogo também está falando sobre a natureza enquanto organismo vivo do qual tudo e todos são partes constituintes. Nesta visão, a natureza encerra em si a totalidade. Este pressuposto pode ser contrastado com uma natureza discreta e independente

dos fenômenos sociais, como a das ciências naturais. Conversando com vários naturólogos, percebi que, para muitos deles, existe uma continuidade entre natureza e cultura, e não uma dicotomia. Em certa ocasião, uma naturóloga disse que:

Natureza é tudo que nos cerca, né? É o que nos...é a vida, eu acho. Nós somos a natureza, as árvores são natureza, os animais e até mesmo os objetos são natureza.

Nesta última afirmação, a interlocutora parece dizer que até mesmo os objetos criados pelo ser humano são parte da natureza. Quando questionada se estes objetos aos quais se referia seriam os criados pelo ser humano, ela respondeu afirmativamente, dizendo que eles fazem parte da natureza embora tenham sido transformados pela ação humana. Outro interlocutor também abarcou, sob a noção de natureza, a tecnologia desenvolvida pelo ser humano, quando disse:

Nossa! É pra falar sobre a natureza, é? Acho que, antes de tudo, antes de tudo a natureza é uma graça, ela é uma bênção (longo silêncio) Acho que... (silêncio) natureza...ai que ta, natureza é tudo! Eu acho que até mesmo esse próprio movimento do ser humano tá manifestando essa tecnosfera em cima da biosfera do planeta e meio que sobrepujando essa biosfera com essa tecnosfera, tudo isso faz parte da natureza. No meu ver, o ser humano tá poluindo todo o planeta Terra, e tudo isso, mas é muito mesquinho a gente pensar que: 'ai, o ser humano tá poluindo.' Não! O ser humano é Terra, o ser humano é a própria Terra consciente de si mesma e se autoexperenciando. Então, a Terra evoluiu em minerais, em plantas e nã, nã, nã e, em última instância, a Terra evoluiu em humano pra experenciar o que ela própria é com consciencia [...]o planeta Terra é um organismo, o ser humano é o neurônio do planeta Terra, são as células neuronais [...] Então a natureza é tudo e ela se manifesta nos mesmos padrões no átomo, na galáxia e no universo.

Este interlocutor aponta para a tecnologia, que é fruto do desenvolvimento cultural do ser humano, como parte da natureza. Sendo esta tecnosfera fruto da ação humana e parte da natureza tanto quanto a própria biosfera podemos supor que, de acordo com esta visão, existe uma continuidade, e não uma oposição, entre natureza e cultura. O naturólogo também traz uma imagem holográfica da natureza, onde ela se manifesta nos mesmos padrões tanto no átomo, quanto na galáxia e no universo.

Outro ponto abordado por vários interlocutores é que a natureza teria um duplo aspecto. Se, por um lado, a natureza é o ambiente que nos rodeia com todos os entes e seres que a constituem, por outro, ela é ine-

rente a cada ser que habita este ambiente:

É igual o chinês fala: não existe saúde interna, ou seja, cuidar do corpo, sem cuidar da saúde externa, que é o ambiente. Não adianta você estar saudável num ambiente patológico, ou estar num ambiente saudável sendo você o patológico. Então, natureza interna e externa é a mesma natureza. É natureza, a separação causa o problema, na verdade.

Baseado no estudo da tradição chinesa, o naturólogo aponta que a saúde deve ser observada tanto numa relação com o corpo quanto com o ambiente. Ele distingue uma natureza interna e uma natureza externa, mas nega a separação entre elas ao dizer que são a mesma. Quando este naturólogo fala de cuidar do corpo, está falando de uma abordagem onde o corpo é visto como físico, psíquico, espiritual, social e cultural. E quando fala de cuidar do ambiente, está falando de um ambiente que inclui a cultura, a política, a economia.

Vale ressaltar, da última fala apresentada, outra questão importante: “[...] a separação causa o problema, na verdade.” Neste ponto, a noção de natureza começa a se relacionar com outro conceito central para o campo de saber naturológico: a abordagem integral do ser. É a partir desta forma de abordagem que os naturólogos compreendem os processos de saúde/doença. Nesta visão, qualquer distúrbio da saúde deve ser visto a partir da relação entre os muitos aspectos da vida (físicos, psíquicos, emocionais, culturais, entre outros) e reflete uma desintegração entre a pessoa que sofre, e a totalidade no qual se encerra a natureza. Vejamos uma fala que ilustra essa visão com clareza:

Por que que surgem todas as enfermidades? O grande problema do ser humano é justamente se sentir separado do todo e da natureza, né? Então, essa integração com a unidade, justamente, poderia trazer essa reconexão com o sagrado e essa visão de unidade, ne? Que é também o que a gente busca numa interagir.

Na visão naturológica, o ser -que é físico, psíquico, espiritual, cultural, político- , sofre quando se sente desintegrado do seu ambiente, que são os recursos naturais à sua volta, sua família, sua cultura, entre outras coisas. Nesta abordagem, o binômio natureza/cultura, que pressupõe uma dicotomia entre homem e natureza não é análogo ao binômio ser/ambiente, que pressupõe uma continuidade que deve ser sempre observada rumo à saúde.

2.3 A SAÚDE INTEGRAL E A ABORDAGEM INTEGRAL DO SER

As categorias que os naturólogos utilizam para se referir à sua visão acerca dos processos de saúde e doença são: saúde integral e abordagem integral do ser. Embora, algumas vezes, estes termos sejam utilizados como sinônimos, alguns naturólogos com quem conversei afirmaram que utilizar o termo saúde integral seria uma redundância, uma vez que a saúde englobaria, a despeito de qualquer cisão teórica, aspectos físicos, psicológicos, energéticos, ambientais, culturais sendo, portanto, sempre integral. De acordo com esta visão, a saúde sempre é integral, sendo que o diferencial de uma prática em saúde para outra é a abordagem, que pode ser reducionista, no estudo das especialidades médicas, por exemplo, ou ampliada, na busca pela integralidade.

Os interlocutores relataram que uma abordagem integral do ser deve levar em conta os diversos aspectos da vida do ser humano. Entretanto, ao falar acerca destes aspectos, alguns privilegiaram aqueles relacionados ao indivíduo (corpo, mente, energia) e outros apontaram a importância de observar o contexto do sujeito:

Então, é olhar todos os aspectos mesmo. Ver, conversar com a pessoa, ver o que está acontecendo. Que geralmente a pessoa vem aqui falando mais os sintomas, as coisas que está sentindo, mas tentar enxergar o que tá por trás, o que levou a isso. Aí, por isso, ver a parte física, energética e psicológica.

De acordo com a afirmação desta naturóloga, para compreender o sofrimento de forma integral, seria preciso levar em conta os fatores que estão por trás das manifestações sintomáticas de um distúrbio qualquer. Para tanto, ela aponta que seria necessário um olhar que aborde as partes física, energética e psicológica do indivíduo. Outra naturóloga apontou que uma abordagem integral deve levar em conta, além dos aspectos individuais, os aspectos relacionais do ser.

Pra mim essa saúde integral estaria relacionada, como a gente aborda na naturologia essa questão, a questão do físico, do emocional, que a gente aprende na naturologia e que é quase um mantra né? (risos) Da união dos aspectos físicos, emocionais, mentais, espirituais, so que daí falta um pouco essa questão do relacional, do social [...] Mas, pra mim essa questão, então, a questão da saúde integral, eu já colocaria essa questão do relacional, do cultural, que a gente não tem. Que na naturologia a gente tem essa questão de abordar a questão física, mental, emocional e espiritual [...] Mas falta justamente essa outra parte, da

questão do relacional, do cultural.”

Assim como esta interlocutora, outros naturólogos também afirmaram a importância dos aspectos culturais em suas reflexões acerca da abordagem integral:

Cara, saúde tá na cultura. A saúde integral é cultural. (eu: como assim?) Por quê? Porque se tu tem...o mais importante de integrar é integrar a pessoa na cultura na qual ela vive. Não vou querer pegar um gaúcho e querer que ele vire vegetariano, isso é saúde! Se ele come carne, ele come carne, é cultural. O que ele tem que fazer é qualificar os padrões de vida dele nos aspectos culturais em que ele está inserido [...] a cultura é o aspecto mais integrador da saúde.

Na visão deste naturólogo, a saúde está diretamente relacionada à integração da pessoa em sua cultura. Este foi um dos interlocutores que, ao falar da relação natureza/cultura, procurou traçar continuidades, ao invés de oposições. De acordo com sua abordagem, o enfermo que precisa ser reintegrado deve ser visto sob todos os seus aspectos (um ser que é físico, psíquico, cultural, político, entre outras coisas), assim como a cultura na qual ele deve reintegrar-se não pode ser vista como separada da natureza. O naturólogo apontou a importância de expandir o conhecimento sobre as culturas, tanto para refletir acerca das práticas de atenção à saúde, quanto para compreender melhor a pessoa que procura a ajuda de um naturólogo:

[...] você vai transformando a sua realidade com a ampliação de visão sobre as diversas culturas [...] o mundo está muito menor e você pode entender como vivia um chinês, como vive um japonês, como vive um indiano, como vive um brasileiro, um índio da Amazônia [...] Ai nós estamos, hoje, podendo, realmente, construir novas formas de saúde [...] Então o naturólogo, ele tem que ter uma visão clara, quando cada vez mais ampliada das diferentes culturas, das diferentes formas, respeitando, assim, o local onde aquele indivíduo está inserido, quais são os propósitos pra com ele, que ele tem com a vida dele, a história de vida dele.

Alguns naturólogos relataram que a abordagem integral é uma meta difícil de ser alcançada, uma vez que a disciplinarização extrema do conhecimento levou a uma visão que tende sempre à cisão e à redução. O trabalho do naturólogo seria, cada vez mais, buscar uma ampliação da perspectiva concernente à saúde, onde as diversas relações do ser humano com a totalidade do qual ele faz parte devem ser observadas. Nesta abordagem, um distúrbio qualquer de saúde não pode ser visto como um

fenômeno físico isolado, senão como parte de um processo que envolve todas as relações que o enfermo estabelece com o ambiente onde está inserido. Vale lembrar que este enfermo, sendo parte integrante e indissociável da totalidade, também deve observar as relações que estabelece consigo mesmo, ou com seu ambiente interno, em busca da saúde. Entretanto, estes ambientes interno e externo são distinguidos didaticamente pelos naturólogos, mas seriam inseparáveis na prática. Nesta visão acerca dos processos de saúde/doença, é necessário reconhecer quais são as relações entre o *ser* e o *ambiente* que perderam a integração e precisam ser reintegradas.

Além das categorias abordagem integral do ser e saúde integral, uma terceira categoria análoga foi apresentada no campo: a visão multidimensional do ser. Ao ser questionada acerca da *visão multidimensional do ser*, uma naturóloga fez a seguinte afirmação:

[...] eu acho que agente tem que saber primeiro o que que é a multi-dimensionalidade pro interagente, quais são as dimensões daquele interagente⁶, pra gente poder conseguir ajudar ele a caminhar por essas dimensões. As minhas dimensões são totalmente diferentes da sua, eu sei muito pouco sobre antropologia, essa minha dimensão é muito pequena em relação à tua por exemplo [...] Tem que ser integral para cada pessoa.

De acordo com esta interlocutora, não basta o naturólogo identificar as muitas dimensões de um interagente (física, psíquica, cultural, espiritual entre outras). De acordo com ela, é importante estar atento para o que cada uma destas dimensões significa para cada interagente. Nesta abordagem, o naturólogo deve ter a capacidade de dialogar acerca das várias formas de se vivenciar a saúde para, assim, poder respeitar a própria perspectiva do interagente acerca do seu processo de saúde e doença. Neste sentido, outra naturóloga afirmou:

Na sociedade temos conceitos fixos sobre o que é saúde, mas o conceito da pessoa é o que importa. Se as pessoas se sentem bem não importam os rótulos.

Outra característica importante da abordagem integral do ser é que ela se preocupa antes com a vida, e todos os processos relacionados a ela, do que com a patologia enquanto inimiga discreta que deve ser combatida e eliminada. Nesta visão, saúde e doença não são dois pólos opostos in-

6 *Interagente* é o termo que designa aquele que participa de uma *relação de interagência* (que é o encontro terapêutico naturoológico). Ou seja, interagente substitui os termos paciente ou cliente.

dependentes, mas dois momentos de um mesmo processo que se encerra na própria vida:

Pra mim quando fala de saúde integral o que me vem na cabeça, na hora, é ecologia profunda. [...] existe essa visão, na ecologia profunda, de que o planeta é um organismo vivo e, de fato, se você for pensar a vida não é característica de indivíduos isolados. A vida é característica de um planeta. Quando o planeta é vivo e consegue manter sua homeostase (manter os gases lá dentro, a temperatura estável e tudo isso) aí a vida começa. Então, pra existir vida no planeta o planeta precisa ser vivo [...] É um equilíbrio dinâmico, no caso da saúde integral, entre saúde e doença, entre estágios da vida de expansão e contração, onde a vida tenta se manter sempre num estado de homeostase [...]

Para se referir à saúde integral, este naturólogo aborda a vida a partir dos pressupostos da ecologia profunda, mostrando como os conceitos de natureza e saúde integral estão imbricados na construção da visão naturológica. A vida humana não é vista de forma antropocêntrica, senão como intrinsecamente relacionada a todas as outras formas de vida do planeta Terra. O foco não é a doença e nem mesmo a saúde, senão o continuum saúde e doença, onde doença e saúde seriam ideais nunca alcançados plenamente, uma vez que se alcançássemos um deles, em sua plenitude, cessaríamos o próprio movimento da vida. Portanto, ter qualidade de vida está em manter o equilíbrio, sempre dinâmico, entre o que se classifica como saúde/doença, sendo o adoecer, em si, uma oportunidade de transformação. Esta visão privilegia a vida em termos qualitativos, em detrimento a uma expectativa quantitativa de vida. Entretanto, quem decide o que é ter qualidade de vida não é o naturólogo, senão o próprio interagente, que é quem pode qualificar os padrões de sua vida como positivos ou negativos, a partir do seu contexto e das relações que estabelece com seu ambiente.

Na abordagem integral naturológica do ser, a experiência de adoecer é vista como um sinal de que algo na vida do adoecido precisa ser reavaliado, pois adoecer pode ser uma experiência de autoconhecimento e uma oportunidade de crescimento. O naturólogo não combate uma doença, senão auxilia uma pessoa que sofre a perceber quais aspectos da sua vida estão lhe causando sofrimento, ou quais relações deste ser com seu ambiente precisam ser observadas, avaliadas e transformadas (sejam alimentares, familiares, emocionais, sociais, sanitárias, entre outras). Como veremos, na próxima seção deste capítulo, restabelecer o equilíbrio dinâmico da vida e a harmonia entre o ser e seu ambiente é responsabilida-

de que cada interagente é convidado a assumir no processo terapêutico naturológico. Este processo terapêutico, descrito a seguir, é denominado *relação de interagência*.

2.4 A RELAÇÃO DE INTERAGÊNCIA

O grande diferencial da Naturologia não são as *práticas integrativas e complementares* que seus profissionais utilizam, senão a forma como se desenvolve o processo terapêutico naturológico: a *relação de interagência*. Nesta forma de encontro terapêutico, os conceitos de natureza, abordagem integral do ser, educação em saúde e energia se relacionam, constituindo a visão naturológica que fundamenta a prática do naturologo.

[...] pra mim o que dá identidade, com todos os poréns da palavra identidade, que eu já tenho vários, mas o que dá identidade à Naturologia não é necessariamente a perspectiva energética, mas é a perspectiva da interagência.

O termo *relação de interagência* foi cunhado poucos anos após a fundação da graduação em naturologia e é, portanto, uma categoria êmica intrínseca à mesma. Foi pensando numa ação mútua entre naturologo e interagente que esta categoria foi criada, pois os criadores do termo não queriam sugerir nem a passividade da pessoa que recebe as práticas naturológicas (que parece sugerir o termo “paciente”), nem o teor comercial do encontro terapêutico (que parece sugerir o termo “cliente”). Neste sentido, uma naturologa que se formou numa das primeiras turmas de Naturologia, e hoje é professora da graduação, afirmou:

[...] a palavra interagência, ela também foi criada, não quero ser chata, mas sempre vou voltar nisso, dentro de um contexto específico. Então, por que se fala interagência? Porque se acha que paciente-cliente não é o termo mais adequado para designar a pessoa que vem procurar a Naturologia, e como ela é tratada.

Ao utilizar o termo *relação de interagência*, os naturologos propõem que a responsabilidade pelo processo terapêutico naturológico não é exclusiva do naturologo. Ao rejeitar a ideia de passividade do enfermo no processo terapêutico, o naturologo o convida a se responsabilizar por sua melhora, ao passo que baliza o diferencial de sua profissão. Uma naturologa que está cursando medicina, ao falar acerca da *relação de interagência*, contrastou-a com a relação terapêutica da medicina ocidental:

Eu vou tentar falar um pouco sobre o papel do naturologo e do

médico para tentar chegar ao que eu vou querer. Na minha visão, o naturólogo tem um papel de fazer a outra pessoa interagir e refletir sobre os processos de vida, refletir sobre o que é qualidade de vida, sobre as relações sociais e etc. Para mim isso é interagência⁷, não é dizer: ‘e se você fizer isso, e se você fizer aquilo’. Por exemplo: ‘Ah você precisa caminhar’, todo mundo fala, mas qual é a dificuldade daquela pessoa? [...] o que é o caminhar para ela? E seria essa a parte da Naturologia, que é trazer um pouco de reflexão de vida mesmo. Enquanto a medicina não adianta, é focada no diagnóstico. Você pode fazer o diagnóstico um pouco mais educadamente, ou um pouco menos, mas o seu foco é o diagnóstico [...]

Neste trecho da conversa, a naturóloga ressaltou que o papel do naturólogo é ajudar o interagente numa reflexão acerca da vida, em contraste com o encontro médico convencional, onde o diagnóstico (identificação e classificação de uma patologia orgânica) é o principal objetivo. Mas a *relação de interagência* não diferencia o naturólogo só dos profissionais da medicina ocidental. Embora o campo de saber naturoológico aborde tradições médicas não ocidentais (como as medicinas chinesa e ayurveda), a *relação de interagência* não é idêntica às relações médico-paciente destas tradições. Uma naturóloga especialista em ayurveda apontou que o encontro terapêutico ayurvédico também não é igual à *relação de interagência* do naturólogo:

Foi como eu te falei, exige-se esse nome, é importante que agente fale, que a gente escute, mas é dentro desse contexto. Agora, se agente fosse olhar de fora, pensando nisso que a gente fala de interagência, e se fosse olhar uma consulta ayurvédica, como eu já fiz, eu não vejo um processo de interagência.

De acordo com esta naturóloga, e com outros interlocutores, nem o encontro terapêutico ayurvédico, nem o encontro terapêutico chinês são idênticos à *relação de interagência*. Para citar apenas um exemplo, os naturólogos abordam conteúdos acerca da psicologia humanista em suas reflexões acerca da *relação de interagência*, sobretudo a psicologia humanista desenvolvida por Carl Rogers, ao passo que este não é um assunto importante para os saberes chineses e ayurvédicos. Como vimos na introdução deste trabalho (p. 9), foi a partir da chegada de Abraham Maslow ao movimento da contracultura que a psicologia humanista e os saberes orientais tiveram contato pela primeira vez. Entretanto, a *relação*

7 É comum o termo relação de interagência ser utilizado em sua forma abreviada: *interagência*.

de interagência dos naturólogos tem alguma influência dos saberes não ocidentais que a Naturologia aborda. As falas de um professor de medicina chinesa e de uma naturóloga parecem exemplificar esta questão:

O terapeuta na medicina chinesa está muito atento ao caminho que a terapia provoca junto ao paciente, e não é à toa que com a palavra TAO eles chamam caminho [...] palavra TAO que significa esse conduzir contínuo [...]

Porque eu acho que o processo da interagência é um processo de transformação, é um processo de evolução desse acompanhamento, desse encontro [...]

O professor de medicina chinesa apontou que a terapia, para o chinês, é um caminhar, um conduzir contínuo. Por outro lado, a naturóloga também defende que a *relação de interagência* naturológica é um processo de acompanhamento que, como demonstrado neste capítulo, procura auxiliar o interagente em seu caminhar pela vida. Estou apontando as aproximações e os distanciamentos entre a Naturologia e as tradições médicas não ocidentais, para salientar que a *relação de interagência*, assim como os saberes naturológicos em geral, tem influência contínua de diversos saberes em saúde, embora não se limite a nenhum deles. No caso da *relação de interagência* isto fica muito claro, pois é uma forma de encontro terapêutico baseada na psicologia humanista, criada no ocidente, que utiliza pressupostos, saberes e técnicas de tradições médicas não ocidentais (como as medicinas chinesa e ayurveda, por exemplo).

A noção de processo também é central no entendimento do conceito de *relação de interagência*. Assim como o continuum saúde/doença é, na visão dos naturólogos, um processo dinâmico, o encontro terapêutico também encerra em si um processo que pode culminar, na melhor das hipóteses, numa transformação do interagente. Este processo constitui-se de alguns “momentos” específicos, identificados a partir dos relatos dos interlocutores. Num primeiro momento é necessária a *intenção*, ou o *propósito*, do interagente:

Hoje chegou uma menina com uma dor crônica de ombro [...] Ela tava com muita raiva, desconstruímos o processo, ela identificou o processo, respiramos o processo, vimos os significados [...] Ela saiu movimentando o braço que ela nunca movimentava [...] porque pra vir pra intergência o grande fator é a intenção.

A partir de uma intenção de melhora, o interagente busca ajuda do naturólogo e, só a partir desta intenção é que a interagência pode se desenvolver. Outro momento importante deste processo é a fusão de pro-

pósitos. De acordo com um naturólogo:

[...] interação no sentido, também, de fusão dos propósitos individuais dentro da terapêutica.

A partir da fusão de propósitos entre o naturólogo e o interagente emerge a possibilidade de troca. A fusão de propósitos, da qual este interlocutor está falando, também é chamada de *vínculo terapêutico* pelos naturólogos:

Acho que tudo isso é uma relação de interagência. Ela trazendo o propósito de querer se melhorar também. Não adianta nada, por exemplo, a pessoa ser forçada a ir num lugar se trabalhar terapeuticamente, se ela não quer. Acho que a pessoa tem que tá aberta também pra receber um tratamento. Quando a pessoa tá aberta, já é um sinal de que a intergência tá começando [...] quando começa a ter uma troca, nesse sentido, de informações, voltados para tudo que eu falei, voltados para hábitos, costumes, isso e aquilo, começa o sinal da intergência pra mim.

É a partir do estabelecimento do *vínculo terapêutico* que se abre a possibilidade de troca e interação entre naturólogo e interagente. Se, por um lado, o naturólogo auxilia o interagente no decorrer do processo da interagência a identificar as causas do seu sofrimento, por outro, é a partir deste mesmo processo que o naturólogo tem a possibilidade de crescimento pessoal. De acordo com uma naturóloga:

[...] depois que cria um vínculo de confiança, esse vínculo terapêutico, aí eu acho que as duas juntas podem ir bem longe. Podem crescer muito.

A *relação de interagência* é, portanto, um momento de autocohecimento e crescimento do interagente mas, também, do naturólogo. Vários interlocutores afirmaram que muitos dos sofrimentos trazidos pelos interagentes ressoam com os seus próprios processos pessoais. De acordo com eles, isso possibilita que o naturólogo também reveja seus conflitos rumo a um crescimento. Alguns exemplos:

Então, além disso, precisava de mais presença ainda pra não me identificar com aquilo que a pessoa tava trazendo e pra observar que aquilo que ela tava trazendo ressoava dentro de mim.

Interagência pra mim [...] tudo que eu preciso ver em mim, eu vejo no outro. Vejo padrões meus nos outros, eu me vejo na situação deles.

A *empatia* é, portanto, fundamental na *relação de interagência*. A *compreensão empática* é abordada como pressuposto fundamental da *Abordagem Centrada na Pessoa*, da psicologia humanista desenvolvida

pelo psicólogo Carl Ransom Rogers. Além da empatia, outros pressupostos básicos desta Abordagem Centrada na Pessoa são importantes numa *relação de interagência*. De acordo com esta abordagem, para que o terapeuta tenha a possibilidade de desenvolver uma compreensão empática, é necessário que ele consiga manter, também, sua *congruência*. A questão relativa à congruência, nesta visão, é: se o terapeuta está incongruente e preso à sua própria rigidez, como ele poderá auxiliar na fluidez de outra pessoa, ou como compreenderá empaticamente esta outra pessoa? Para dar um exemplo bastante simples: como o terapeuta auxiliará alguém que tem medo de escuro, se ele mesmo sente esta forma de temor? Ou seja, o naturólogo precisa estar em constante processo de autoconhecimento para que possa interagir com eficiência. Caso contrário, o processo de interagência estagnar-se-á no ponto onde ele não conseguiu avançar em seu próprio processo de desenvolvimento:

Então, por isso que aqui eu tento priorizar, assim, até onde eu consigo ir [...] eu sou bem sincera, eu falo: 'Ó, isso eu também tenho dificuldade de fazer, mas eu sei que o ideal seria conseguir alcançar determinada coisa.' Eu vou tentar, também, porque a pessoa já tá me trazendo o conteúdo, pra mim olhar pra aquele conteúdo com mais clareza. E eu vou trazer aquilo pro meu dia-a-dia com certeza! Entende? então, essa que é a interagência.

É necessário, portanto, que o naturólogo esteja em constante trabalho terapêutico para que possa se tornar um bom terapeuta. Entretanto, o naturólogo precisa estar atento à visão do interagente acerca da saúde pois, apesar da interagência ser uma troca onde naturólogo e interagente podem crescer juntos, a perspectiva do interagente acerca de seu próprio processo é central nesta forma de relação terapêutica. Na valorização da perspectiva do interagente acerca do seu processo, outro ponto importante deve ser ressaltado: não pode haver julgamento. Para exemplificar esta característica da interagência:

Interagência pra mim [...]: aceitação, presença, cuidado e gentileza. Eu acho que tem a ver com aceitar o que a pessoa está falando. Aceitar significa não julgar em hipótese alguma. Acho que a pessoa tem que ter toda a liberdade de fazer e ser quem ela é. Hoje, eu estava no consultório de manhã e a menina falou assim pra outra: 'Olha, vou dizer pra vocês, eu sou boa, mas quando eu sou ruim, eu sou melhor ainda [...]'

Neste momento da nossa interlocução manifestei algum espanto, e a naturóloga me advertiu, dizendo:

Tipo, essa é uma reação que, quando a gente está interagindo,

a gente não vai ter. Ela pode ser isso, ela pode ser aquilo, ela pode ser quem ela quiser, branca, ruiva, preta, amarela, azul. [...] Ela não é a maldade em pessoa, mas a gente só vai deixar a bondade dela aparecer se não tiver algo que avalie, que feche, que julgue.

Compreender empaticamente uma pessoa, segundo os interlocutores, é uma forma de possibilitar a manifestação desta, para que ela mesma se conheça rumo ao seu desenvolvimento pessoal. Para o desenvolvimento da compreensão empática necessita-se, portanto, da ausência de julgamento. Mas, apesar desta ausência de julgamento do naturólogo, o interagente é sempre convidado a se responsabilizar por sua melhora numa *relação de interagência*. De acordo com muitos dos meus interlocutores, interagir no consultório é o início deste processo, que só pode alcançar sua plenitude se o interagente se responsabilizar por ele:

Então, quando ela vem, a primeira coisa que eu explico é isso: eu não vou tá aqui pra resolver seu problema, eu tô aqui pra te ajudar. Tanto, que a metade do meu trabalho é feito aqui, no consultório, e a outra metade é a pessoa que faz em casa.

Na *relação de interagência*, naturólogo e interagente são responsáveis pelo processo terapêutico, que só terá êxito caso este interagente assuma a responsabilidade pela sua melhora, por sua própria vida e por todos aspectos concernentes a ela. É importante lembrar que, a partir da abordagem integral, os naturólogos distinguem estes diversos aspectos da vida (físicos, psíquicos, culturais, ambientais, entre outros), mas não os vêem separadamente, senão como partes, intrinsecamente imbricadas, de uma totalidade. Problemas em qualquer um destes aspectos, e em geral em vários deles, podem ocasionar uma sensação de separação com relação à totalidade, que é a causa do sofrimento e deve ser observada pelo interagente em seu processo terapêutico. Entretanto, de acordo com essa visão, a totalidade não é absoluta, mas deve ser vista a partir da perspectiva daquele que precisa da reintegração dos diversos aspectos rumo a uma vida com mais qualidade.

Em poucas palavras: a partir de uma intenção, o interagente procura o naturólogo para que se inicie o processo da interagência. Mas é por meio da fusão de propósitos, da compreensão empática e da congruência que o naturólogo pode criar o *vínculo terapêutico* necessário. A partir deste vínculo, ele pode auxiliar o interagente a perceber quais aspectos da sua vida estão relacionados com seu sofrimento, para que este interagente possa operar as transformações necessárias. Mas, para tanto, o interagente é convidado a se responsabilizar por seu processo terapêutico, convite

que é feito pelo naturólogo a partir da *educação em saúde*.

2.5 EDUCAÇÃO EM SAÚDE

A educação em saúde e a relação de interagência são noções intimamente interligadas na prática do naturólogo. De acordo com um naturólogo professor de medicina chinesa:

Meu foco é esse: é ensino. Eu trabalho justamente com a ideia de que Naturologia não é sistema de saúde, é educação em saúde! Pra mim, é um sistema de educação em saúde, você ensina a pessoa a viver saudável e não você cura ela.

Mas a educação em saúde que os naturólogos propõem não visa simplesmente orientar ou instruir o interagente acerca do que ele deve ou não fazer. Esta noção de educação está muito menos relacionada com o “dar o peixe” do que com um “ensinar a pescar”. Ou seja, o naturólogo deve, antes, auxiliar o interagente no resgate do seu poder pessoal, do que simplesmente assistencializar a pessoa que procura por sua ajuda. Neste sentido, uma naturóloga mestre e doutoranda em Saúde Pública, afirmou:

Eu acho que tem duas coisas importantes, quando a gente vai pensar em interagência ou falar de interagência. Primeira, é você ter claro que a pessoa que tá ali é autônoma no processo dela. Se você não tiver isso claro, você não vai conseguir estabelecer uma *relação de interagência*. Você vai estabelecer, você vai repetir um modelo de poder, você vai repetir um modelo de relação que um sabe, outro não sabe...esse domínio, esse poder. Então, tendo essa clareza de autonomia, que ela é autônoma no processo, você contribui, você auxilia.

A educação em saúde realizada na *relação de interagência* valoriza a autonomia do indivíduo e sua responsabilidade no processo terapêutico, em detrimento de um tipo de encontro onde o profissional da saúde seria o detentor da verdade e o paciente um sujeito sem voz, ou com uma agência praticamente nula. O saber, ou o poder, não é uma exclusividade do profissional naturólogo, que deve apenas auxiliar o interagente a reconhecer seu potencial interno de cura.

Eu acho que o nosso atendimento, ele difere, justamente, [...] porque você tá trabalhando numa horizontalidade [...] Esse trabalho eu acho muito bacana, você dar o poder de volta pra pessoa e não o médico, o cara que vai salvar tua vida. Essa é a principal questão que me bate, assim, dentro de uma interagência. Demonstrar pra pessoa que

ela só vem colhendo o que ela vem plantando, que a cura tá inteiramente dentro dela, e que é possível ela mudar de vida desde que ela queira.

No trabalho do naturólogo, o papel da pessoa que está recebendo atenção à saúde é fundamental, sendo que o poder de transformação, de melhora ou de cura está “*inteiramente dentro dela*”. O naturólogo é um facilitador, um guia para que a própria pessoa possa se responsabilizar por sua saúde e possa resgatar seu poder pessoal e sua autonomia:

[...] o indivíduo, a pessoa que veio buscar ajuda, deve ser incentivada a se colocar dentro desse processo do caminhar da vida, dessa ideia de saúde e doença, para que ele possa buscar saúde por si mesmo, de forma mais autônoma, de forma mais responsável, também se responsabilizando por todos os processos, que faz parte da vida dele, enfim.

O naturólogo é essencialmente um educador, uma vez que seu trabalho é mais o de educar uma pessoa com relação à sua saúde, do que promover sua cura. A forma com a qual os naturólogos trabalham com a educação está muito mais voltada a um processo de autoconhecimento do que à transmissão de conhecimentos acerca desta ou daquela prática terapêutica. Por exemplo, nesta forma de educação, o mais importante não seria listar os hábitos bons e ruins para se ter uma boa velhice. É muito mais importante que as pessoas resgatem seu poder pessoal para, por si mesmas, desenvolverem formas de viver a velhice plenamente. As práticas em saúde (integrativas e complementares, chinesas, ayurvédicas, entre outras) são, nesta abordagem, as ferramentas das quais o naturólogo dispõe para ajudar o interagente a trilhar seu próprio caminho de autoconhecimento rumo à tomada de consciência. E é a partir desta tomada de consciência, deste empoderamento, que o interagente pode operar transformações profundas em seus processos de vida. Muitos dos naturólogos com quem conversei declararam, enfaticamente, que a educação em saúde é cem por cento da *relação de interagência*.

Sendo a *relação de interagência* o encontro terapêutico que diferencia o naturólogo dos outros profissionais da saúde, e a educação em saúde o fundamento da *relação de interagência*, é possível dizer que um diferencial importante do naturólogo está no fato de que ele é um educador em saúde.

Alguns interlocutores também fizeram uma interessante ampliação das noções de interagência e educação em saúde. De acordo com eles, estas noções podem, e devem, ser projetadas para as relações sociais e ambientais. Neste sentido, o naturólogo teria o importante papel de promover a educação em saúde voltada à sustentabilidade ambiental e à

saúde social. Muitos naturólogos têm trabalhado em projetos sociais, promovendo ideias ligadas à sustentabilidade ambiental e ao controle social. Um dos naturólogos entrevistados relatou estar trabalhando em projetos sociais organizados por uma ONG localizada na cidade de São Paulo. Questionado se considerava este trabalho relacionado à Naturologia:

Com certeza! Porque é um trabalho ligado à educação. Então, a própria maneira como você lida com os seus hábitos, por exemplo, com seu lixo orgânico, você já gera uma consciência de reeducação alimentar. Você tá prestando mais atenção às coisas que você produz, o cheiro dos alimentos quando degradam é...a própria utilização da água, mesmo. Eu acho que traz uma reflexão que a gente aplica no nosso dia-a-dia, então traz mais saúde, né? Uma saúde social, uma saúde ambiental: saúde integral, com certeza!

A relação de interagir, vista de forma ampliada, transcende o encontro clínico individual e pode promover a educação em saúde para grupos de idosos, dependentes químicos, crianças carentes, em outros diversos contextos onde o trabalho com grupos visa o bem estar social. Esta ampliação, levada ao ambiental por alguns naturólogos, também conta com grupos de naturólogos que trabalham e incentivam a agricultura orgânica, a reciclagem, o desenvolvimento de energia sustentável, entre outras ações socioambientais.

2.6 ENERGIA

A Naturologia é uma prática de atenção a saúde vitalista⁸. Ou seja, baseada na vida e no pressuposto de que existe uma força vital intrínseca a todos os seres vivos, sem a qual só resta a morte e a partir da qual se pode promover a saúde. Os naturólogos chamam este princípio vital de energia. A noção de energia é amplamente utilizada pelos naturólogos em suas reflexões, entretanto, é uma das mais controversas, uma vez que é uma das mais polissêmicas.

8 “O Vitalismo é a doutrina que afirma a existência de um princípio irreduzível ao domínio físico- químico para explicar os fenômenos vitais. Nesta concepção o corpo físico dos seres vivos é animado e dominado por um princípio imaterial chamado força vital, cuja presença distinguiria o ser vivo dos corpos inanimados e sua falta ou falência determinaria o fenômeno da morte. A tendência da medicina moderna é a não aceitação do vitalismo. O paradigma da medicina é materialista, por excelência. O paradigma da homeopatia é vitalista.” (CHAPERMAN, 2013, p.1)

Um problema que os naturólogos enfrentam para legitimar as práticas energéticas com as quais trabalham, é o fato de que a energia sobre a qual eles atuam não pode ser medida ou mensurada com facilidade, pelo menos nos termos científicos ocidentais. A dificuldade de mensuração desta energia faz com que, muitas vezes, certa insegurança científica paira sobre os saberes que este grupo tem desenvolvido. Por um lado, alguns naturólogos negam a necessidade de cientificidade na abordagem energética, outros se queixam desta abordagem justamente por não ser passível de comprovação científica. Os que defendem a não cientificidade dizem que, no contexto onde muitas destas práticas energéticas emergiram, o conhecimento é construído de forma muito distinta da forma como a ciência ocidental foi construída. Este abismo epistemológico, segundo eles, resulta no fato da ciência ocidental não estar apta a abranger com eficiência estes conhecimentos. Os que defendem uma abordagem cientificista argumentam que a falta de cientificidade é um obstáculo na legitimação dos saberes naturoológicos.

É importante observar que a noção de energia que se fala aqui não é a mesma noção da física clássica, embora não a exclua. A noção que os naturólogos apresentam acerca de energia está muito mais voltada às reflexões filosóficas geradas pelo advento da física quântica. Não se pretende discutir neste trabalho as implicações provenientes dos estudos subatômicos, nem a forma como a física quântica aborda energia. O que interessa é simplesmente descrever a forma como os naturólogos estão lidando com a noção de energia.

A energia, para os naturólogos, está relacionada com um impulso vital que permeia todas as coisas. Este impulso vital está em constante movimento e tem relação direta com a saúde, quando em equilíbrio dinâmico, ou com a doença, quando estagnada ou em desequilíbrio. De acordo com esta visão, o ser humano é um emaranhado de energias densas e sutis, sendo que qualquer acontecimento que afete um ser, afeta toda energia deste ser em suas diferentes manifestações. Este emaranhado de energia em que se encerra o ser humano é formado pela convergência das várias formas de manifestação energética (física, psíquica, cultural, ambiental). Muitas das *práticas integrativas e complementares* utilizadas por naturólogos tem como foco o reequilíbrio desta energia e, portanto, a noção de energia guarda uma relação importante com a visão dos naturólogos acerca dos processos de saúde e doença.

Como vimos, a noção de natureza dos interlocutores sugere uma totalidade do qual tudo e todos fazem parte. A partir da abordagem inte-

gral do ser, o naturólogo busca compreender todas as relações entre ser humano e esta totalidade e, nesta visão, um sofrimento qualquer é reflexo da separação que o sofredor sente com relação à totalidade do qual ele faz parte, lembrando que esta separação nunca chega a se consumir completamente. Pois bem, é a energia que mantém esta totalidade coerente, que liga todas as coisas, que permeia todo ser e todo ambiente: é a expressão do movimento desta totalidade. Seguem algumas afirmações que exemplificam a relação da energia com o movimento e com a totalidade:

Energia? Putz! É muito amplo [...] É tudo que move, tudo que move. É tudo que traz movimento. [...] engloba realmente tudo. Engloba esse copo, esse canudo, papel, engloba tudo (risos).

Energia é tensão em movimento. [...] A energia é o princípio primordial do movimento. então, pra que possa existir matéria, precisa existir movimento, porque matéria é energia em atrito. Se não tiver movimento não tem atrito, então energia é o primórdio do movimento, o que rege tudo... Ah! É muito difícil falar de energia, Diogo.

Percebi, durante o trabalho de campo, que existe certa dificuldade dos interlocutores em racionalizar e verbalizar a noção de energia. De acordo com eles, isto se deve ao fato dessa energia ser menos acessível à razão que à sensibilidade. Entretanto, a percepção acerca da energia de um interagente é utilizada, pelos naturólogos, como uma forma de avaliação ou diagnose. Muitos interlocutores afirmaram que começam a avaliação energética desde o momento em que o interagente entra no consultório. De acordo com eles, é possível sentir e perceber como está energeticamente uma pessoa observando pequenos gestos, como a forma com que a pessoa entra no consultório, como caminha, seu tom de voz, sua postura, a forma como se acomoda na cadeira ou na maca, entre outros gestos corriqueiros. Ou seja, a forma como a pessoa se expressa tem, nesta visão, relação direta com a situação energética da pessoa. Apesar de existirem alguns instrumentos utilizados pelos naturólogos para a mensurar esta energia, cuja manipulação é estudada na radiestesia, a grande maioria dos naturólogos que participaram da pesquisa afirmou não utilizar estes instrumentos, senão sua própria sensibilidade:

Ah, eu acho que energia assim, tipo, tu percebe ela com sensações [...] quando tu começa a sentir o teu corpo, e tem uma ligação de mais consciência corporal, você consegue sentir a doença e ela se manifestar fisicamente, então você percebe, [...] tu sente, tu consegue sentir. Então, eu acho que a energia tem a ver com o sentir, que é uma atmosfera diferente do pensar. Você não pensa nisso, você sente uma sensação, você

sente por um estado emocional, tem dia que você acorda mais motivado, tem dia que você acorda com uma energia mais introvertida, eu acho que energia tem mais há ver com sentir.

Esta sensibilidade para a energia do interagente é desenvolvida no próprio processo de autoconhecimento que naturólogo tem que vivenciar em sua jornada de desenvolvimento pessoal. Para que o naturólogo possa auxiliar no reequilíbrio energético do interagente é necessário que ele mesmo esteja com sua energia em equilíbrio dinâmico.

Um ponto interessante levantado por alguns interlocutores é que qualquer terapia energética se torna mais efetiva mediante a educação em saúde. De acordo com esta visão, uma prática energética auxilia a desfazer um padrão energético negativo mas, sem uma mudança de hábitos, este padrão negativo volta a se repetir. O papel da educação em saúde é auxiliar o interagente a identificar que aspecto da sua vida está relacionado a este padrão negativo, e é partir desta percepção que o interagente pode operar transformações significativas em sua vida:

A questão é que isso é só o detalhe do atendimento. Não é o atendimento. O atendimento é acompanhar o processo de saúde/doença. Isso foi o que eu aprendi [...] Então, pra mim, o que que a prática energética faz? Ela desfaz um padrão que tá fixo. Por um instante mínimo na verdade. Porque depois de dez minutos que ela sair de lá, ela vai voltar pro padrão que ela tava antes automaticamente. Mas aí o que que o naturólogo tem que fazer? Desfazer esse padrão e aí dar meios, estimular a pessoa pra que ela consiga [...] refletir em cima dele e flexibilizar a forma como ela tava [...] conseguindo não reagir daquela forma como ela tava reagindo.

Portanto, ainda que muitas das práticas utilizadas pelos naturólogos tenham perspectiva energética, a educação em saúde continua sendo central na relação naturólogo/interagente. Sem a tomada de consciência do interagente acerca das causas do seu desequilíbrio, a prática energética tem uma eficácia reduzida.

A visão geral acerca da noção de energia apresentada acima é partilhada pela grande maioria dos interlocutores. Entretanto, em alguns pontos, o discurso sobre energia deixa de ser consensual e manifesta sua multivocalidade. Um dos problemas apontados pelos interlocutores é que diferentes noções, provenientes de diferente contextos, são tratadas por alguns naturólogos como uma mesma energia. Ao questionar um naturólogo se energia, chi e prana, noções respectivamente ocidental, chinesa e indiana, são a mesma coisa, ele respondeu:

É a mesma coisa. Lógico, alguns vão dar um foco diferente. Por exemplo, quando o indiano fala prana ele tá falando de uma energia mais sutil. Quando o chinês fala chi, ele tá falando de algo mais palpável. Porque você pode sentir o chi mais fácil do que o prana.

Este naturólogo partilha da opinião de que prana e chi seriam a mesma energia. No entanto, um dos professores de medicina chinesa da Naturologia, ao ser questionado neste sentido, respondeu:

Tua pergunta é boa e polêmica. O estudo que eu fiz da língua chinesa e da língua sânscrita, ou da cultura asiática em geral, me leva a crer que não, que a palavra chi, a palavra prana e a palavra energia, do grego, não querem dizer a mesma coisa e não estão no mesmo campo semântico. A tentativa de aproximar elas entre si é uma tentativa científica, ela só faz sentido depois do século XVIII. Somos nós, modernos, que temos a ideia de que tudo pode ser comparado, porque tudo pode ser visto do alto, de maneira panorâmica, segundo relações de semelhança [...] eu acho que isso é tirar riqueza das diferenças [...] tentar aproximá-las não é tão rico como tentar compreender, como, de fato, Grécia, Europa, China, Índia, Guaranis e etc, conceberam a relação com a natureza de modos diferentes, deram respostas diferentes, soluções diferentes para questões parecidas que a natureza ofereceu.

Num movimento claramente distinto daquele apresentado pelo interlocutor anterior, esta fala valoriza as diferenças culturais, em detrimento de uma possível unificação e homogeneização. Uma naturóloga e professora do curso de naturologia, ao ser questionada se energia, chi e prana são a mesma coisa, respondeu:

Não, eu acho que eles não tem há ver uma coisa com a outra, mas são formas, são formas dentro dos seus contextos, são formas dentro das suas racionalidades, de interpretar esse movimento que dá vida.

Portanto, se por um lado, muitos interlocutores afirmaram que energia, prana e chi são a mesma coisa, homogeneizando estas noções, outros defenderam que observar as diferenças é mais rico do que achá-las.

3 A PLURALIDADE DE SABERES NA NATUROLOGIA

Neste capítulo descrevo a pluralidade de saberes que constitui o campo de saber naturoológico. Num primeiro momento, pretendo mostrar a forma como distintas disciplinas ocidentais (biologia, psicologia, antropologia, entre outras) estão sendo abordadas no ensino da Naturologia para, em seguida, analisar a forma como saberes não ocidentais (os sistemas médicos chinês e ayurveda e o xamanismo) estão sendo assimilados neste contexto. Depois de analisar a pluralidade de saberes no ensino da Naturologia, trago novamente a voz dos naturólogos para compreender como estes diversos saberes são articulados por estes profissionais.

O curso de Naturologia oferecido na UNISUL foi fundado em 1998 e tem, portanto, aproximadamente quinze anos de existência. Seus fundadores desenvolveram um projeto pedagógico experimental, uma vez que foram pioneiros e não tinham muitas referências acerca de outros cursos de Naturologia no Brasil⁹. Com o passar dos anos, os pontos fracos e deficiências deste primeiro projeto pedagógico começaram a emergir, o que levou à primeira reformulação curricular da Naturologia e à elaboração do seu segundo projeto pedagógico, que entrou em vigor no ano de 2004. Com o ingresso de naturólogos em programas de mestrado e doutorado em universidades públicas brasileiras, novas questões começaram a emergir e uma segunda reformulação curricular se fez necessária. A partir desta segunda reformulação, foi elaborado o terceiro projeto pedagógico da Naturologia, em vigor desde 2012.

3.1 PRIMEIRO PROJETO PEDAGÓGICO DA NATUROLOGIA (1998 A 2004)

Para desenvolver o primeiro projeto pedagógico do curso de graduação, os fundadores da Naturologia em Santa Catarina pesquisaram, em bases de dados do mundo inteiro, informações acerca de saberes relacionados às práticas tradicionais, integrativas e complementares, atentos a uma possível complementaridade com relação às profissões da saúde já estabelecidas no Brasil. Este trio de fundadores era composto por uma farmacêutica, uma terapeuta alternativa e um psicólogo.

O primeiro *Projeto Pedagógico da Naturologia* (ver Tabela 1) es-

9 Na época da fundação da Naturologia em Santa Catarina, só havia um curso oferecido numa universidade espírita de Curitiba.

tava muito voltado: à psicologia, por meio de disciplinas como Psicologia Geral, Arteterapia I e II, Psicologia Aplicada à Naturologia, Renascimento, Terapia dos Sonhos, entre outras; à biologia, em disciplinas como Biologia Integrada, Anatomia Humana, Botânica Aplicada à Naturologia, Fisiologia Humana, Neurofisiologia, Farmacologia, entre outras e ao conhecimento técnico das práticas integrativas e complementares, nas disciplinas de Fitoterapia I e II, Hidroterapia, Musicoterapia, Cromoterapia, Geoterapia, Reflexologia, Iridologia, Cristalografia, Florais, Massoterapia, Aromaterapia, Radiestesia, entre outras. Também eram ofertados alguns poucos créditos voltados às ciências sociais, nas disciplinas de Antropologia e Sociologia, além de outros voltados à prática científica (Metodologia Científica, Metodologia da Pesquisa) e à reflexão filosófica (Ética e Legislação Profissional e Filosofia Aplicada à Naturologia).

Os estágios eram divididos em *Estágios I, II e III; Clínica Naturológica e Estágio Supervisionado*. Nos três primeiros, os alunos eram incentivados a desenvolver projetos voltados ao trabalho social em empresas e outros contextos que não o atendimento clínico individual. Só no oitavo semestre, na disciplina de Clínica Naturológica, os futuros naturólogos tinham suas primeiras experiências em atendimento clínico. Um pequeno grupo de estudantes, de três a cinco, aproximadamente, atendia clinicamente uma mesma pessoa sob a supervisão de professores do curso. O *Centro de Práticas Naturais*, como é chamada a “clínica escola” que faz parte do curso de graduação de Naturologia, recebia membros da comunidade local próxima à universidade, funcionários e alunos. Na nona e última fase os estudantes passavam pelo Estágio Supervisionado da Naturologia, onde atendiam individualmente alguns interagentes, ainda sob a supervisão dos professores.

O corpo docente que atuou durante a vigência deste primeiro projeto pedagógico era composto por profissionais com formações diversas, como psicologia, antropologia, teologia, geologia, fisioterapia, enfermagem, biologia, nutrição e filosofia. Em geral, além de suas formações acadêmicas, estes profissionais possuíam alguma especialização em *práticas integrativas e complementares*, como uma psicóloga especializada em terapia floral, enfermeiras especializadas em fitoterapia e uma antropóloga especialista em arteterapia, por exemplo. Destes professores, alguns eram mestres e outros, doutores, sendo a maioria composta por especialistas.

Tabela 1 Primeira grade curricular do curso de Naturologia (UNISUL)

| Semestre | Disciplina | Número de créditos |
|----------|------------------------------------|--------------------|
| I | Filosofia Aplicada à Naturologia | 2 |
| | Inglês Técnico I | 4 |
| | Introdução à Naturologia Aplicada | 2 |
| | Metodologia Científica | 2 |
| | Tópicos Especiais I (Nutrição) | 2 |
| | Psicologia Geral | 4 |
| | Língua Portuguesa I | 4 |
| | SUBTOTAL | 20 |
| II | Anatomia Humana | 4 |
| | Arteterapia I | 2 |
| | Biologia Integrada | 4 |
| | Física Quântica Básica | 4 |
| | Ecologia Aplicada à Naturologia I | 2 |
| | Botânica Aplicada à Naturologia | 4 |
| | SUBTOTAL | 20 |
| III | Arteterapia II | 2 |
| | Fitoterapia I | 4 |
| | Sociologia | 4 |
| | Hidroterapia | 4 |
| | Fisiologia Humana | 4 |
| | Ecologia Aplicada à Naturologia II | 2 |
| | SUBTOTAL | 20 |
| IV | Antropologia | 2 |
| | Musicoterapia | 4 |
| | Reflexologia | 2 |
| | Renascimento | 2 |
| | Psicologia Aplicada à Naturologia | 2 |
| | Geoterapia I | 2 |
| | Fitoterapia II | 2 |

| | | |
|------|---------------------------------------|----|
| IV | Cromoterapia | 2 |
| | SUBTOTAL | 18 |
| V | Cristalografia | 2 |
| | Primeiros Socorros | 4 |
| | Neurofisiologia | 2 |
| | Iridologia | 4 |
| | Florais | 2 |
| | Estágio I | 2 |
| | Cinesiologia Aplicada | 4 |
| | SUBTOTAL | 20 |
| VI | Antroposofia Aplicada à Naturologia I | 2 |
| | Aromaterapia | 4 |
| | Recreação e Lazer | 2 |
| | Tópicos Especiais II | 2 |
| | Geoterapia II | 2 |
| | Técnicas Corporais I – Chi Kun | 2 |
| | Massoterapia | 2 |
| | Estágio II | 2 |
| | SUBTOTAL | 18 |
| VII | Estágio III | 2 |
| | Farmacologia e Psicofarmacologia | 4 |
| | Técnicas corporais II – Tai Chi | 2 |
| | Trofologia | 4 |
| | Radiestesia | 4 |
| | Metodologia da Pesquisa | 2 |
| | Metodologia da Ginástica Adaptada I | 2 |
| | SUBTOTAL | 20 |
| VIII | Clínica Naturológica | 4 |
| | Ética e Legislação Profissional | 2 |
| | Talassoterapia | 4 |
| | Tanatologia | 4 |

| | | |
|------|--------------------------------------|-----------------|
| VIII | Psicopatologia | 4 (tava certo) |
| | Metodologia da Ginástica Adaptada II | 2 |
| | Gerontologia | 2 |
| | SUBTOTAL | 24 |
| IX | Estágio Supervisionado | 20 |
| | Terapia dos Sonhos | 2 |
| | Terapia Ocupacional | 4 |
| | SUBTOTAL | 26 |
| | TOTAL GERAL | 186 Créditos |

Outra característica desta primeira fase do curso de graduação é que ele estava muito voltado ao crescimento pessoal dos alunos por meio de práticas e vivências relacionadas ao autoconhecimento. Uma naturóloga, que se graduou nesta época, afirmou:

[...] as formas iniciais que se tinha o curso eram, na verdade, ideias que eu acho muito bonitas, se tinha uma ideia de curso muito bonita, muito voltada para o crescimento pessoal. Se prezava muito isso, então o meu currículo, as minhas disciplinas eram muito mais voltadas para esse conhecimento, esse crescimento pessoal, do que pra questões teóricas, digamos assim. Eu até costumava dizer pros alunos: “sse hoje vocês reclamam que vocês tem poucas vivências, na nossa época nós reclamávamos que nós não tínhamos provas, nós queríamos provas.”

Esse desenvolvimento pessoal era incentivado por meio de vivências subjetivas ligadas à meditação ou técnicas concernentes à psicologia, por exemplo. Entretanto, os próprios alunos se queixavam, como visto na afirmação acima, acerca das carências teóricas referentes ao ensino da Naturologia. Foram queixas como essa que impulsionaram a primeira reformulação curricular do curso de graduação em Naturologia.

3.2 O SEGUNDO PROJETO PEDAGÓGICO DA NATUROLOGIA (2004 A 2012)

No decorrer dos semestres letivos da recém fundada graduação em Naturologia, alunos e professores começaram a notar que seu primeiro projeto pedagógico tinha alguns excessos e algumas lacunas. Por exem-

plo, alunos se queixavam de disciplinas que consideravam desnecessárias como Língua Portuguesa, Inglês Técnico I, Recreação e Lazer, entre outras. Por outro lado, professores sugeriam que se desse maior visibilidade para às tradições médicas não ocidentais, como a medicina chinesa, o ayurveda e o xamanismo. A partir destas insatisfações e sugestões, a então coordenadora do curso de Naturologia operou a primeira reformulação curricular.

Sendo a coordenadora uma bióloga, o que parece ter ocorrido nesta primeira reformulação curricular foi uma valorização das disciplinas biológicas (ver Tabela 2). A disciplina de Anatomia Humana, por exemplo, dobrou de carga horária do primeiro para o segundo projeto pedagógico. Outro exemplo é o da disciplina de Histopatologia, que no primeiro projeto não era oferecida e no segundo passou a ser ministrada, o que parece se relacionar com uma maior ênfase biológica deste projeto, em comparação com o anterior.

Com relação às disciplinas psicológicas, apesar de não haver, neste segundo projeto, nenhuma disciplina com o nome de psicologia, especificamente (como na grade antiga tinha a Psicologia Geral e a Psicologia Aplicada à Naturologia), os conteúdos referentes à psicologia continuaram a ser bastante valorizados e foram distribuídos nas disciplinas denominadas *Formação do Naturólogo I, II, III, IV e V*. Os conteúdos referentes às terapias integrativas e complementares (hidroterapia, cromoterapia, geoterapia, entre outras), também continuaram sendo amplamente abordados neste segundo projeto pedagógico. A bibliografia que embasava estas terapias era, em geral, técnica, ou voltada para o eixo biologia/psicologia, uma vez que estas práticas são, muitas vezes, explicadas na relação entre corpo e psique. As disciplinas reflexivas e voltadas às ciências sociais, por sua vez, permaneceram inexpressivas em comparação às disciplinas biológicas, psicológicas e técnicas.

Os estágios ficaram divididos em *Estágio Supervisionado em Naturologia I e II*, oferecidos na oitava e nona fase, respectivamente. No primeiro, os estagiários atendiam duas pessoas por semana e no segundo, cinco, sempre supervisionados por professores do curso. Os atendimentos eram feitos individualmente, ou seja, um naturólogo e um interagente por interagência. Todo atendimento tinha que ser registrado em seus detalhes e minúcias no registro de interagência, que é um documento de anamnese naturológica, e cada prática que o aluno utilizasse deveria ser fundamentada neste mesmo registro. As fundamentações, em geral, tinham que se basear na fisiologia, na psicologia ou em grandes tratados de medicina

chinesa e ayurveda.

Neste segundo Projeto Pedagógico da Naturologia, o corpo docente passou a contar com naturólogos formados nas primeiras turmas que, ao se graduarem, buscaram realizar especializações, mestrados e doutorados. Alguns deles constituem o corpo docente e a coordenação do curso de Naturologia atualmente.

Tabela 2 Segunda grade curricular do curso de Naturologia

| Semestre | Disciplina | número de créditos |
|-----------------|--------------------------------------|---------------------------|
| I | Introdução à Naturologia | 4 |
| | Formação do Naturólogo I | 4 |
| | Metodologia científica e de Pesquisa | 4 |
| | Biologia Integrada | 4 |
| | Anatomia Humana I | 4 |
| | Filosofia I | 4 |
| | SUBTOTAL | 24 |
| II | Arteterapia I | 4 |
| | Formação do Naturólogo II | 4 |
| | Botânica Aplicada | 4 |
| | Histopatologia | 4 |
| | Anatomia Humana II | 4 |
| | Tópicos em Nutrição | 2 |
| | Bioética | 2 |
| | SUBTOTAL | 24 |
| III | Arteterapia II | 2 |
| | Recursos Naturais I | 2 |
| | Formação do Naturólogo III | 2 |
| | Antroposofia | 2 |
| | Fitoterapia I | 4 |
| | Farmacologia e Psicofarmacologia | 4 |
| | Neurofisiologia | 4 |

| | | |
|-----|--|----|
| III | Sociologia Aplicada à Saúde | 4 |
| | SUBTOTAL | 24 |
| IV | Antropologia Cultural | 2 |
| | Musicoterapia | 2 |
| | Formação do Naturólogo IV | 2 |
| | Radiestesia | 2 |
| | Fitoterapia II | 4 |
| | Fundamentos da Medicina Energética I | 4 |
| | Fisiologia Aplicada | 4 |
| | Trofologia | 4 |
| | SUBTOTAL | 24 |
| V | Irisdiagnose | 4 |
| | Formação do Naturólogo V | 2 |
| | Sinais Vitais | 2 |
| | Técnicas corporais I | 4 |
| | Fundamentos da Medicina Energética II | 4 |
| | Trofoterapia | 4 |
| | Núcleo Livre | 4 |
| | SUBTOTAL | 24 |
| VI | Técnicas Corporais II | 2 |
| | Mineralogia Aplicada | 2 |
| | Aromoterapia Hidroterapia | 4 |
| | Fundamentos da Medicina Energética III | 4 |
| | Massoterapia | 4 |
| | Núcleo Livre | 4 |
| | SUBTOTAL | 24 |
| VII | Geoterapia | 4 |
| | Cromoterapia | 4 |
| | Florais | 4 |
| | Fundamentos da Medicina Energética IV | 4 |
| | Reflexoterapia | 4 |
| | Cinesiologia Aplicada | 4 |
| | SUBTOTAL | 24 |

| | | |
|------|--|-----------------|
| VIII | estágio Supervisionado em Naturologia Aplicada I | 12 |
| | Núcleo Orientado | |
| | Núcleo Orientado | 4 |
| | Núcleo Orientado | 4 |
| | | 4 |
| | SUBTOTAL | 24 |
| IX | Estágio Supervisionado em Naturologia Aplicada II | 20 |
| | SUBTOTAL | 20 |
| | Atividades Acadêmicas Curriculares Adicionais: Monitoria; Curso de Extensão; Iniciação científica; Premiação em Pesquisa; Participação em Palestras; Seminários e Eventos Acadêmicos Externos; publicação de Trabalhos; Viagens de Estudo; Estágio Curricular Não obrigatório. | 14 |
| | SUBTOTAL | 14 |
| | TOTAL GERAL | 226 Créditos |

3.3 O TERCEIRO PROJETO PEDAGÓGICO DA NATUROLOGIA (EM VIGOR DESDE 2012)

No decorrer de suas trajetórias, alguns naturólogos se interessaram pela carreira acadêmica, ingressando em programas de pós-graduação de universidades públicas brasileiras. Alguns destes mestrandos e doutorandos passaram a compôr parte do corpo docente do curso de Naturologia, o que reverberou numa crescente preocupação teórica concernente aos saberes ensinados nesta graduação. Novas questões, que emergiram das reflexões teóricas dos próprios naturólogos, sugeriam a necessidade de um aprofundamento teórico em áreas não contempladas com profundidade no segundo projeto pedagógico. Oportunamente, a UNISUL operou uma reforma institucional no ano de 2010, que culminou na publicação do seu mais novo *Projeto Pedagógico Institucional*. (KRAHE, SILVA e SILVA e NESI, 2012).

Entre os anos de 2011 e 2012, sessenta e quatro projetos pedagógicos de cursos de graduação foram reelaborados e aprovados na UNISUL para adequá-los ao seu novo projeto institucional. Dentre os cursos que passaram por esta reforma curricular está o de Naturologia, para o qual foi elaborado o terceiro projeto pedagógico.

Com a reforma institucional da UNISUL, os cursos de graduação desta universidade passaram a ser baseados em habilidades e competências. Ou seja, ao invés dos conteúdos ministrados nas antigas disciplinas, *habilidades e competências* passaram a ser oferecidas em *unidades de aprendizagem*. Estas unidades de aprendizagem, que correspondem, portanto, às antigas disciplinas, são agrupadas em *certificações*, que podem ser *estruturantes*: quando visam dar identidade ao curso escolhido pelo estudante, atendendo as diretrizes curriculares de cada curso especificamente; *complementares*, quando complementam a formação do aluno; *eletivas*, se oferecem conhecimentos de áreas de interesse do estudante; e *específicas*, quando relacionadas à pesquisa, extensão, estágios e TCC (KRAHE, SILVA e SILVA e NESI, 2012).

No caso específico da Naturologia, além da equipe de professores, coordenadores e assistentes pedagógicos da UNISUL, os estudantes de Naturologia também auxiliaram na criação de seu terceiro projeto pedagógico. A coordenação do curso consultou seu corpo docente e discente para refletir acerca das mudanças curriculares que pretendiam fazer. Por meio de redes sociais, blogs e outras formas de consulta popular, os coordenadores da graduação em Naturologia buscaram observar reclamações e sugestões concernentes ao ensino universitário dos saberes naturológicos.

Outro ponto relevante da elaboração deste terceiro projeto é que, dos quatro coordenadores da Naturologia que participaram (dois coordenadores do curso e dois do estágio) três são naturólogos. Destes, dois estão no mestrado e o outro no doutorado do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UFSC. Distintamente dos projetos pedagógicos anteriores, elaborados por um psicólogo, uma farmacêutica, uma terapeuta e uma bióloga, este último foi criado a partir das reflexões teóricas e necessidades práticas identificadas pelos próprios naturólogos que seguiram carreira acadêmica. Eis uma afirmação que corrobora esta conclusão:

No curso de Naturologia Aplicada da UNISUL, especificamente a partir da grade curricular implantada em 2004, estudos de Trabalho de Conclusão de Curso e Mestrados possibilitaram balizar a

construção deste Novo Projeto Político Pedagógico que sonha ser capaz de atender as demandas sociais para a formação de profissionais críticos, éticos e tecnicamente competentes para atuar no âmbito das *práticas integrativas e complementares* (UNISUL, 2012, p.8).

Comparar o atual projeto pedagógico com os anteriores é um pouco mais complexo do que comparar os dois primeiros, uma vez que a própria estrutura deste último é razoavelmente diferenciada (ver Tabela 3). Entretanto, pode perceber que este terceiro projeto mantém as preocupações concernentes aos saberes relacionados à biologia, à psicologia e às práticas integrativas e complementares. Na certificação estruturante chamada de *Anatomofisiopatologia Humana*, as unidades de aprendizagem denominadas *Suporte e Movimento, Integração e Coordenação e Manutenção do Corpo* parecem propor uma forma de ensino que integra a anatomia com os processos fisiológicos e histopatológicos.

Ao observar o quadro de certificações estruturantes, têm-se a impressão que os conteúdos voltados à psicologia não foram tão enfatizados quanto nas grades curriculares anteriores. Entretanto, ao consultar as referências bibliográficas das unidades de aprendizagem em geral, percebe-se que muitos autores e obras voltados à psicologia permanecem como referência bibliográfica, mantendo as preocupações relacionadas à psicologia nesta terceira grade curricular. As habilidades técnicas voltadas às práticas integrativas e complementares, por sua vez, continuam sendo oferecidas em certificações como: *Terapêuticas Integrativas, Massagem Sueca, Naturoterapia, Plantas Medicinas e Fitoterapia, Práticas Integrativas e Complementares nos Ciclos Vitais*, entre outras.

O que chama a atenção neste terceiro projeto é o fato de que ele apresenta maior preocupação com a abordagem de conhecimentos reflexivos e relacionados às ciências sociais. Muitas certificações contemplam habilidades e competências relacionadas a estas ciências, em unidades de aprendizagem como: *Teorias do Conhecimento, Estudos Socioculturais, Socioeconomia e Geopolítica, Racionalidades Médicas e Terapias Integrativas, Modelos de Entendimento dos Processos Saúde-Doença, Saúde e Sociedade, Bioética clínica e Social, Práticas Integrativas e Complementares na Saúde Coletiva e Abordagens Antropológica, Bioenergética e Simbólica do Corpo*.

Os estágios também mudaram de forma significativa neste último projeto pedagógico, e são realizados durante todo o curso, após os alunos

estudarem as práticas terapêuticas específicas. O *Estágio I* é realizado após o término das certificações de *Recursos Manuais e Terapias Vibracionais*. O *Estágio II*, após as certificações de *Naturoterapia, Fitoterapia e Aromaterapia*. O *Estágio III*, após a certificação de *Terapêutica Tradicional Chinesa*. O *Estágio IV*, após a certificação de *Terapêutica Tradicional Ayurvédica*. O *Estágio V*, por fim, é oferecido em formato de núcleos, que podem ser: *Saúde do Adulto, Saúde do Idoso, Saúde da Criança e do Adolescente, Saúde Mental, Processos Terapêuticos em Grupo, Estética e Beleza e Saúde Desportiva*. Os campos de estágio são definidos pelas coordenações de estágio e do curso e podem ser realizados em hospitais, clínicas, spas, unidades básicas de saúde, policlínicas, estancias hidrominerais, clínicas de repouso, escolas, empresas privadas ou no Centro de Práticas Naturais localizado na UNISUL.

A proposta destes estágios se diferencia das grades curriculares anteriores porque são realizados no decorrer da graduação. Antes, os estudantes só tinham contato aprofundado com a prática das terapias que aprendiam no final do curso de graduação. No atual projeto pedagógico, por outro lado, os alunos dão início à prática assim que são formados em alguma terapia específica. Ou seja, estão em contato com a prática durante todo o curso. Outra diferença importante é que, além dos atendimentos clínicos individuais no Centro de Práticas Naturais, os estagiários também trabalham com grupos de pessoas, e em espaços variados, podendo, inclusive, atender na casa de pessoas com dificuldade de locomoção.

Tabela 3 Tabela de equivalência entre as unidades de aprendizagem do currículo atual e as disciplinas do currículo anterior

| CURRÍCULO ATUAL | | CURRÍCULO ANTERIOR | |
|----------------------------------|-------|-----------------------|-------|
| Unidade de Aprendizagem | Horas | Disciplinas | Horas |
| Suporte e Movimento | 60 | Anatomia Humana I | 60 |
| Integração e Coordenação | 30 | Anatomia Humana II | 60 |
| Terapêutica Tradicional Xamânica | 90 | Antropologia Cultural | 30 |
| Aromaterapia | 60 | Aromaterapia | 60 |
| Recursos de Arteterapia II | 60 | Arteterapia I | 60 |
| Recursos de Arteterapia I | 30 | Arteterapia I | 60 |
| Recursos de Arteterapia II | 60 | Arteterapia II | 30 |

| | | | |
|---|----|---------------------------|----|
| Bioética Clínica e Social | 30 | Bioética | 30 |
| Cromoterapia | 60 | Cromoterapia | 60 |
| Princípios Farmacológicos | 60 | Farmacol e Psicofarmaco | 60 |
| Manutenção do Corpo | 90 | Fisiologia Aplicada | 60 |
| Integração e Coordenação | 30 | Fisiologia Aplicada | 60 |
| Introdução à Fitoterapia e Plantas Medicinais | 60 | Fitoterapia I | 60 |
| Plantas Medicinais e Fito- terapia na Atenção à Saúde | 60 | Fitoterapia II | 60 |
| Terapia Floral | 60 | Florais | 60 |
| Processos Psicológicos Básicos e Psicossomática | 30 | Formação do Naturólogo I | 60 |
| Modelos de entendimento dos processos saúde- doença | 30 | Formação do Naturólogo I | 30 |
| Abordagens Humanísticas na Relação de Interagência | 60 | Formação do Naturólogo I | 30 |
| Visão Sistêmica da Vida e Teoria da Complexidade | 30 | Fund Medicina Energéti | 60 |
| Terapêutica Tradicional Xamânica | 90 | Fund Medicina Energéti | 60 |
| Geoterapia | 45 | Geoterapia | 60 |
| Hidroterapia | 45 | Hidroterapia | 60 |
| Racionalidades Médicas e Terapias Integrativas | 60 | Introdução à Naturologia | 60 |
| Iridologia e Irisdiagnose | 60 | Irisdiagnose | 60 |
| Massagem Sueca | 60 | Massoterapia | 60 |
| Universidade e Ciência | 60 | Met Científica e de Pesqu | 60 |
| Recursos Sonoros | 30 | Musicoterapia | 30 |
| Recursos Avaliativos Vibacionais | 30 | Radiestesia | 30 |
| Saúde e Ambiente | 30 | Recursos Naturais I | 30 |
| Reflexologia | 60 | Reflexoterapia | 60 |
| Estudos Socioculturais | 60 | Sociologia Aplicada à Sa | 60 |

| | | | |
|--|----|-----------------------|-----|
| Introdução ao Yoga | 15 | Técnicas Corporais I | 60 |
| Técnicas de respiração, relaxamento, meditação e visualização criativa | 30 | Técnicas Corporais I | 60 |
| Abordagens antropológica, bionérgica e simbólica do corpo | 15 | Técnicas Corporais I | 60 |
| Tai Chi Chuan e Lian Gong | 30 | Técnicas Corporais II | 30 |
| Trofologia | 30 | Trofologia | 60 |
| Trofoterapia | 60 | Trofoterapia | 60 |
| Práticas Integrativas e Complementares na Saúde do Trabalhador | 15 | Visão Integral do Ser | 180 |
| Práticas Integrativas e Complementares na Saúde Desportiva | 15 | Visão Integral do Ser | 180 |
| Práticas Integrativas e Complementares na Saúde Mental | 15 | Visão Integral do Ser | 180 |
| Práticas Integrativas e Complementares na Saúde Coletiva | 15 | Visão Integral do Ser | 180 |
| Saúde e Sociedade | 45 | Visão Integral do Ser | 180 |

3.4 OS SABERES NÃO OCIDENTAIS NO ENSINO DA NATUROLOGIA

Além dos saberes das disciplinas ocidentais e do estudo das diversas *práticas integrativas e complementares*, a formação do naturólogo também conta com saberes de sistemas médicos não ocidentais, como a medicina tradicional chinesa, a medicina ayurvédica e o xamanismo. Entretanto, estes saberes foram assimilados de forma gradativa ao ensino da Naturologia.

3.4.1 Os saberes não ocidentais no primeiro projeto pedagógico

No primeiro Projeto Pedagógico da Naturologia não havia nenhuma disciplina cujo o nome fizesse referência direta aos saberes relacionados às medicinas tradicionais chinesa, ayurveda e ao xamanismo. Alguns fundamentos concernentes à medicina chinesa eram abordados em disciplinas específicas, como Técnicas Corporais, onde os estudantes aprendiam técnicas chinesas como Chi Kung e Tai Chi Chuan. Saberes da medicina ayurvédica eram abordados de forma dispersa e fragmentada, a partir de uma visão ocidental referente aos chakras¹⁰. De acordo com a professora de medicina ayurvédica da Naturologia:

Quando tu chega na Índia e pergunta para qualquer indiano, ou vai em algum templo pra um médico ayurvédico, e pergunta sobre chakras, eles não te respondem, porque quem quer saber sobre chakras somos nós, ocidentais. O indiano que estuda medicina ayurvédica, ele não tem...não é entender os chakras, só vivenciar os chakras, é vivenciar, é saber que eles existem como uma estrutura no corpo herético e que podem ser vivenciados [...] quem complicou fomos nós [...] todo livro traz uma tabela de cor, localização, função e como medir [...] é algo que a medicina ayurvédica não entende os chakras assim [...] é o chakra ocidentalizado.

O relativo sucesso dos chakras no ocidente parece estar relacionado às possibilidades de classificação e mensuração destes centros de energia (em sua versão ocidentalizada). Geralmente, as classificações que constituem as tabelas de chakras trazem relações entre estes centros e os aspectos biológicos e psicológicos do indivíduo. Por exemplo, o primeiro chakra, ou chakra raiz, estaria relacionado às glândulas suprarrenais, à coluna vertebral, ao instinto de sobrevivência e ao sentimento de segurança. O segundo chakra, ou chakra do sacro, estaria relacionado ao sistema urinário, baço, gônadas, testículos, ovários, às emoções, à sexualidade e à criatividade.

Com relação ao xamanismo, não há nenhuma referência aos seus saberes no primeiro projeto pedagógico, embora alguns estudantes de Naturologia já mantivessem contato com xamãs indígenas.

10 *Chakras* são centros de circulação do *prana* (sopro vital) que são abordados no estudo da morfologia ayurvédica.

3.4.2 Os saberes não ocidentais no segundo projeto pedagógico

O discurso que vigorou na apresentação deste segundo projeto estava pautado nas “Medicinas Tradicionais”:

A Naturologia vem resgatar essa integração do homem com o meio e baseia-se, hoje, nas práticas das Tradicionais Medicinas Chinesa, Ayurveda e Xamânica, utilizadas desde a antiguidade e que foram tendo seus benefícios comprovados ao longo da história pelo uso, e por pesquisas científicas (UNISUL, 2003).

Entretanto, como demonstrou um naturólogo, a assertiva acima não condizia com a realidade do projeto pedagógico, onde foi enunciada. De acordo com ele: “[...] existe uma lacuna entre o discurso e a prática na formação em Naturologia. Os dados denotam que a Naturologia é um curso pautado, principalmente, no modelo biomédico de saúde”. (GRASSI, 2011, p.11-12). Este naturólogo realizou uma pesquisa quantitativa e comparativa, a partir do conceito de racionalidade médica (RM)¹¹, para identificar de que forma as dimensões (morfologia, dinâmica vital, diagnose, terapêutica e duto teórico) das racionalidades médicas chinesa, ayurvédica e ocidental eram abordadas na segunda grade curricular do curso. De acordo com o naturólogo:

No que tange às horas que correspondem à categoria de Racionalidade Médica, 74% das horas alocadas destinaram-se à abordagem da Medicina Ocidental Contemporânea, 15% à Medicina Tradicional Chinesa e 11% à Medicina Tradicional Aurvédica. Este fato aponta para a necessidade de inverter a lógica de alocação das horas para que as abordagens vitalistas possam predominar em relação à abordagem biomecânica e assim condizer com a formação acadêmica que se espera do bacharel em Naturologia. (UNISUL, 2003, p.12)

Embora Grassi (2011) tenha argumentado em sua pesquisa que o segundo projeto pedagógico da Naturologia estava pautado principalmente no modelo biomédico de saúde, percebi que realmente houve uma maior valorização das tradições médicas chinesa, indiana e do xamanismo neste segundo projeto.

¹¹ Sobre o tipo ideal racionalidade médica ver p. 25-26 deste trabalho.

Os conteúdos referentes a estes saberes eram ministrados nas disciplinas *Fundamentos da Medicina Energética I, II, III e IV*. Ao passo que na disciplina de *Fundamentos da Medicina Energética I* eram ministrados conteúdos concernentes à física quântica, nas disciplinas de *Fundamentos da Medicina Energética II, III e IV* eram ministrados conteúdos das medicinas tradicionais chinesa, xamânica e ayurveda, respectivamente. Entretanto, a professora de medicina ayurvédica da Naturologia alertou que o objetivo destas disciplinas era, nesta época, principalmente teórico:

[...] o objetivo da disciplina de 'Fundamentos em Medicina Energética IV', bem como os outros fundamentos, [...] é teórico, não é pratico. O objetivo dessa disciplina é facilitar a compreensão do aluno [...] para que o aluno possa [...] compreender essa visão do ser humano de forma holística, subjetiva, com sua própria história, enfim, de forma integral [...] Então quais os fundamentos energéticos dentro desta racionalidade médica, ou dentro da medicina ayurvédica, que podem facilitar o aluno a ter uma visão de interagente ou de indivíduo de forma mais ampliada e integral?

Fundamentos teóricos da medicina tradicional chinesa - como a teoria do *yin/yang* e dos *cinco movimentos: fogo, terra, metal, água e madeira*¹² - e do ayurveda - como a teoria do *tridosha: vata, pitta e kapha*¹³ - eram abordados no segundo projeto curricular com a intenção de auxiliar na construção de uma forma mais ampliada de ver a saúde: a visão naturológica.

Nesta segundo projeto, o xamanismo também passou a ser abordado no ensino da Naturologia. É ensinado partir da experiência pessoal de um professor (geólogo e mestre na área de ecopsicologia) que viajou pelas Américas, onde conheceu diversas formas de xamanismo, sobretudo o xamanismo andino do Peru. O conteúdo abordado por ele em sala de aula, está intrinsecamente relacionado à sua experiência pessoal e às iniciações que recebeu de diversos xamãs que conheceu durante suas viagens. De acordo com este professor: *“Não está escrito o que estudei no meu caminho.”* Ele afirmou que o conhecimento que ensina em sala de aula está relacionado ao que aprendeu com a vida, sendo que muitas coisas encontrou na literatura, enquanto outras, não.

O xamanismo é abordado no curso de graduação em Naturologia

12 Sobre a teoria do *yin/yang* e dos cinco movimentos da medicina chinesa ver Luz, 2012, p.109.

13 Para uma melhor compreensão acerca da teoria do *tridosha* ver Marques, 2012 p. 162.

a partir das obras de Michael Harner, Angeles Arrien e Barbara Tedlock, e abrange conhecimentos acerca dos animais de poder e da roda de medicina, por exemplo. Os conhecimentos xamânicos, nesse contexto, servem mais como ferramentas que auxiliam o naturólogo na compreensão do ser humano, do que como um procedimento terapêutico em si.

Participei de algumas aulas de xamanismo durante a pesquisa de campo, onde foi abordada a *medicina do animal ou dos animais de poder*. Nestas aulas, o professor salientou que, quando se recebe um animal xamânico, deve-se incorporar as características deste animal. O lagarto, por exemplo, teria relação com os sonhos, com as realidades consensual e não consensual e é responsável por lidar com o lado sombrio da realidade na qual sonhos são reelaborados antes de se manifestarem no universo físico. Assim, incorporar este animal de poder estaria relacionado ao sonhar: “*dê atenção aos seus sonhos e tente decodificar o simbolismo neles contido. Sonhar, e não se lembrar, é ganhar um presente e não poder abrir*”, afirmou o professor, com relação à medicina do lagarto.

Outro professor, este de antropologia, afirmou que a Naturologia deveria se aprofundar cada vez mais nos xamanismos brasileiros, uma vez que os povos indígenas não segmentam, como nós ocidentais, a visão integral da saúde. De acordo com ele, na *opy* (casa de reza Guarani), o *Karai* (xamã Guarani) trabalha a escuta da espiritualidade, ele fala a partir de estados alterados de consciência (espiritualidade), ele ensina e cura. Lá se realizam pelo menos três aspectos: espiritual, pedagógico e médico. A *opy* seria, portanto, uma escola, um hospital e um templo. Isto parece sugerir que não há uma dicotomia entre saúde, educação e espiritualidade, o que ressoa com a abordagem integral do ser dos naturólogos.

Um estudante da Naturologia chegou a morar por aproximadamente um ano numa aldeia Guarani para trabalhar com educação indígena. Apesar da insistência de um professor de antropologia, este aluno nunca escreveu uma etnografia acerca do que viveu na aldeia pois, segundo ele, o que foi aprendido oralmente deve ser assim mantido, a exemplo dos próprios índios. Ele estabeleceu relação com alguns *Karai* (xamãs) e, destas relações, emergiu um movimento onde, periodicamente, alguns *Karai* visitavam os estudantes de Naturologia. Com este contato, duas casas foram construídas próximas à UNISUL, aos moldes da arquitetura Guarani, só com elementos da mata: árvores, bambus, taquaras e barro. A princípio, nestas casas moravam estudantes de Naturologia. Entretanto, uma delas foi transformada numa *opy* -casa de reza sagrada que serve como centro cerimonial Guarani. Nesta “casinha de reza”, como era

chamada, eram realizadas várias formas de rituais xamânicos como temaskais (sauna sagrada), cerimônias Guarani com ayahuasca, aplicações de kamboo (vacina do sapo), “rezos” com *petyngué* (cachimbo sagrado Guarani). Mesmo com a formatura do naturólogo que iniciou este movimento, outros estudantes de Naturologia mantiveram relações com alguns Karai, de forma que o contato entre o xamanismo Guarani e os estudantes de Naturologia é mantido até hoje.

Além do naturólogo citado acima, mais naturólogos estabeleceram contato com outros povos indígenas, como os Huni Kuin (Kaxinawá), por exemplo. Soube do caso de pelo menos um naturólogo que viajou para a floresta amazônica para receber os ensinamentos e iniciações dos pajés Huni Kuin, mas não pude conversar com ele durante a pesquisa de campo. Outros naturólogos têm participado de cerimônias de *Busca de Visão*, realizadas pelo *Fogo Sagrado de Itzatlilatlán*, reconhecido na antropologia como uma forma de neo-xamanismo. Neste rito de iniciação, após trinta e três dias de reclusão e jejum numa montanha, divididos em quatro anos, os iniciados passam a receber as “bênçãos” para eles próprios realizarem algumas cerimônias xamânicas como, por exemplo, temaskais.

3.4.3 Os saberes não ocidentais no terceiro projeto pedagógico

Os saberes não ocidentais relacionados às medicinas chinesa, ayurveda e ao xamanismo ganharam um destaque consideravelmente mais acentuado no terceiro projeto pedagógico. No segundo as disciplinas de Fundamentos da Medicina Energética II, III e IV contemplavam apenas os fundamentos teóricos relacionados a estes saberes. Já no terceiro, é ofertada uma certificação estruturante para a medicina chinesa, outra para o ayurveda e outra para o xamanismo. Portanto, além dos fundamentos teóricos, que eram ensinados na grade curricular anterior, também passaram a ser abordadas as técnicas diagnósticas e terapêuticas e os contextos histórico/culturais referentes às medicinas chinesa e ayurveda. A preocupação em abordar os contextos culturais dos sistemas médicos não ocidentais está relacionada com a preocupação em mostrar que estes sistemas médicos não são totalidades homogêneas e acabadas, senão fruto de construções históricas e culturais heterogêneas e milenares. De acordo com a professora de ayurveda:

A medicina ayurvédica vai classificar, vai subdividir, entre escolas ortodoxas e não ortodoxas. As escolas ortodoxas, que são as mais impor-

tantes, entre aspas, são as escolas que seguem os princípios dos Vedas¹⁴. E aí nós vamos ter umas quatro escolas, entre elas o Sāmkhya, que é a escola que agente mais estuda.

A assimilação dos saberes não ocidentais no ensino universitário da Naturologia foi crescente. Inicialmente, estes saberes eram abordados de forma dispersa e fragmentada no primeiro projeto pedagógico; no segundo projeto, eram abordados apenas em seus fundamentos teóricos; e no terceiro, são abordados desde seus aspectos históricos e culturais, até suas técnicas diagnósticas e terapêuticas.

3.5 NATUROLOGIA: UMA RACIONALIDADE MÉDICA OU CAMPO DE DIÁLOGO ENTRE SABERES?

A partir de algum aprofundamento teórico, os naturólogos entraram em contato com o conceito de racionalidade médica (descrito nas páginas 25 e 26 deste trabalho). O *Projeto Racionalidades médicas* teve início por meio de estudos conceituais e comparativos acerca de sistemas médicos complexos (LUZ, 2003). A hipótese central da primeira fase deste projeto era a existência de mais de uma racionalidade médica operando na sociedade ocidental, o que vem de encontro ao senso comum de que a medicina ocidental seria a única portadora de racionalidade, no sentido científico do termo (LUZ, 2003). Inicialmente, quatro sistemas médicos complexos foram identificados como racionalidades médicas: a medicina ocidental contemporânea, a homeopatia, a medicina tradicional chinesa e a medicina ayurvédica (BARROS e LUZ, 2012). Sendo a Naturologia um campo de saber que aborda fundamentos de três destes quatro sistemas médicos (ayurveda, chinês e biomédico), o tipo ideal racionalidade médica foi rapidamente assimilado pelos naturólogos em suas pesquisas e reflexões.

Uma questão levantada recorrentemente pelos naturólogos é se a Naturologia pode ser considerada uma racionalidade médica, nos termos do tipo ideal criado por Luz (2003). Além desta ser uma questão importante para os naturólogos, vem de encontro às análises aqui apresentadas sobre a pluralidade de saberes na Naturologia, uma vez que uma racionalidade médica naturológica possivelmente unificaria, ou pelo menos sistematizaria, esta pluralidade.

Foi possível identificar nesta pesquisa duas tendências relativas a

14 Os *Vedas* são livros sagrados da cultura hindu que embasam a medicina ayurvédica.

uma possível racionalidade médica da Naturologia. Por um lado, alguns professores e naturólogos defendem que a Naturologia não deveria mais se apoiar em outros saberes, senão sistematizar seu conhecimento, unificando todos os saberes que aborda na construção de um saber naturológico unificado. De acordo com esta visão, os naturólogos precisam achar uma coerência entre seus discursos, precisam “olhar todos para a mesma direção”, como afirmou um professor da Naturologia. Alguns interlocutores chegaram a afirmar a possibilidade de uma unificação das três medicinas tradicionais (chinesa, ayurveda e xamânica) que culminasse numa racionalidade médica naturológica.

Por outro lado, outros naturólogos e professores defendem que a Naturologia deve usar as racionalidades médicas não ocidentais, e outros saberes em saúde, em suas reflexões e em sua prática, sem se preocupar com a unificação destes saberes. Estes interlocutores refutaram a ideia de juntar estes saberes por dois motivos principais: primeiro, porque esta seria uma tarefa muito difícil, senão impossível, sob o ponto de vista epistemológico; segundo, porque a riqueza da Naturologia estaria, justamente, no diálogo entre estes saberes e suas especificidades, e não no achatamento de suas diferenças. Algumas falas ilustram estes pontos de vista:

A minha ideia na Naturologia é isso: juntar essas racionalidades e achar o elo comum entre elas. Eu queria fazer isso, porque se a gente tivesse isso em mente, a gente poderia trabalhar de forma mais sossegada.

Um dos pontos que os defensores desta visão levantam é que seria necessária uma coerência entre o discurso e a prática dos muitos naturólogos que têm se formado. Segundo esta abordagem, esta coerência e unificação da Naturologia possibilitaria um maior respaldo na luta pela legitimação e regulamentação da profissão. Seguindo a outra tendência, uma naturóloga afirmou:

Isso pra mim é extremamente complicado! No início, quando eu comecei a estudar, eu te confesso que eu achei...eu até achava que era possível de ser feito: ‘não, mas tem que ter um jeito de eu misturar as três¹⁵ e sair uma’. Mas hoje eu não consigo conceber isso e eu acho que a gente fazia isso de uma forma, assim, muito imatura, na verdade, na minha opinião. Acho que até é uma questão de imaturidade, falta de conhecimento das coisas, não sei. Eu acho que isso é totalmente inconcebível, não há qualquer possibilidade de isso ser feito.

15 A interlocutora está se referindo às três medicinas tradicionais ayurveda, chinesa e xamânica.

Esta preocupação com maturidade teórica parece se intensificar na medida que os naturólogos passam a ingressar em programas de mestrado e doutorado, como é o caso da interlocutora supracitada.

Outros interlocutores defenderam que a Naturologia não é uma racionalidade médica porque não está estruturada nas cinco dimensões concernentes a este tipo ideal. De acordo com Luz (2003), para ser denominada racionalidade médica, um sistema médico complexo deve ser estruturado segundo cinco dimensões, que ela identificou como:

[...] 1) uma morfologia humana (entre nós definida como anatomia humana) que define a estrutura e a forma de organização do corpo (ou dos corpos); 2) uma dinâmica vital humana; (entre nós definida como fisiologia), que define o movimento da vitalidade, seu equilíbrio ou desequilíbrio no corpo (ou nos corpos) [...] 3) uma doutrina médica, que é na verdade um corpo doutrinário que define, em cada sistema, o que é o processo saúde/doença [...] 4) um sistema de diagnose, pelo qual se determina se há ou não um processo mórbido, sua natureza, fase e evolução provável, origem ou causa; 5) um sistema terapêutico, pelo qual se determinam as formas de intervenção adequadas a cada processo mórbido [...] identificado pela dimensão diagnose. (LUZ, 2003, pp.138-139,).

Com relação à diagnose, uma naturóloga fez a seguinte afirmação:

Mas, por exemplo, a gente não tem condições de fazer nenhum diagnóstico, que a ayurveda tem, que a chinesa tem, agente não tem [...] Eu posso até criar um esquema de atendimento e trazer conceitos ali, trazer um diagnóstico pela ayurveda, pela chinesa, eu vou indo, mas isso não é da naturologia. Tô buscando de outra racionalidade, eu tô usando de outra racionalidade, eu aplico na Naturologia, eu trago pra Naturologia, mas é um naturólogo usando a medicina chinesa, é um naturólogo usando a medicina indiana [...]

Esta naturóloga defende que a Naturologia não tem um método diagnóstico específico, que só se utiliza de técnicas diagnosticas “emprestadas” de outras racionalidades e que isso é um obstáculo para pensar numa racionalidade médica naturológica. Entretanto, outros interlocutores afirmaram que a forma com a qual os naturólogos realizam sua diagnose, apesar de ser influenciada por saberes de diversos sistemas médicos, é

distinta da diagnose de outros profissionais e, portanto, específica do naturólogo. Por mais que o naturólogo utilize técnicas diagnosticas da medicina chinesa, por exemplo, ele as utiliza a partir da visão naturológica, que difere consideravelmente da forma como estas técnicas são utilizadas por um médico chinês. Neste sentido, uma naturóloga afirmou:

Não é porque eu fiz uma especialidade em MTC que, agora, eu vou virar só MTC¹⁶, entendeu? Não, pelo contrario, isso me abriu a possibilidade de ter um aprofundamento maior naquela área, mas que me possibilita de ver: 'Nossa! Como se encaixa!' Eu fazer uma avaliação dessa língua e depois ver que eu posso avaliar isso no pé dele, eu posso avaliar isso na forma comportamental dele e assim vai, entende? Porque vai unindo uma coisa na outra, assim. Eu sinto isso, eu vejo que dá resultado, porque, olha, os meus interagentes, até então, sempre há uma perspectiva de muita melhora, assim, em pouco tempo.

Quando esta interlocutora fala de avaliar a língua, está fazendo referência a uma técnica diagnóstica chinesa. Mas ao falar em avaliar a mesma coisa no pé, está se referindo à reflexologia, desenvolvida no ocidente. Dessa forma, por mais que esta naturóloga utilize as técnicas diagnósticas da tradição médica chinesa, ela não o faz como um chinês o faria, na medida em que corrobora os resultados com outras formas de avaliação diagnósticas não chinesas. De maneira similar, outro naturólogo afirmou que faz sua diagnose baseando-se no ayurveda, mas a partir da visão naturológica:

Cara, mais com ayurveda. Mas, naturalmente, com a parte da anamnese naturológica, mas...na verdade naturologia ayurvédica, eu diria assim. Porque não tem como, depois que voce virou naturólogo, não tem como voce não ter uma visão naturológica tambem, um pouco [...] É, por exemplo, a iridologia. A iridologia é uma coisa da naturologia que eu associo muito ao ayurveda. O ayurveda vê pouquissimas características dos olhos, em comparação com a iridologia [...] a ayurveda pode ser muito corroborada pela iridologia.

Ao unir irisdiagnose e ayurveda sob a visão naturológica, naturólogos desenvolvem bricolagens e constroem novas formas de diagnose e terapêutica, como o caso de uma “naturologia ayurvédica”. Neste mesmo sentido, muitos naturólogos falaram acerca das relações que estabelecem em seus consultórios e clínicas, onde conhecimentos e técnicas oriundos de diversos sistemas de atenção à saúde constituem formas muito singulares de diagnose que unem sintomas fisiopatológicos, desequilíbrio de

16 MTC – Medicina Tradicional Chinesa

chackras, desequilíbrio de *yin* e *yang*, desequilíbrio dos *doshas*, arquétipos junguianos, sonhos, números, aromas, dentre outras coisas.

Outro ponto importante é que pelo menos dois métodos de avaliação foram criados no contexto naturoológico: o *mapa do corpo* e o *teste olfativo*. No primeiro método, desenvolvido pela professora de arteterapia da Naturologia, o indivíduo faz uma representação artística de seu corpo que pode ser figurativa, abstrata, literal ou simbólica. A ideia é que ele represente livremente a forma como se vê e se sente, ou não vê e não se sente (WEDEKIN, 2008). Após a execução do mapa do corpo, o indivíduo pode compartilhar sua experiência e, assim, entrar em contatos com suas emoções e sentimentos, num processo de autoconhecimento (CEZAR, 2009). Este reconhecimento de sentimentos e emoções pode apontar aspectos do indivíduo a serem trabalhados terapêuticamente, auxiliando no processo de avaliação e diagnose realizados numa *relação de interagência*.

Outra técnica diagnóstica que foi criada na Naturologia é chamada de *teste olfativo*, e está relacionada à aromaterapia. De acordo com a teoria que fundamenta a aromaterapia, os aromas dos óleos essenciais possuem propriedades fisiológicas e psíquicas. A percepção dos aromas é difundida pelo olfato e pode conectar o indivíduo ao centro emocional do cérebro, onde estão guardadas emoções, sentimentos e memórias. A partir de uma ação hormonal, que teria influência sobre a fisiologia e as emoções, os óleos essenciais extraídos de diversas plantas podem proporcionar reequilíbrio por meio das propriedades curativas destas plantas, tanto a nível fisiológico, por meio de princípios ativos, quanto a nível emocional, por meio da relação entre aromas e emoções.

As naturólogas criadoras do teste olfativo perceberam que quando uma pessoa não está preparada para trabalhar terapêuticamente determinada emoção ela rejeita o aroma do óleo essencial relacionado a esta emoção específica. Ao passo que, quando uma pessoa precisa trabalhar determinada emoção, o perfume do óleo essencial relacionado a esta emoção atrai a pessoa. A partir disso, estas duas naturólogas criaram o teste olfativo, que auxilia na identificação de aspectos positivos e negativos a serem trabalhados terapêuticamente.

O naturólogo tem, portanto, uma forma de avaliação diagnóstica muito peculiar e é com base nesta peculiaridade que alguns interlocutores defenderam que a Naturologia poderia ser considerada uma racionalidade médica específica. A partir de algum esforço teórico, poderia-se identificar a singularidade com a qual o naturólogo opera em cada uma das cinco

dimensões de uma racionalidade médica para, assim, tentar especificar uma racionalidade médica própria da Naturologia. Entretanto, muitos naturologos com quem conversei afirmaram que a Naturologia não deve pretender se conformar enquanto racionalidade médica. Uma naturóloga mestranda em Saúde Coletiva afirmou:

Eu acho que se a Naturologia se conformar numa racionalidade na estrutura da Madel [...] ela já vai perder. Eu acho ruim se ela for uma racionalidade (risos), se ela se propuser a ser.

Alguns naturologos refutam a ideia de uma racionalidade médica naturológica, nos termos do tipo ideal criado por Luz (2003), argumentando que isso engessaria a grande pluralidade e dinamicidade da Naturologia. De acordo com os naturologos Hellmann e Grassi (2011):

Por fim, evidencia-se que a Naturologia Aplicada não é uma racionalidade médica, tal como se propõe o conceito. No entanto, trata-se de um conhecimento que se pauta por diferentes racionalidades médicas e terapêuticas integrativas, especificamente nas aproximações existentes entre as de abordagem vitalista, a saber: a pessoa como centro da atenção (e não a doença), a relação terapeuta-paciente, a utilização de elementos da natureza e de técnicas de menor dependência tecnológica, na busca pela autonomia do paciente, enfim, em uma visão que tenha o olhar voltado à saúde, e não à doença. (HELLMANN; GRASSI, 2011, P.13)

Existem, portanto, dois posicionamentos com relação a uma possível racionalidade médica naturológica. Por um lado, alguns naturologos defendem a possibilidade de sistematizar os saberes abordados pela Naturologia, especificando a abordagem do naturologo em cada uma das cinco dimensões referentes ao tipo ideal de racionalidade médica. Outros naturologos apontam que unificar os saberes abordados na Naturologia, ou mesmo sistematizar estes saberes com vistas a um saber naturológico específico, colocaria a perder a maior riqueza da Naturologia: a dialogicidade entre diversos saberes em saúde.

3.6 O DIÁLOGO DE SABERES NA NATUROLOGIA

Já apresentei a forma como diferentes saberes, provindos de contextos ocidentais e não ocidentais, são abordados no ensino da Naturolo-

gia. Agora pretendo refletir acerca de como estes saberes são articulados pelos naturólogos. Estes profissionais tem uma formação que abrange desde conhecimentos biológicos e psicológicos até conhecimentos relacionados à física quântica, às práticas integrativas e complementares e aos sistemas médicos não ocidentais. Quando em campo, conversei com os interlocutores sobre a forma como eles desenvolvem suas relações de interagência, procurando compreender como os diferentes saberes em saúde estão sendo articulados por eles:

Ai eu já vejo floral pra fortalecer esse primeiro chackra, ai vem a relação pai/mae, familia, sexo, então tudo isso é primeiro chackra [...] Então, eu associo, aí por exemplo, as pessoas que eu vejo com maior insegurança, tal, o que que eu faço? Aí ja vai no R1, que é medicina chinesa, com a moxa, ou com a caneta vermelha, ou com o escalda pés que eu peço pra ele fazer em casa, ou ensino pra ele. Às vezes, é problema emocional, aí eu já estímulo...tem aqueles pontos de emoção com as sementezinhas, aí ele já faz em casa às vezes um tratamento mantedor ou na cromopuntura, que aí eu utillizaria, né? Ou, às vezes, a própria argila.

Esta interlocutora articula em seu discurso inúmeras técnicas terapêuticas. Primeiro, falou em dar floral para fortalecer o primeiro chackra. O sistema de Florais de Bach, desenvolvido pelo Dr. Bach, emerge como prática de atenção à saúde na Inglaterra e, portanto, trata-se de um saber desenvolvido no ocidente. A noção de chackras, por sua vez, provém da Índia, muito embora tenha sido assimilada no ocidente de forma bastante distinta daquela com o qual os indianos a abordam. Em seguida, cita o ponto R1, do meridiano do rim, utilizado na terapêutica chinesa. Fala de pontos de emoção e utilização de pequenas sementes, que se trata da técnica de auriculoterapia, uma espécie de acupuntura auricular realizada com a aplicação de sementes. Cita, ainda, cromoterapia, geoterapia e escalda pés (hidroterapia), que são *práticas integrativas e complementares* amplamente utilizadas pelos naturólogos. Num único caso, a naturóloga abordou saberes ocidentais e orientais, articulando-os a partir da visão naturológica e com vistas à abordagem integral.

Os naturólogos não se limitam às manifestações físicas dos processos relacionados à saúde, mas também identificam, por meio da anamnese e conversa, padrões negativos (emocionais, sociais, alimentares, entre outros) relacionados aos sintomas físicos. Na anamnese naturológica, assuntos diversos são abordados, como: sono, alimentação, relações sociais, relacionamentos familiares, trabalho, espiritualidade, sexualidade, entre

outros.¹⁷ Às queixas físicas e padrões negativos identificados o naturólogo une, ainda, relações feitas a partir de técnicas diagnósticas concernentes às diferentes tradições médicas não ocidentais. Observação da língua e do pulso, por exemplo, podem ajudar na identificação de desequilíbrios de *yin* e *yang*, no caso da medicina chinesa, ou desequilíbrio referente aos três *doshas*, no caso da medicina ayurvédica. Em tempo, a diagnose de pulso da medicina chinesa é consideravelmente diferenciada da realizada por médicos ayurvédicos.

Além da anamnese e das técnicas diagnósticas dos diferentes sistemas médicos, os naturólogos também utilizam outras técnicas que corroboram com sua avaliação e diagnose, dentre as quais iridialognose (diagnose feita por meio da observação da íris), reflexologia (avaliação feita a partir da pressão de pontos específicos dos pés), fisiognomia (avaliação feita a partir da aplicação de argila na face), cinesiologia (avaliação feita a partir da observação da postura), além dos métodos desenvolvidos na própria Naturologia, como os já referidos mapa do corpo e teste olfativo.

A partir de uma associação de informações muito singular, os naturólogos procuram auxiliar os interagentes a construírem as relações necessárias à compreensão de seus processos relacionados à saúde. Vale lembrar que, na visão aqui apresentada, o diagnóstico não procura localizar uma patologia discreta, senão compreender um processo complexo a partir de seus muitos aspectos. O processo diagnóstico na Naturologia é sempre dinâmico e se modifica a cada atendimento, mediante os resultados decorrentes do atendimento anterior. A partir desta teia de relações que o naturólogo tece junto ao interagente, e que procura abranger o maior número de aspectos, ou dimensões possíveis referentes à vida deste interagente, diversas técnicas terapêuticas são articuladas com vistas ao empoderamento e autonomia da pessoa que buscou ajuda. Dentre as técnicas utilizadas estão aquelas relacionadas à medicina chinesa: acupuntura, moxabustão, ventosas, auriculoterapia, fitoterapia, entre outras; as relacionadas à medicina ayurveda: massagem, alimentação, yoga, meditação, entre outras; além de *práticas integrativas e complementares* como a cromoterapia, florais, geoterapia, aromaterapia, hidroterapia, massoterapia, arteterapia, musicoterapia, entre outras. O propósito destas técnicas não é somente o alívio de sintomas físicos, mas auxiliar o interagente em seu processo de autoconhecimento e empoderamento para que possa, de

17 Muitos dos meus interlocutores relataram que só abordam temas referentes a espiritualidade e a sexualidade mediante a abertura que os interagentes apresentam diante destes assuntos.

forma autônoma, se responsabilizar e participar ativamente da tomada de consciência necessária ao reestabelecimento do seu bem estar.

Os tantos saberes abarcados por esse campo de diálogo chamado Naturologia são abordados e articulados a partir dos pressupostos de uma visão muito particular: a visão naturológica. Mas vale ressaltar que a própria visão naturológica é construída a partir do diálogo entre estes saberes que aborda, embora não se limite a nenhum deles. Assim, estes saberes diversos são a “matéria prima” da visão naturológica, na mesma medida que a visão naturológica é o fio condutor do diálogo entre eles. É a partir deste diálogo entre saberes, que a própria visão naturológica ajuda a conduzir, que esta forma de visão peculiar está sendo criada e recriada, como um caleidoscópio onde a espontaneidade de organização e reorganização dos elementos, e suas refrações, modificam a imagem visualizada.

4 AS TRAJETÓRIAS DOS NATURÓLOGOS E A LEGITIMAÇÃO DA NATUROLOGIA

Neste capítulo descrevo as trajetória dos naturólogos, abordando suas motivações para cursarem Naturologia, seus percursos na graduação, sua entrada no mercado de trabalho, no SUS e suas pesquisas acadêmicas. Imbricada à trajetória dos naturólogos está a trajetória da Naturologia. Neste sentido, apresento a forma como os naturólogos estão construindo seu campo de saber e sua profissão a partir de movimentos políticos e intelectuais organizados que buscam a legitimação da Naturologia e a regulamentação da profissão de naturólogo.

4.1 AS TRAJETÓRIAS DOS NATURÓLOGOS

4.1.1 Sobre o percurso universitário

As motivações para cursar uma graduação em Naturologia geralmente estão relacionadas a dois fatores: a procura por novas formas de se pensar e fazer saúde e à insatisfação concernente ao sistema médico oficial.

Muitos dos naturólogos com quem conversei relataram que, mesmo antes de conhecer a Naturologia, já haviam estabelecido contato com alguma das *práticas integrativas e complementares* que vieram a estudar posteriormente na graduação. Este contato geralmente começou dentro de casa, por meio de relações de parentesco e, quando não eram os próprios pais, alguma tia conhecia um terapeuta floral, ou alguém que morava no mesmo prédio atendia com as práticas integrativas. Alguns interlocutores relataram que, desde criança, não tinham a alopatia como primeiro recurso de atenção à saúde, senão utilizavam, antes, florais, fitoterapia, acupuntura, entre outras coisas.

Uma naturóloga relatou, por exemplo, que um amigo seu fora assassinado na mesma época em que ela estava passando por uma crise de pancreatite. Sua mãe, que já tinha alguma ligação com as terapias integrativas e complementares (florais, shantala, entre outras), ficou sabendo que estagiários da Naturologia atendiam na UNISUL e avisou a filha. A interlocutora procurou a universidade e passou dois anos sendo atendida no estágio. Mesmo estudando moda na época, acabou ingressando no curso de Naturologia, onde se graduou.

Num outro caso, um naturólogo relatou que sua família sempre lhe incentivou a estudar assuntos relacionados às medicinas tradicionais. De acordo com ele, tanto seu pai quanto sua mãe são bastante ligados à natureza e sempre lhe tratavam com as *práticas integrativas e complementares*, em detrimento dos tratamentos alopáticos. Quando criança, teve um problema sério de pele, que os médicos convencionais não conseguiam resolver. Foi um iridólogo que descobriu, por meio da análise de sua íris, que sua mãe havia pego um vírus de pombo durante a gestação que desencadeou a doença de pele deste interlocutor. Ele fez um tratamento à base de minerais e chá de picão preto, resolvendo, assim, o seu problema. Desde este acontecimento, este naturólogo tem estudado as plantas medicinais, tendo ingressado na graduação em Naturologia no ano de 2003. São comuns, portanto, os casos de naturólogos que em seus contextos familiares já possuíam o hábito de utilizar, desde a infância, práticas que vieram a estudar no futuro na Naturologia. Muitos relataram que, apesar de sentirem vontade de trabalhar na área da saúde desde cedo, queriam pensar e fazer saúde de forma distinta à do modelo biomédico. De acordo com uma naturóloga e mestranda em Saúde Coletiva:

Então, eu comecei a praticar yoga numa escola que era perto da casa dos meus pais [...] Tinha acabado de fazer dezessete anos e eu sempre dizia que queria trabalhar na área da saúde, a minha mãe é pesquisadora na UNIFESP [...] Então tipo, eu frequentei a UNIFESP desde criança e na 8ª série sempre falava que ia fazer medicina e que eu ia trabalhar com pesquisa na área da saúde [...] nessa época a minha mãe começou a me levar direto pra dentro da UNIFESP [...] Só que aí eu comecei a desacreditar [...] eu comecei a entrar em contato demais com a instituição médica e vi que não era nada daquilo que eu imaginava que era, que aquilo que eu queria fazer na área da saúde, eu não ia aprender a fazer na medicina [...] E aí quando a gente mudou pra casa que eles moram hoje, eu comecei a fazer aula de yoga numa escola que era a uns dois quilômetros de casa [...] Um dos meus professores trabalhava com medicina tradicional chinesa e eu decidi que eu não ia fazer faculdade, que eu ia fazer a formação de yoga e ia só trabalhar com medicina alternativa. E aí nesse meio tempo, numa aula, meu professor chegou perto de mim e falou assim: “Você já ouviu falar da Naturologia?”

Assim como a motivação que levou esta interlocutora à Naturologia foi sua insatisfação concernente à instituição médica, outros naturólogos apontaram insatisfações referentes ao encontro médico/paciente da biomedicina. Uma naturóloga, que atualmente estuda medicina, relatou:

[...] a minha ideia, quando eu tinha uns dezesseis, dezessete anos era fazer medicina. Sempre quis, estudei bastante e tal [...] aí quando chego na época do vestibular, eu tive uma cólica de rim e precisei da medicina. Eu vi um tratamento bom, porque me passou a dor, mas como ser humano péssimo, e aquilo foi uma crise muito grande, sabe? Eu digo assim: ‘meu Deus, como eu vou entrar no mundo que é o mundo desse jeito?’ [...] eu estava com pedra no rim e no dia seguinte já queria me operar. Por sorte, nessa época eu também fazia um acompanhamento com um fitoterapeuta, e ele era terapeuta holístico. Nem sei exatamente a linha que ele trabalhava, mas ele me ajudou bastante nessa parte humana, sabe? Eu tava sofrendo, a dor do rim não era uma dor tão forte quanto a dor que eu tinha dentro [...] E daí eu resolvi que não ia fazer medicina, que não ia tratar as pessoas daquele jeito [...] acharam aquela pedra no rim e pronto, aquilo ali era o problema. Na verdade eu não sou uma pedra no rim. Foi esse o pensamento que eu tive, eu não queria entrar para esse mundo. Ai eu tive uma crise existencial, porque, meu Deus! O meu mundo desabou, sempre quis fazer medicina, medicina, medicina. Ai conheci uma menina que fazia Naturologia, que era da minha cidade e que me falou: ‘oh, tô indo fazer Naturologia, um curso assim...’ ai me falou como era o curso, ai acabei me interessando, prestei o vestibular pra cá e me apaixonei. E foi a melhor coisa que eu fiz na vida!

Assim como estas duas naturólogas, a grande maioria dos interlocutores de pesquisa relatou que procurou a Naturologia porque queria trabalhar com o cuidado e com a saúde, mas a partir de perspectivas distintas da medicina ocidental. Afirmações apaixonadas como “[...] prestei o vestibular pra cá e me apaixonei. E foi a melhor coisa que eu fiz na vida!” foram muito comuns durante a pesquisa de campo, assim como declarações acerca da transformação que a Naturologia operou na vida dos interlocutores. Nesse sentido, uma naturóloga afirmou:

O curso? Nossa! Eu acho que o curso...eu não acho, eu tenho certeza, o curso ele foi muito transformador, assim. Porque eu entrei uma pessoa e saí outra. Durante todo curso eu pude experienciar muitas coisas. Porque a gente passa, né? Por esse processo de aplicar as terapêuticas em si mesmo e ter que ter um olhar um pouco mais centrado pra ti, pra depois poder observar o outro. Então tudo isso foi me acrescentando muito, eu me transformei muito como pessoa.

A interlocutora atribui as transformações que experimentou na graduação em Naturologia ao contato com as tantas terapêuticas estudadas no curso. Vale lembrar que o contato dos estudantes de Naturologia com

os muitos saberes que estudam é, muitas vezes, vivencial:

A questão do curso trabalhar terapias que mexem contigo. Aí, nas aulas, pô! Tu experimenta um floral, aquilo já mexe contigo, na aula de massoterapia, o trabalho do toque, você tocar alguém, você ser tocado [...] Na aula de cristaloterapia, de você aprender a mexer com as mãos e sentir o centro de energia, utilizar os cristais. Ai eu comecei a utilizar em casa também. Eu chegava em casa e ia fazer os exercícios e ficava doidona lá com esse processo. Então acabei acessando várias coisas, consegui entender o processo com a minha mãe, com o meu irmão. Então, isso melhorou meu relacionamento com eles e até o meu olhar da vida [...] Hoje, ate hoje em dia, todos os dias eu tomo floral, até hoje. (risos)

A visão naturológica aqui discutida, tão central na prática dos naturológicos, é formada não só a partir do contato com os diversos saberes em saúde, mas também a partir da experiência que essas pessoas tiveram com as práticas concernentes a estes saberes. A partir dessas experiências, muitos deles mudam seus hábitos e, ao se formarem, seguem utilizando as terapias que aprenderam, assimilando a Naturologia como um estilo de vida. Alguns naturológicos, mesmo quando não trabalham diretamente com a Naturologia, mantêm um estilo de vida naturológico:

Ah, eu falei abandonar? (risos) Pode ter sido um ato falho (risos). Não, não abandonei, eu penso algum dia em...não abandonei pra mim, pra mim foi muito importante a Naturologia. Aprender a me cuidar e não depender da medicina ortodoxa, que tem disponível por aí, pra mim foi uma coisa muito importante na minha vida, assim, sabe? Porque quando você não tem acesso a isso, não sabe, você acaba ficando dependente do que tá disponível, do que tem. E a naturologia ajudou muito a saber me cuidar, me ajudar...a cuidar das pessoas que estão perto de mim também, podê ta auxiliando as pessoas.

Em geral, a época de ingresso na universidade corresponde com a entrada na vida adulta, mudança da casa dos pais, mudança de cidade, e, portanto, as transformações que estes interlocutores apontam devem ser vistas nesse contexto. Entretanto, uma interlocutora apontou, emocionada, que os saberes que estudou na Naturologia foram potencializadores destes processos de transformação. Eis sua declaração:

Ah, pra mim foi um período de...vontade de chorar. Tô com saudade da Naturologia! Outro dia eu fiquei lembrando. Mas foi um período de transformação contínua. Acho que não teve um semestre, não...uma aula, por que tem aulas que passam batido, que nem mexem com você, mas...(emocionada) foi sei lá, não sei nem dizer direito (lágrimas). Eu

acho que esse processo mesmo de sair de casa, sabe? Eu no fundo, eu não me reconheço mais no estilo de vida dos meus pais, que é esse estilo de vida da classe média que trabalha pra sobreviver, ou trabalha pra manter um padrão de vida que tá determinado, entendeu? Então foi um período, assim, que no fundo eu acho que já me desidentificava disso antes, na real. E aí, na Naturologia eu tive toda uma estrutura, um arcabouço que me possibilitou entrar em crise e rever todas essas coisas assim, sabe? E nesse sentido, é tanto as aulas, as disciplinas, os conteúdos das disciplinas que pra mim são a gentes de transformação intensos. Tipo, o conteúdo de um livro, o conteúdo teórico da antropologia [...] são agentes teóricos. Eu percebo que é pelo conhecimento que eu vou causando essas transformações, mas ao mesmo tempo, o grupo de pessoas, o fato de eu ter realmente saído de casa, morado com outras pessoas que também tavam na mesma situação. Também passando... É esse conjunto que a Naturologia forma mesmo né?

Muitos interlocutores afirmaram que a transformação que passaram durante a graduação em Naturologia está relacionada com os encontros que lá se estabeleceram. A Naturologia, enquanto curso de graduação reconhecido pelo MEC, só é oferecida em duas universidades brasileiras. Portanto, o grupo de pessoas que procura este curso é muito heterogêneo, com sujeitos de todas as partes do Brasil e provindos dos mais diversos contextos culturais. Muitos abandonaram outros cursos de graduação para estudar Naturologia. Estes, em geral, afirmam que não encontravam, em seus antigos cursos, a abordagem à saúde em que acreditam.

Um naturólogo chegou a começar a graduação em farmácia numa universidade pública. Entretanto, afirmou que não toma remédios alopáticos e não concorda com o teste de medicamentos em animais, de forma que a graduação em farmácia era incoerente com seu estilo de vida. Ele pensou em estudar psicologia mas, quando ouviu falar que havia um curso de graduação que buscava abordar a saúde de forma mais integral, vendeu tudo que tinha e foi cursar Naturologia. Disse que chegou a passar fome para pagar a faculdade e manteve três empregos para se sustentar durante a graduação.

Outro caso interessante é o de um naturólogo que começou o curso de biologia mas abandonou, porque queria algo na área da saúde. A medicina não condizia com sua visão acerca da saúde e ele acabou entrando na nutrição. Nesta graduação também não se adaptou, uma vez que o curso era voltado para o trabalho em grandes multinacionais, e não para o cuidado. Foi então que um colega lhe falou da Naturologia. Ele pesquisou

sobre o curso e, depois de aproximadamente um ano, abandonou a nutrição para se formar naturólogo.

Dois interlocutores disseram que cursavam odontologia antes de ingressar na Naturologia, mas abandonaram porque queriam trabalhar com a saúde de uma forma mais integral. Um deles já fazia odontologia há três anos na UNESP quando decidiu que não queria trabalhar como odontólogo. Quando conheceu a Naturologia vendeu o carro, pegou todas suas economias, pagou para o pai os equipamentos de odontologia que havia ganho e pagou um ano e meio de aluguel e de faculdade para cursar Naturologia. Assim como nestes, noutros casos pessoas que cursavam fonoaudiologia e educação física, por exemplo, abandonaram estas carreiras para trabalhar com Naturologia.

Além das pessoas que migraram de outros cursos da área da saúde para a Naturologia, alguns vieram de cursos de graduação de outras áreas. Uma naturóloga, que cursava relações internacionais na época, foi convidada para participar de um congresso de Naturologia e, de acordo com suas palavras: *“Eu sei de lá apaixonada. Ai eu falei: ‘mãe, quero fazer isso, vou largar tudo’”*. Ela graduou-se tanto em relações internacionais, quanto em Naturologia.

Outro caso interessante é o de um naturólogo que se formou em direito, mas sempre se interessou pela área da educação. Por muitos anos ele trabalhou com educação ambiental, mas quando descobriu a graduação em Naturologia e viu nela a possibilidade de trabalhar com educação em saúde, ingressou novamente na universidade, se formou e trabalha com Naturologia desde então.

4.1.2 A inserção no mercado de trabalho

Alguns naturólogos relataram que, ao se graduarem, encontraram uma série de dificuldades, pois não se sentiam prontos para atuarem no mercado de trabalho, sobretudo no que concerne à área de empreendedorismo e administração. De acordo com um naturólogo que está construindo sua carreira como empreendedor:

O mundo dentro da universidade é outro. Tu tá ali te formando com a visão de que, realmente, todo mundo precisa de você. Que tu vai sair, vai abrir a porta em qualquer lugar e vai chover gente te procurando e você vai ganhar dinheiro. Não é assim, não tem como. E é isso que eu vejo muita gente aí se decepcionando né? Sai, investe uma grana pra montar um espaço legal, bonito, mas não tem a formação empreen-

dedora, administrativa, de marketing [...] O mercado de trabalho hoje tá muito competitivo, se você não tiver essas noções mínimas e não correr atrás, você perde.

Com certeza, recém graduados de todas as áreas sentem alguma insegurança ao terem que adentrar o mercado de trabalho. Entretanto, a situação dos naturólogos é um pouco agravada, pois sua profissão ainda é razoavelmente desconhecida e está em fase de regulamentação no Brasil. Não obstante, os naturólogos têm conquistado seu espaço em locais como spas, clínicas, escolas, universidades, consultórios, cruzeiros marítimos, hotéis, ONGs e no próprio Sistema Único de Saúde - SUS.

4.1.2.1 Naturólogos no spa

Na busca por espaço no mercado de trabalho, muitas vezes os naturólogos têm que trabalhar sem que possam aplicar a abordagem integral em que acreditam. Este é o caso daqueles que, ao se formarem, conseguiram trabalhos em spas de estética mas que, no entanto, não estão satisfeitos. Os spas são locais de passagem, onde as pessoas ficam pequenas temporadas, ou apenas um dia. Portanto, seria mais difícil estabelecer uma *relação de interaçência* dado o tempo limitado que naturólogo e interagente têm para desenvolverem um *vínculo terapêutico* eficiente. Nestes estabelecimentos, os naturólogos realizam atendimentos clínicos individuais, onde utilizam as *práticas integrativas e complementares*, mas focados na estética, e a partir de protocolos prontos, o que pode limitar uma abordagem integral. De acordo com uma naturóloga:

Eu não consigo separar, só fazer a parte estética vendo que tem outras coisas mais importantes para serem trabalhadas. Essa diferenciação é muito difícil pra mim fazer. No spa eu tenho muita dificuldade nisso, de ver a pessoa ali, que ta só pra emagrecer, mas tem tanta coisa por trás, sabe? Que é mais importante até que emagrecer, que ela vai acabar emagrecendo se trabalhar outros aspectos. E até minha chefe vinha falar comigo isso, e eu falei assim: “olha, isso é uma dificuldade minha, talvez eu consiga separar, mas tá difícil.

Outra dificuldade de trabalhar em spa concerne à relação de gênero. De acordo com alguns naturólogos, tanto o público que procura um spa, quanto os donos destes espaços, preferem que as mulheres apliquem as práticas, o que dificulta a atuação de homens nestes estabelecimentos.

Em geral, os trabalhos voltados para estética e emagrecimento são feitos a partir de protocolos prontos que o spa fornece aos profissionais.

De acordo com meus interlocutores, isso limita o trabalho do naturólogo, que tem um grande leque de práticas para articular mas só pode utilizar aquelas que são parte dos protocolos. Entretanto, em alguns casos, os naturólogos têm utilizado a criatividade para adaptar sua abordagem integral ao roteiro dos estabelecimento onde atuam:

La é um spa, eles tem todo o roteiro de spa deles. A pessoa vai lá e tem o roteiro tradicional de ir pro spa, só que, além disso, tem os tratamentos de Naturologia. A gente criou oito tratamentos, com práticas, com focos e objetivos diferentes, e as pessoas escolhem o que elasquerem. [...] Aí a gente conversa, vê como ela está, faz um teste olfativo e aí vê qual é o objetivo. Aí faz a massagem em cima do objeto que ela trouxe, aí é muito legal, as pessoas têm horrores de insights. Porque quando você vai no spa tradicional, todos recebem a mesma massagem, todo mundo recebe a mesma bobagem, todo mundo recebe o mesmo protocolo. E lá não, são protocolos com práticas, mas aperfeiçoados para cada pessoa, porque é Naturologia, e é muito legal porque as pessoas quando saem da massagem, perguntam: 'Tu é formado no que mesmo? É tão bom isso...' Tipo assim, é tão legal, porque tem um feedback muito bom, por mais que a pessoa esteja lá, recebendo massagem a semana inteira, ela recebe o tratamento nosso, sabe que é diferente.

Nem todos os naturólogos entrevistados tiveram a liberdade de criar seus próprios protocolos nos spas onde atuam. Entretanto, vários interlocutores relataram que, tanto as pessoas atendidas quanto os donos dos spas, notam a diferença da visão e da abordagem dos profissionais naturólogos, com relação a outros profissionais que atuam nos mesmos estabelecimentos.

Tive notícias de naturólogos que são proprietários de spas e buscam trabalhar com a visão naturológica em seus espaços, em detrimento de uma visão voltada apenas para estética ou emagrecimento. Entretanto, não foi possível conversar com esses naturólogos na pesquisa de campo. Os interlocutores da de pesquisa que estão atuando em spa são empregados destes estabelecimentos, sendo que alguns trabalham como free lancers e outros possuem carteira assinada. Em geral, seus salários fixos nestes locais variam de 720 a 1800 reais, mais comissões. As comissões podem variar de cinco a 30 por cento do preço da sessão, dependendo do spa. Dentre os casos ouvidos em campo, no spa mais econômico a sessão mais barata custa 120 reais, com uma hora de duração; ao passo que no spa mais oneroso, as sessões mais custosas podem chegar a 350 reais por hora.

4.1.2.2 Naturólogos nas clínicas

A grande maioria dos naturólogos entrevistados têm trabalhado com atendimentos clínicos individuais. Estes atendimentos são realizados em clínicas, consultórios ou na própria casa dos interagentes. É o caso de um naturólogo que trabalha em dois espaços diferentes: um consultório na beira da praia e uma clínica em um bairro de classe média. Na beira da praia, ele atende atletas de alto rendimento dedicados a esportes radicais como skate, surf e kitesurfe patrocinados por uma reconhecida marca que financia eventos, como campeonatos de surf, por exemplo. De acordo com o naturólogo, embora o convênio com esta marca não seja dos mais rentáveis diretamente, ter seu trabalho vinculado a uma grande marca já é uma vantagem, uma vez que divulga e promove o seu trabalho. Além destes atletas, ele atende o público da praia em geral, composto principalmente por jovens e turistas. Em seus atendimentos clínicos, utiliza diversas *práticas integrativas e complementares*, além das técnicas chinesas nas quais é especializado.

Mas, se na beira da praia ele atende mais turistas e jovens, na clínica onde trabalha atende pessoas com carreiras consolidadas e maior poder aquisitivo. Além do atendimento clínico nestes dois espaços, este naturólogo ainda promove cursos relacionados às práticas que utiliza, como ventosaterapia, auriculoterapia, entre outras, num estabelecimento de ensino que oferece cursos e especializações. Vale ressaltar que a dona deste centro de cursos e especializações também é naturóloga, entretanto, não foi possível conversar com ela durante o trabalho de campo.

Os naturólogos entrevistados que estão trabalhando com atendimento clínico particular têm mantido uma média de dez a trinta atendimentos por semana. O naturólogo que possuía mais interagentes na época do trabalho de campo estava atendendo vinte e cinco pessoas por semana. Os custos de um atendimento com Naturologia podem variar de 60 a 150 reais, dependendo do tempo de duração do atendimento (entre 60 a 120 minutos, em média), da prática utilizada (acupuntura, por exemplo, é uma técnica mais onerosa, na maioria dos casos), dos insumos utilizados em cada prática (óleos vegetais, óleos essenciais, agulhas de acupuntura, plantas medicinais, entre outros), dentre outras coisas.

Em alguns casos, os naturólogos tem que deixar uma porcentagem de seus atendimentos para os donos dos espaços onde atuam (de 30 a 50 por cento, em média). Noutros casos, sublocam alguma sala do espaço em que pagam um valor fixo de aluguel, independente de qual

seja o movimento naquele mês. Alguns possuem seus próprios espaços (clínicas, consultórios e spa) onde, além de não pagarem porcentagem dos atendimentos, sublocam salas para outros profissionais. Entretanto, pelo fato da Naturologia não ser regulamentada como profissão no Brasil, os naturólogos têm encontrado uma série de dificuldades para regularizar suas clínicas e consultórios.

4.1.2.3 Naturólogos no ensino/aprendizagem e nas equipes multidisciplinares

A área de ensino/aprendizagem também tem chamado a atenção de muitos naturólogos. Um interlocutor que realizou duas especializações em medicina tradicional chinesa estava, na época da interlocução, ministrando aulas desta tradição médica em diversas cidades do Brasil (Sorocaba, Bauru, Campinas, São Paulo, Santos e Goiânia).

Outros naturólogos que seguiram carreira acadêmica estão dando aulas em universidades. Uma naturóloga mestre em saúde pública, por exemplo, ministra aulas de *Práticas Integrativas e Saúde Sustentável* para estudantes do curso de enfermagem de uma universidade paulista. Noutro caso, o naturólogo, além de fazer parte do corpo docente do curso de graduação em Naturologia, chegou a ministrar aulas no curso de nutrição de uma universidade catarinense. Existem, ainda, naturólogas trabalhando com educação infantil em escolas que desenvolvem a pedagogia Waldorf (baseada nos pressupostos da antroposofia).

Naturólogos também têm integrado equipes de saúde multidisciplinares, como no caso de um interlocutor que participa do GAPOS (Grupo de Apoio e Tratamento a Pessoas com Obesidade). Neste grupo, uma equipe formada por profissionais da nutrição, da psicologia e da Naturologia trabalham juntos a partir de uma abordagem que busca a complementariedade na atuação destes profissionais. Outros naturólogos têm estabelecido parcerias com diversos profissionais da saúde, como no caso de uma naturóloga que atende no mesmo espaço que uma psiquiatra. Uma interlocutora relatou este caso:

Ela (a psiquiatra) passa todos os interagentes pra naturóloga, que faz a manutenção do tratamento médico. Por exemplo, ela tira da fase aguda, do surto psiquiátrico, daquele surto de ansiedade maior e aí a naturóloga faz a manutenção do processo de tranquilidade, de entender o processo que levou a pessoa a tá super ansiosa, de renovação energética, de desintoxicação.

Diversos outros profissionais, como fisioterapeutas, nutricionistas e psicólogos, também têm mantido parceria com naturólogos, seja por meio de uma atuação conjunta, seja por meio do encaminhamento de casos.

4.1.2.4 Naturólogos empreendedores e convênios

A área de empreendedorismo também tem chamado a atenção dos naturólogos. É o caso de um interlocutor que abriu uma loja na internet onde comercializa produtos voltados às *práticas integrativas e complementares*. Além das vendas on-line, também frequenta eventos pelo Brasil para vender seus produtos diretamente ao consumidor. Ainda na área de empreendedorismo, três naturólogos se associaram e abriram uma franquia de produtos cosméticos produzidos com baixo impacto ambiental e sem teste em animais. Estes profissionais administram esta franquia e uma clínica, onde realizam seus atendimentos clínicos.

Naturólogos também têm feito convênios e parcerias. Em um deles, a naturóloga estabeleceu um convênio com uma empresa que organiza campeonatos de pôquer. Ela atende um mínimo de sete jogadores por dia, com valor de 50 reais por atendimento, o que soma aproximadamente 350 reais por dia. A naturóloga realiza atendimentos individuais com as *práticas integrativas e complementares* nestes eventos, em clínicas com as quais tem parceria e na casa das pessoas.

4.1.2.5 Naturólogos em projetos sociais e ambientais

A noção de *relação de interagência* vem sendo ampliada por alguns naturólogos que realizam trabalhos relacionados ao bem estar social e ambiental. É o caso de um interlocutor que ampliou a *relação de interagência* para além das clínicas e consultórios quando afirmou que o trabalho concernente à reciclagem e à sustentabilidade também são formas de *relação de interagência*. De acordo com ele, uma abordagem integral não pode se limitar aos consultórios, uma vez que a própria saúde humana depende da saúde ambiental. Este naturólogo optou por não realizar atendimentos clínicos individuais, senão trabalhar com grupos e em projetos relacionados à sustentabilidade.

Voltado ao que seria o aspecto ambiental da saúde integral, um naturólogo fez, durante e depois da graduação, diversos cursos relacionados à agricultura orgânica. Ele vem trabalhando com a terra a partir de

uma perspectiva agroecológica e sustentável. No mesmo sentido, outro interlocutor relatou que trabalha numa ONG que desenvolve soluções socioambientais, onde atua na área administrativa e como educador ambiental.

O bem estar social também têm sido uma preocupação para alguns naturólogos que se vestem de palhaço e frequentam hospitais com um grupo denominado “Terapeutas da Alegria”. Este grupo é formado por profissionais da saúde que visam, por meio da arte e da cultura, levar alegria e bem estar para pessoas que sofrem em hospitais. Existe, ainda, um grupo de naturólogos que viaja pelo Brasil realizando atendimentos clínicos em locais onde o sistema de saúde público é precário e a demanda por profissionais da saúde, grande. Este grupo é denominado “Naturólogos sem Fronteiras”.

Além destes exemplos, existem naturólogos trabalhando em outros segmentos, como cruzeiros marítimos, grandes empresas (terapia com grupos de funcionários), eventos esportivos e em geral, academias, asilos, entre outros. Um interlocutor chegou a afirmar: *“Tem trabalho pra todo naturólogo que correr atrás. Não tá trabalhando quem não quer.”* Outro ponto importante referente à trajetória dos naturólogos refere-se à busca destes profissionais por um espaço no SUS. Este assunto será abordado com maior profundidade ainda neste capítulo.

4.1.3 A versatilidade do naturólogo e a visão naturológica

Os profissionais da Naturologia têm demonstrado grande versatilidade ao se inserirem em diversos segmentos do mercado de trabalho. Esta versatilidade está relacionada à amplitude da visão naturológica, que pode ser aplicada a muitas áreas de atuação. Entretanto, estes profissionais, na maioria das vezes, não se limitam aos conteúdos aprendidos na graduação. Muitos naturólogos seguem estudando em cursos, especializações, mestrados e doutorados, agregando cada vez mais saberes ao campo de diálogo em que se encerra a Naturologia. Após se graduarem, e mesmo durante a graduação, grande parte dos interlocutores entrevistados complementou sua formação por meio de cursos e especializações. Alguns desses cursos são para aprofundar conhecimentos já abordados na graduação, como medicina chinesa, medicina ayurveda, massoterapia, florais, aromaterapia, fitoterapia, radiestesia, cromoterapia, entre outros. Em outros casos, são saberes não abordados na graduação, mas que reverberam com a visão naturológica, como no caso dos cursos de agricultura

biodinâmica, manejo agroflorestal, reiki, bioconstrução, coaching, entre outros.

Portanto, além da multiplicidade de saberes abordados na graduação, outros tantos saberes são agregados ao campo de diálogo naturoológico. Isto só é possível devido ao caráter polifônico e altamente dinâmico com o qual a visão naturoológica é formada e a partir do qual articula os saberes que a constituem. Para além dos saberes abordados na graduação, cada naturoólogo tem a possibilidade, por meio da prática clínica e das pesquisas acadêmicas, de agregar mais espelhos e mais elementos ao caleidoscópio de saberes naturoológicos, ampliando cada vez mais a possibilidade de variação dos padrões específicos que podem ser formados.

4.2 A TRAJETÓRIA DA NATUROLOGIA

4.2.1 A legitimação da Naturologia

Três movimentos, mais ou menos imbricados, estão sendo desenvolvidos pelos naturoólogos na busca pela legitimação de seus saberes e pela regulamentação da sua profissão. Num primeiro movimento os naturoólogos montaram, em 2004, a Associação Brasileira de Naturologia (ABRANA), buscando articular-se politicamente para regulamentar a profissão. Outro movimento importante refere-se à inserção da SUS. O terceiro e último movimento é aquele onde naturoólogos ingressam em programas de mestrado e doutorado para aprofundar suas reflexões acerca dos saberes naturoológicos.

4.2.1.1 A Naturologia no Sistema Único de Saúde

Um levantamento feito pelo naturoólogo Bruno C. W. Evangelista (não publicado), identificou que, entre os anos de 2007 e 2012, seis cidades brasileiras ofereceram vagas para naturoólogos por meio de concurso público. Destas, três estão situadas no estado de Santa Catarina (São Joaquim, Laguna e Ermo), uma no estado do Rio de Janeiro (Macaé), uma no estado de Rondônia (Vilhena) e uma é paulista (Registro). Foi ofertada uma vaga para naturoólogo em cada uma destas cidades, com exceção de São Joaquim, que ofertou duas. Somam-se, portanto, sete vagas em cargos públicos ofertadas para os naturoólogos brasileiros.

O pesquisador que realizou este levantamento apontou que, apesar

da quantidade de vagas para naturólogos no SUS ainda ser modesta, o futuro destes profissionais é promissor, uma vez que a política Nacional de *práticas Integrativas e Complementares* (PNPIC) foi aprovada recentemente (2006). Muitos interlocutores apontaram que, tanto os princípios doutrinários do SUS quanto a PNPIC, ressoam com a visão e com a prática dos naturólogos. De acordo com eles, este fato deve ser visto não só como justificativa, mas como incentivo para a contratação de naturólogos no SUS.

Um dos princípios do Sistema Único de Saúde é o da *integralidade*, entretanto, este tem sido abordado de forma razoavelmente polisêmica nos debates e reflexões acerca do SUS (ANDRADE, 2012). Não obstante, um dos pressupostos abarcados pelo princípio da integralidade do SUS parece ressoar com a abordagem integral dos naturólogos. De acordo com uma obra lançada pelo Ministério da Saúde (2009) a integralidade:

É um princípio fundamental do SUS. Garante ao usuário uma atenção que abrange as ações de promoção, prevenção, tratamento e reabilitação, com garantia de acesso a todos os níveis de complexidade do Sistema de Saúde. A integralidade também pressupõe a atenção focada no indivíduo, na família e na comunidade (inserção social) e não num recorte de ações ou enfermidades (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009, p. 192).

O princípio de integralidade do SUS pressupõe, portanto, uma atenção focada no indivíduo, na família e na comunidade, em detrimento a um recorte de ações ou enfermidades específicas. Como vimos, a visão naturológica também pressupõe uma abordagem integral que, a despeito do recorte das enfermidades enquanto entidades discretas, procura ter uma visão ampliada da saúde.

A PNPIC emerge, justamente, como uma forma de fortalecer e garantir o princípio de integralidade do SUS. Segue-se um trecho da apresentação desta política:

No cumprimento de suas atribuições de coordenação do Sistema Único de Saúde e de estabelecimento de políticas para garantir a integralidade na atenção à saúde, o Ministério da Saúde apresenta a Política Nacional de *Práticas Integrativas e Complementares* (PNPIC) no SUS, cuja implementação

envolve justificativas de natureza política, técnica, econômica, social e cultural [...] Considerando o indivíduo na sua dimensão global - sem perder de vista a sua singularidade, quando da explicação de seus processos de adoecimento e de saúde - a PNPIC corrobora para a integralidade da atenção à saúde, princípio este que requer, também, a interação das ações e serviços existentes no SUS. Estudos têm demonstrado que tais abordagens contribuem para a ampliação da co-responsabilidade dos indivíduos pela saúde, contribuindo, assim, para o aumento do exercício da cidadania. (MINISTERIO DA SAUDE, 2006, p.4-5)

Os naturólogos defendem que a visão naturológica vem de encontro aos princípios do SUS e aos objetivos da PNPIC, uma vez que esta política visa garantir a integralidade na atenção à saúde, contribuindo para a ampliação da coresponsabilidade dos indivíduos e para o aumento da cidadania.

Durante a pesquisa de campo, foram ouvidos três naturólogos que prestaram concurso público e foram contratados para atuarem no SUS. Num desses casos, a naturóloga começou a trabalhar na prefeitura de sua cidade como voluntária. Disse que, em 2009, atendeu muitas pessoas na prefeitura e, posteriormente, conseguiu um contrato onde recebia o salário equivalente ao de um profissional com ensino médio completo. Esse contrato era renovado a cada mês e, apesar de contratada, a naturóloga não ganhava o esperado e sua situação era muito instável. Ela chegou a conversar com a secretaria municipal e com o prefeito, para quem mostrou os editais abertos para a contratação de naturólogos em outras cidades brasileiras. Foi a partir do projeto de lei desenvolvido pela deputada estadual Maria Inês Pandeló, que a naturóloga conseguiu se inserir no SUS como funcionária pública.

A Lei 5471, de 10 de junho de 2009, foi decretada pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e sancionada pelo governador Sérgio Cabral. Esta Lei criou o *Programa de Terapia Natural*, que tem como objetivo atender a população do estado do Rio de Janeiro com as *práticas integrativas e complementares*, visando seu bem estar e melhoria na qualidade de vida. Dentre as modalidades terapêuticas adotadas por meio do Programa de Terapia Natural, encontra-se a Naturologia, especificamente, além de diversas *práticas integrativas e complementares* utilizadas pelos naturólogos, como terapia floral, geoterapia, aromoterapia,

entre outras. Portanto, apesar da profissão de naturólogo estar em fase de regulamentação no âmbito nacional, esta lei estadual regulamentou a Naturologia no estado do Rio de Janeiro. Foi a partir dela que surgiu a possibilidade daquela naturóloga ingressar no serviço público por meio de um edital publicado em dezembro de 2010. A prova referente a este edital foi realizada em janeiro de 2012, mas a naturóloga ainda não havia assumido o cargo na época da nossa interlocução.

Outro caso interessante é o de um interlocutor que foi contatado diretamente pela secretária de saúde da sua cidade. Ele deixou um panfleto de divulgação do seu trabalho num estabelecimento que costumava frequentar. A secretária de saúde da cidade, viu o panfleto e ligou para ele, dizendo que precisava de um profissional com o seu perfil para atuar no SUS. No ano de 2006 o naturólogo foi incorporado à prefeitura de sua cidade via concurso aberto pelo CEREST - Centro de Referência em Saúde do Trabalhador. No CEREST, o naturólogo foi responsável pelo eixo LER/DORT (lesões por esforços repetitivos/doenças osteoarticulares relacionadas ao trabalho), onde cuidava das notificações para alimentar o SINAN/NET, além de organizar eventos e realizar atendimentos clínicos com acupuntura para pacientes acometidos por LER/DORT. As pessoas atendidas pelo naturólogo eram encaminhadas pelos fisioterapeutas do Setor Municipal.

Atualmente, a Naturologia compõe a equipe multiprofissional do Setor de Reabilitação e Fisioterapia daquele município, onde o naturólogo realiza atendimentos clínicos com acupuntura, com as terapêuticas da Naturologia, além de realizar atividades em grupos com *Chi Gong* (técnica corporal chinesa). Para ser atendido no setor, todos os pacientes devem ter um diagnóstico médico e podem ser encaminhados por toda a equipe multiprofissional.

O que parece mais interessante na trajetória deste naturólogo é que o caminho que ele percorreu foi inverso ao do caso apresentado anteriormente. Enquanto no primeiro a naturóloga foi à prefeitura conversar com a secretária municipal e com o prefeito, no segundo foi a secretária municipal quem procurou o naturólogo. Neste caso, foi a partir da demanda do próprio sistema público de saúde municipal que o naturólogo foi procurado e contratado.

Outra naturóloga, que também prestou concurso e foi contratada como funcionária pública numa cidade catarinense, atua no NASF - Núcleo de Apoio e Saúde da Família - tanto de forma individual quanto multiprofissional. A equipe da qual ela faz parte é composta por nutricionista,

psicólogo, educador físico, assistente social e fisioterapeuta. Dentre as atividades que ela exerce está o desenvolvimento de projetos, atividades de educação em saúde para profissionais do SUS, planejamento, levantamento de recursos e materiais, além de atendimentos clínicos individuais. Ela realiza, ainda, visitas familiares com orientações em saúde, trabalho em salas de espera de postos de saúde - aproveitando um tempo que seria perdido para os usuários dos SUS - encontros comunitários em catorze comunidades para troca de experiências acerca das plantas medicinais, além de atuar, juntamente com outros profissionais, em grupos de saúde mental, gestantes, cuidadores, CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), entre outros.

Com relação aos atendimentos individuais, a chefe da policlínica desta cidade sugeriu que fossem realizados em vinte minutos. Entretanto, a naturóloga explicou a forma diferenciada como se desenvolve o encontro terapêutico na Naturologia (a *relação de interagência*) e sua chefe ampliou a duração dos atendimentos para quarenta minutos. Nas atividades que realiza em sua atuação no SUS, a naturóloga utiliza as seguintes práticas: fitoterapia, trofoterapia, arteterapia, musicoterapia, cromoterapia, aromaterapia, florais e meditação. Também orienta práticas de geoterapia e hidroterapia que as pessoas realizam em casa. Tanto médicos, quanto enfermeiros, fisioterapeutas e nutricionistas encaminham pessoas para serem atendidas por ela. A fila de espera para atendimento com Naturologia nesta cidade era de aproximadamente trinta pessoas quando da conversa com a interlocutora. Ela afirmou que a inclusão da Naturologia na rede pública onde trabalha está de acordo com a demanda municipal e com a PNPIC.

Numa palestra realizada pela mesma naturóloga, foram apresentados relatos de algumas pessoas atendidas com a Naturologia pelo SUS. Declarações como: “*devia ter uma naturóloga em cada posto de saúde*” ou “*realizei um sonho*”, foram comuns, o que salienta a demanda da população por formas diferenciadas de atenção à saúde. De acordo com a interlocutora, os interagentes demonstraram grande interesse pelas práticas aplicadas e ressaltaram que são comumente inacessíveis para a maior parte da população. Além das *práticas integrativas e complementares*, os usuários do SUS elogiaram a forma diferenciada como a naturóloga conduz seus atendimentos. Ela relatou, ainda, que alguns benefícios relacionados à inserção da Naturologia no SUS já podem ser percebidos no município onde atua, dentre os quais: melhora na qualidade de vida, diminuição no uso de remédios alopáticos, transformação de hábitos ne-

gativos, entre outras coisas.

4.2.1.2 A regulamentação da profissão de naturólogo

Há alguns anos foi criada a Associação Brasileira de Naturologia (ABRANA), com sede em Santa Catarina. Desde então, seus integrantes vêm se articulando politicamente com vistas ao reconhecimento e regulamentação da Naturologia no Brasil. De acordo com a associação:

A ABRANA, Associação Brasileira de Naturologia, fundada em 27 de abril de 2004, sendo uma instituição sem fins lucrativos e tendo por objetivo maior representar e auxiliar aos Naturólogos, estudantes e outros que venham a colaborar sempre para o crescimento, reconhecimento e regulamentação da profissão e curso de Naturologia no país e no mundo. Além de trazer, oferecer aos seus associados, cursos, congressos, espaço em mídia própria, e demais assessorias. (ABRANA, 2013)

Já existe um projeto de lei, elaborado por um deputado do Rio Grande do Sul, que visa regulamentar a profissão de naturólogo. Entretanto, este projeto, ainda não aprovado pelo congresso, havia sido *apensado* ao projeto de regulamentação do terapeuta holístico. De acordo com o presidente da ABRANA, uma comissão, responsável por avaliar a grande quantidade de projetos que chegam no congresso para serem aprovados, analisa quais podem ser iguais ou muito similares, apensando (ou unindo) os que consideram idênticos. O problema, de acordo com ele, é que o terapeuta holístico é um profissional consideravelmente distinto do profissional naturólogo, uma vez que só este último tem curso superior voltado para sua formação. No projeto de lei que regulamenta o terapeuta holístico entra qualquer profissional que fizer um curso de final de semana e se filiar a algum sindicato de terapeutas. Para se tornar naturólogo, por outro lado, é necessário ingressar na universidade e se graduar em Naturologia. Segundo o presidente da ABRANA, comparando o projeto de regulamentação do naturólogo e o do terapeuta holístico, dá para notar uma disparidade muito grande entre esses dois profissionais.

De acordo com um naturólogo mestre em saúde coletiva, o ensino universitário é um dos maiores diferenciais do naturólogo com relação aos terapeutas holísticos, uma vez que a academia proporciona ao bacharel uma visão crítica indispensável na escolha de produtos, terapias

e modalidades, favorecendo a tomada de decisão consciente na prática clínica. Por sua formação universitária, o naturólogo estaria apto a produzir estudos para avaliar mecanismos de ação, eficácia, efetividade e segurança das terapias e para analisar os aspectos históricos, filosóficos, antropológicos e sociológicos relacionados a elas.

Mediante estas disparidades foi solicitado que os dois projetos de lei fossem desamparados. A solicitação foi atendida e, atualmente, o projeto que regulamenta a profissão de naturólogo está aguardando parecer na Comissão de Seguridade Social e Família (CSSF) (CÂMARA, 2013). Além da regulamentação da profissão de naturólogo, o presidente da ABRANA também alertou para importância de conseguir o registro da Naturologia na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Este registro possibilitaria, por exemplo, a contratação de naturólogos com carteira assinada. Outro ponto importante, salientado pelo presidente da associação, diz respeito à criação de um conselho que fiscalize o trabalho do naturólogo, garantindo-lhe os direitos e alertando-o acerca dos deveres. Diferente da associação, onde os naturólogos optam por se associar ou não, o registro no conselho seria obrigatório e só naturólogos poderiam se associar.

Existem outras ideias sendo fomentadas com relação à organização política, legal e burocrática da Naturologia. Nos últimos anos, os cursos de Naturologia, em São Paulo e Florianópolis, têm buscado se unir e criar uma coerência entre seus ensinamentos, pesquisas e ações políticas. Neste sentido, existe uma tendência de unir a Associação Brasileira de Naturologia (ABRANA) e a Associação Paulista de Naturologia (APANAT) numa única instituição, que teria uma matriz nacional reguladora e filiais estaduais em Santa Catarina e São Paulo (com autonomia regional).

4.2.1.3 As pesquisas acadêmicas

Pesquisas acadêmicas vêm sendo realizadas tanto no curso de graduação de Naturologia quanto em programas de pós-graduação de universidades públicas brasileiras, com o intuito de ampliar o campo de saber naturológico. Na universidade onde fiz pesquisa de campo, os graduandos têm que escrever um artigo científico como trabalho de conclusão de curso. Estes artigos estão baseados em pesquisas realizadas pelos próprios estudantes sob a orientação dos professores da Naturologia. Participei da apresentação de alguns destes artigos onde percebe-se que as áreas para as quais estes estudantes e seus orientadores estão voltando sua atenção

são muito variadas.

Dentre os trabalhos voltados para a eficácia das modalidades terapêuticas, foi apresentada uma pesquisa quase experimental, randomizada, quantitativa e qualitativa, que investigou a influência da ingestão de água morna (uma modalidade de hidroterapia) na motilidade intestinal. Outro exemplo é o da estudante que fez uma pesquisa experimental com o óleo essencial de cedro para comprovar sua eficácia analgésica. Sua investigação foi realizada no laboratório de neurociências da universidade, onde comprovou o efeito analgésico do cedro a partir de experimentos realizados com pequenos roedores.

Além das pesquisas experimentais, também foram apresentados trabalhos mais reflexivos e realizados a partir de pesquisa de campo. Em um deles, o pesquisador realizou entrevistas, com naturólogos e integrantes, a partir das quais desenvolveu reflexões acerca da *relação de interagência*. Noutra pesquisa, uma naturóloga que fez uma revisão bibliográfica acerca dos pontos e meridianos da medicina chinesa, traçando uma relação destes pontos com uma modalidade da geoterapia chamada *massagem desintoxicante*. Este caso é particularmente interessante, pois procura refletir acerca da utilização de uma terapêutica não chinesa (geoterapia), a partir da teoria chinesa. Esta pesquisa parece ilustrar, mais uma vez, o fato de que a Naturologia se encerra num campo de diálogo entre saberes em saúde.

Os naturólogos também vêm realizando pesquisas em mestrados e doutorados de diversas áreas: saúde coletiva, saúde pública, antropologia, neurociências, psicologia, entre outras. Durante a pesquisa de campo estes pesquisadores foram identificados, sendo que foi possível conversar pessoalmente com alguns deles. Não existe a pretensão de, neste trabalho, apresentar um levantamento de todos os naturólogos que realizaram ou estão realizando pesquisas acadêmicas. O que se pretende salientar é a diversidade de abordagens com as quais os naturólogos vêm orientando suas investigações.

No Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UFSC, dois naturólogos já receberam o título de mestre, sendo que um deles já está no doutorado. Um destes pesquisadores voltou suas investigações, durante o mestrado, para a bioética no ensino da Naturologia. No doutorado, no entanto, ele não está pesquisando diretamente a Naturologia, senão a epistemologia da bioética. O outro naturólogo, que já concluiu o mestrado em saúde coletiva na UFSC, fez uma pesquisa relacionada ao tabagismo a partir da epidemiologia. Ainda no Programa de Pós-graduação em Saúde

Coletiva da UFSC, uma naturóloga está desenvolvendo uma pesquisa na área de saúde mental, onde aborda a medicalização da depressão.

Na área das ciências sociais, uma naturóloga ingressou no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, onde está realizando uma pesquisa acerca dos afoxés de Recife e de Olinda. Seu foco é analisar quais as perspectivas e sentidos que as pessoas atribuem a prática do afoxé como expressão religiosa e cultural, como momento de lazer e como movimento social.

Na área de neurociências, um naturólogo vem realizando pesquisas experimentais voltadas para os mecanismos de ação, evidências e eficácia das *práticas integrativas e complementares*. Segundo ele, é por meio das evidências que se pode garantir a eficácia, segurança e qualidade destas práticas. Sua linha de pesquisa está relacionada com os mecanismos de ação neurobiológicos e efeitos da acupuntura no controle da dor e da inflamação. Este naturólogo já concluiu o mestrado e doutorado em neurociências na UFSC e hoje é professor de um laboratório experimental nesta área. Além de professor, atua como diretor de pesquisa e desenvolvimento da Multiple Energy Technologies, localizado nos Estados Unidos (USA), onde desenvolve produtos relacionados às terapias integrativas e complementares.

Numa viagem de campo ao estado de São Paulo, pude conversar com duas naturólogas que realizam pesquisas na USP e na UNICAMP. A pesquisadora que atua na USP já concluiu o mestrado e está no doutorado em saúde pública. Durante o mestrado, fez uma pesquisa relacionada às *práticas integrativas e complementares* na promoção da saúde e, de acordo com ela, no doutorado seu foco está mais voltado para comunicação em saúde. A que atua na UNICAMP relatou que pretende fazer uma aproximação teórica entre a construção histórica do SUS e a noção de democracia para Bruno Latour. Segundo a interlocutora, seu trabalho de mestrado é uma preparação para o doutorado, quando pretende realizar pesquisa de campo.

Este não é um levantamento de todas as pesquisas realizadas por naturólogos. Algumas das pesquisas mencionadas ainda nem estão concluídas, de modo que podem tomar rumos distintos daqueles apresentados nas descrições. O que pretendo apontar com estes exemplos, é a grande abrangência de áreas e temas abarcados pelas pesquisas realizadas pelos naturólogos. O fato dos bacharéis em Naturologia estarem procurando áreas de pesquisa tão diversas (neurociências, saúde coletiva, antropologia, entre outras), também parece estar relacionado com a amplitude da

visão naturológica.

Entretanto, poucos naturólogos entrevistados fizeram, ou estão fazendo, pesquisas relacionadas diretamente à Naturologia. Apesar disso, boa parte deles admitiu que suas investigações têm alguma relação com a legitimação dos saberes naturológicos. Num destes casos, a naturóloga e mestranda em saúde coletiva afirmou:

[...] a ideia, eu sempre digo, eu sei onde eu quero chegar com esse trabalho, sei que no mestrado não vai ser possível, mas pro doutorado [...] eu quero chegar nas práticas integrativas e complementares [...] eu quero chegar num momento que eu possa trazer as práticas integrativas-complementares, ou a Naturologia em si, como uma possível estratégia de cuidado dentro desse processo. Então eu quero chegar nisso, em algum momento eu quero chegar nisso.

Outra mestranda em saúde coletiva, que também não está pesquisando diretamente a Naturologia, afirmou:

O que mais me fascina no Bruno Latour é a possibilidade de produzir conhecimento que não pressuponha cisão, porque o chinês não pressupõe cisão [...] Pra ele, você falar que tem medo e que urinou nas calças é a mesma coisa. Pra ele o fenômeno, que a gente classifica como psíquico ou que a gente classifica como biológico, pro chinês é da mesma ordem. Ele não faz a separação. Então, existir alguém que aceita isso academicamente...porque se eu for usar como pressuposto a filosofia do Tao não vão aceitar, ninguém vai querer me orientar, pelo menos aqui na UNICAMP. Alguém que, pelo menos, discute essa questão, pra mim já é um grande instrumento, super importante, pra depois pensar e aplicar na Naturologia.

Naturólogos e naturólogas têm se aprofundado academicamente, seja para comprovar a eficácia das *práticas integrativas e complementares* por meio de evidências, seja para trazer essas práticas como estratégias de cuidado legítimas, seja para refletir acerca da construção do conhecimento de forma menos dicotômica e, portanto, mais integral. Ao passo que levam a visão naturológica para as pesquisas que realizam, ampliam esta visão a partir do aprofundamento teórico que suas investigações proporcionam.

4.2.1.4 Comprovação científica

Recorrentemente, os naturólogos têm debatido a possibilidade de comprovação científica das práticas que utilizam, nos termos da ciência

ocidental. Sobre este tema não existe consenso. Alguns naturólogos defendem que as práticas utilizadas na Naturologia devem ser comprovadas cientificamente, por uma questão de segurança:

[...] eu questionaria muita coisa, assim. Acho que eu exigiria mais pesquisa científica, comprovações. Porque um dos conflitos que eu me deparei foi que [...] se é o governo que tá oferecendo uma assistência à saúde pro povo, pra população, tem que ser algo muito efetivo [...] Então eu me preocupo com isso, eu acho que se tem um Sistema Único de Saúde que tem que ser efetivo pra população, eu já me preocupo [...] Então, eu acho que eu me questionaria mais nesse sentido, faria mais pesquisa e exigiria mais. Mas não sei, não sei se teria como eles comprovarem algumas coisas.

Por outro lado, uma naturóloga mestrandanda em saúde coletiva apontou que um debate mais interessante para a Naturologia seria, justamente, refletir acerca da necessidade de comprovação científica:

Só que vem todo mundo querendo validar cientificamente, entendeu? O problema que o pessoal tem na prática é esse. Só que a questão que eu faço, que eu quero fazer e que eu achei o laboratório realmente fizesse, mas nem é tanto assim, é discutir exatamente essa questão, que é uma questão sociológica. Por que é necessário validar cientificamente? [...] Porque é exatamente essa coisa, primeiro entrar na estrutura pra depois transformar. Só que, para mim, o preço de entrar na estrutura, que é reduzir a prática à racionalidade biomédica, não serve.

De acordo com os adeptos dessa visão, muitos dos saberes abordados pela Naturologia provêm de contextos não ocidentais e reduzi-los à ciência ocidental seria empobrecedor. Eles defendem que os métodos desta ciência são limitados para avaliar práticas que foram desenvolvidas a partir de pressupostos epistemológicos distintos dos ocidentais. Um professor de filosofia e medicina chinesa apontou:

Eu acho que o problema mesmo, antes de mais nada, não é um problema de pesquisa, mas de pressupostos epistemológicos. Por exemplo, a ideia de que só o que é controlável e repetível em laboratório é prova, isso é falso né? Se fosse assim, a biologia estaria em situação muito pior do que está, e se fosse dessa maneira, sobretudo as humanas, não mereceriam ser chamadas de ciência [...] é lamentável que a universidade não esteja esclarecendo, e corrigindo, não em tudo, mas no ponto que merece ser exposto. Porque eu acho que mesmo a ciência de ponta não pensa assim, ou pelo menos não admite isso com tanta facilidade. É um pouco mais cuidadosa, mas o senso comum, de fato, ele pensa assim. A

filosofia tem uma palavra pra isso: 'realismo ingênuo', que é a suposição que aquilo que eu posso determinar, por meio da observação sensorial, de maneira repetida, é uma realidade. É um realismo porque eu suponho que há realidade, naquilo que não é real, mas é um fenômeno perceptivo, e é ingênuo porque eu estou supondo que vale para a natureza comum. Tudo aquilo que só valeu para o meu processo metodológico de pesquisa, entende? Por isso, realismo ingênuo.

Embora alguns interlocutores tenham destacado as implicações epistemológicas de tentar “por à prova” saberes não ocidentais por meio da ciência ocidental, a possibilidade de diálogo entre saberes ocidentais e não ocidentais não foi descartada. Ao ser questionado sobre pesquisas laboratoriais acerca da acupuntura e da dor, o interlocutor citado acima respondeu:

[...] eu acho que é bom. No sentido de que, se houver consciência de que o que está em questão não é a acupuntura, mas o estudo da plasticidade da dor, acho que isso é ótimo, todo mundo tem a ganhar. Porque a dor é, num limite pequeno, ela se deixa explicar muito bem pela condutibilidade nervosa, que é o princípio do analgésico, a anestesia ela inibe o condutor. Mas mil outros exemplos, como a chamada dor psicogênica e as dores pós-operatórias, não se deixam explicar pela transmissão nervosa. Então a dor ainda é um campo na fisiologia muito amplo, e a acupuntura, como ela consegue lidar bem com a dor, ela serve de lugar de pesquisa muito positivo. Eu vejo com bons olhos, eu veria com maus olhos acreditar que esse estudo restrito da condutividade nervosa em termos de dor explicaria a acupuntura ou a teoria da medicina chinesa em si. Eu acho, de novo, que é empobrecer.

De acordo com este professor, um diálogo entre ciência ocidental e os saberes orientais é possível, desde que não se submeta os conhecimentos orientais à prova por meio dos pressupostos do conhecimento ocidental. Neste sentido, explicar a acupuntura a partir do estudo da condutibilidade nervosa seria empobrecer a teoria da medicina chinesa, mas a prática chinesa da acupuntura poderia auxiliar na compreensão da plasticidade da dor. A afirmação deste interlocutor parece buscar uma simetria entre os conhecimentos ocidentais e não ocidentais, em detrimento a uma suposta superioridade da ciência ocidental com relação a outras formas de se construir o conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados etnográficos, concluo que a Naturologia é herdeira do movimento que convencionou-se chamar de Nova Era. Ela mantém continuidades claras com relação a este movimento, mas também apresenta rupturas importantes. A valorização da subjetividade, o enfoque na autonomia individual, a pluralidade terapêutica, a crise de paradigmas, o ideal de homem auto realizado, o reencantamento do mundo e o encontro entre psicologia humanista e saberes orientais são apenas alguns exemplos das diversas continuidades que é possível identificar entre o movimento da Nova Era e a Naturologia. Entretanto, este movimento emergiu nas margens da sociedade, da contracultura, seus saberes e práticas são muitas vezes transmitidos informalmente e chamados de alternativos. É aí que começam as rupturas.

A Naturologia não quer ser alternativa nem informal, quer ser institucionalizada, legitimada e regulamentada. Os naturólogos querem trabalhar no sistema oficial de saúde, ir para a acadêmica, ser pesquisadores, não se contentam com a margem, questionam as hegemonias e propõem rupturas epistemológicas. Se a Naturologia herda o espírito contestador da contracultura por um lado, por outro, já não se contenta com livros de auto ajuda da Nova Era. Quer complexidade, transdisciplinaridade, integralidade e quer ser reconhecida.

Das contestações da contracultura, que remontam aos primórdios do movimento da Nova Era, a Naturologia herda, principalmente, aquelas relacionadas aos limites de uma ciência reducionista e mecanicista. Emerge, sobretudo, como um sistema de atenção à saúde que visa preencher as lacunas do sistema de saúde oficial. É fruto das insatisfações concernentes à biomedicina, mas não visa substituí-la, senão auxiliá-la. Mas, se o movimento da Nova Era pode ser caracterizado pela confluência entre religioso e terapêutico, os naturólogos negam ao campo de saber naturoológico um caráter esotérico, místico ou religioso. E esta é a segunda ruptura importante. Os naturólogos não negam a pluralidade religiosa, e até mantém uma visão relativista com relação às diversas religiões, mas já não relacionam práticas esotéricas, como runas e tarô, por exemplo, às práticas terapêuticas. A Naturologia não quer ser esotérica ou mística, quer ser científica, mas quer uma nova ciência. A espiritualidade não é descartada pelos naturólogos, mas é vista como mais um aspecto da abordagem integral que deve ser observada, na *relação de interagência*, a partir da perspectiva do indivíduo.

A perspectiva do indivíduo autônomo é central na abordagem naturalística e essa é a principal continuidade entre a Naturologia e o contexto mais amplo das chamadas culturas psi. Duarte e Carvalho (2005) apontam que só uma visão do ser humano centrada no indivíduo autônomo e subjetivo poderia originar a elaboração de um saber específico sobre a mente individual. De acordo com eles, uma crescente proliferação das propostas de interpretação do sofrimento a partir de formulações ideológicas psicologizantes vem afetando principalmente as camadas médias e a elite da sociedade ocidental.

Os naturólogos querem transcender a dicotomia clássica entre corpo e mente, entre natureza e cultura. Tentam traçar continuidades, ao invés de oposições. Mas a sacralização do indivíduo autônomo não seria uma reificação destas dicotomias? Russo (2012) aponta que, ao enfatizar a especificidade do ser humano enquanto ser individual que tem uma mente que pode ser desvendada pela psicologia, as dicotomias mente/corpo, natureza/cultura e ser humano/animal não são abolidas, senão reproduzidas.

Na busca por uma visão mais ampliada da saúde a abordagem integral do ser quer levar em conta os aspectos sociais e culturais do ser humano, mas a partir da perspectiva do indivíduo. A cultura é vista mais como produto da interpretação subjetiva do que das relações intersubjetivas: o indivíduo subjetivado e autônomo é quem conhece sua relação com a cultura. Mas não seria a própria subjetividade fruto da intersubjetividade? O que sabe o indivíduo sobre sua cultura além daquilo que permitem os mecanismos de reprodução e legitimação cultural? E será que o ponto de vista individual não tem nenhuma influência do contexto onde o indivíduo foi socializado? A ideia de uma autonomia radical não transcende, mas pode reificar, a dicotomia natureza/cultura. Eis um dos principais problemas de uma autonomia nestes termos: a cultura, a sociedade e o estado não seriam mais responsáveis pelo desenvolvimento do indivíduo, senão seu interior sacralizado e psicologizado. Uma visão como essa pode levar à alienação política, ao descaso do estado e à justificação de políticas neoliberais.

A *relação de interagência* também reflete uma visão de homem autorrealizável e responsável por seus processos de saúde e doença. A ideia de responsabilidade individual sobre a saúde também pode levar ao descaso mencionado acima, ou à culpabilização do sujeito que sofre. Entretanto, a noção de *relação de interagência* procura propor uma solução à crescente insatisfação concernente ao encontro médico convencional.

Assim como o complexo de práticas “alternativas” que a gerou, a Naturologia deve ser vista como uma reação às insatisfações concernentes ao modelo de saúde hegemônico. Ao negar uma posição de poder ao naturólogo, o discurso naturológico sugere uma maior simetria e horizontalidade entre cuidador e cuidado, colocando a pessoa como centro da atenção na relação terapêutica. Não importam as doenças, suas classificações e etiologia, mas a vida daquele que sofre. Combater uma patologia fixa e discreta dá lugar ao acolhimento, à compreensão de que o sofrimento é uma experiência, um processo complexo que não pode ser explicado apenas em termos orgânicos e fisiológicos. Essa forma de relação que busca empoderar o ser com vistas à sua saúde, ao invés de estabelecer uma posição de poder assimétrica, é o grande diferencial da Naturologia.

É por meio da educação em saúde que o naturólogo pode auxiliar aquele que sofre a se sentir integral e integrado novamente. Mas esta forma de educação não se baseia na transmissão de conhecimento, senão na ideia de que o próprio ser possui recursos internos para se tornar autônomo e corresponsável por seus processos de saúde e doença. Ao trazer a pessoa novamente para o centro da atenção na terapia, a Naturologia resgata a arte de cuidar, procurando romper o abismo entre ciência e arte estabelecido na modernidade. O naturólogo quer dar voz àquele que sofre, não quer que ele seja dependente da terapia e do terapeuta, mas que tenha o poder de ter sua vida de volta em suas mãos. Estes movimentos refletem uma ruptura com relação ao encontro médico convencional, um resgate da arte de cuidar e uma reflexão acerca dos limites de um sistema de atenção à saúde fundamentado no capital e na produtividade.

Mas ao enfatizar o empoderamento do indivíduo o naturólogo pode estar, novamente, reproduzindo uma forma psicologizada de abordar o ser humano. Carvalho (2004) distingue entre o *empowerment* psicológico e o *empowerment* comunitário, alertando que o primeiro parte de uma perspectiva filosófica individualista que tende a ignorar as influências de fatores sociais. De acordo com o autor, esta perspectiva desconecta o comportamento dos homens do contexto sociopolítico onde se encontram inseridos e pode levar à diminuição ou retrocesso na prestação de serviços sociais e de saúde pelos governos e instituições responsáveis.

Entretanto, o campo de saber naturológico também deve ser visto sob o ponto de vista histórico, ou seja, a partir de sua breve e dinâmica história. Este campo de saber emergiu do curso de graduação em Naturologia e é a partir deste curso de graduação que naturólogos são formados e passam a realizar pesquisas acadêmicas. Nessas pesquisas e em sua prá-

tica profissional, os naturólogos levam a Naturologia para além do curso de graduação e esta deixa de ser só um curso para torna-se um campo de saber em expansão. Na medida que o campo de saber se expande, reformulações curriculares são realizadas, visando aprimorar o projeto pedagógico da Naturologia. É um movimento cíclico: do curso de graduação emerge o campo de saber; por meio da trajetória dos naturólogos o campo de saber se expande e a expansão do campo de saber naturoológico possibilita reflexões importantes para o aprimoramento de seu projeto pedagógico. O curso de graduação em Naturologia influencia o campo de saber naturoológico, assim como o campo de saber naturoológico influencia o curso de graduação. É difícil compreender um sem observar o outro.

Em quinze anos de existência do curso de graduação onde esta pesquisa de campo foi realizada, já aconteceram duas reformulações curriculares. Em quinze anos, três projetos pedagógicos foram elaborados para este curso, um a cada cinco anos em média. No primeiro a ênfase na psicologia é óbvia, dada a grande quantidade de horas/aula dedicadas aos conteúdos concernentes a esta disciplina. A ênfase individualista parece evidenciar-se ainda mais quando notam-se as poucas horas dedicadas às ciências sociais. Se o sofrimento não era mais visto como determinado por fatores biológicos exclusivamente, um determinismo psicológico dava lugar à visão biologicista das doenças.

No segundo projeto, o curso de Naturologia não quer mais ser visto como esotérico ou místico, quer ser científico. Se no primeiro projeto, criado por um psicólogo, a ênfase na psicologia é evidente, no segundo, elaborado por uma bióloga, a ênfase na biologia é acentuada, com vistas a uma maior cientificidade. Entretanto, durante algum tempo de vigência deste projeto pedagógico, os estudantes já não podiam estudar espiritualidade relacionada à saúde, uma vez que isso comprometeria a cientificidade da Naturologia. A graduação em Naturologia se tornou quase um curso técnico em práticas integrativas e complementares. O determinismo biológico toma força com a velha roupagem psico-biológica do projeto anterior. As ciências sociais, por sua vez, permanecem inexpressivas com relação aos saberes biológicos e psicológicos.

É só a partir do terceiro projeto pedagógico que o curso parece tomar novos rumos. Com base nas reflexões de naturólogos mestrandos e doutorandos, uma nova mirada é dada aos aspectos sociais e culturais da abordagem integral do ser. Diversas disciplinas relacionadas às ciências sociais são incluídas no projeto, além da possibilidade de estágios que transcendem o encontro clínico individual. Agora, os estagiários da

Naturologia podem trabalhar com grupos próximos a comunidades carentes e, assim, desenvolver reflexões menos individualizantes acerca da *relação de interagência*. Uma abordagem psicologizada não parece útil nesse contexto, uma vez que a psicologização do sofrimento atinge principalmente as camadas médias e a elite da sociedade. Em comunidades de baixa renda uma explicação psicologizante do sofrimento pode não fazer qualquer sentido, e o naturólogo precisará aprender a lidar com a forma de abordar o sofrimento daquelas pessoas, ao invés de imputar-lhes interpretações fundamentadas na psicologia.

Os saberes não ocidentais também são assimilados de forma gradativa nestes três projetos pedagógicos. Ao passo que, no primeiro, são abordados de forma fragmentada, dispersa e, por vezes, psicologizada, no segundo, há uma maior preocupação em dar ênfase a estes saberes enquanto pilares do campo de saber naturológico. Entretanto, esta visão de Medicinas Tradicionais (com inicial maiúscula), como pilares, ainda leva a uma visão de sistemas médicos complexos como monolíticos, homogêneos e acabados. Só no terceiro projeto pedagógico que os fundamentos históricos e culturais dos sistemas médicos não ocidentais passam a ser oferecidos formalmente na grade curricular do curso. Existe, a partir daí, a possibilidade de abordar a Medicina Tradicional Ayurveda a partir da distinção das tantas escolas de ayurveda, a Medicina Tradicional Chinesa pode ser vista como as medicinas chinesas, frutos de construções culturais milenares, e uma Medicina Tradicional Xamânica poderia ser vista a partir da multiplicidade de xamanismos, embora ainda seja abordada de forma essencializada. A possibilidade de um olhar mais atento à contextualização dos saberes não ocidentais é fruto do aprofundamento teórico dos naturólogos.

Mas se as perspectivas deste último projeto pedagógico parecem diferenciadas, ainda não podem ser observadas com frequência na trajetória e discurso da maioria dos naturólogos, uma vez que nenhum naturólogo foi formado por este projeto até o momento. O fato é que a maior parte destes profissionais ainda trabalha só com atendimentos clínicos individuais. Embora o novo projeto se preocupe com questões sociais e culturais, o discurso dos naturólogos ainda está bastante pautado na visão individualista, subjetivista e psicologizante dos projetos pedagógicos anteriores.

Mas, se o *empowerment* psicológico ainda dá a tônica do discurso naturológico a partir da crença numa salvação intramundana, discursos mais ampliados podem ser observados. Existe uma tendência, ainda mo-

desta, de ampliação da noção de *relação de interagência*. Nesta visão, a *inter-agência* não estaria mais limitada às clínicas e consultórios, mas seria uma prática social e ambiental. Projetos sociais que visam atender comunidades de baixa renda, pesquisas de mestrado que refletem acerca da construção do SUS e reflexões acadêmicas acerca da utilização das *práticas integrativas e complementares* na saúde pública sugerem a possibilidade de *empowerment* comunitário a partir a Naturologia. Não se propõe aqui que o *empowerment* se reduza as ações políticas coletivas, o que pode culminar numa negação do caráter multidimensional do poder (CARVALHO, 2004). O empoderamento do indivíduo, e seu desenvolvimento crítico, também são fundamentais na transformação da sociedade e devem ser incentivados pelos profissionais de saúde. Mas uma noção radical de autonomia individual, aliada a uma visão turva dos aspectos sociais e culturais relacionados aos processos de saúde/doença, pode levar à culpabilização do indivíduo por seu sofrimento e ao descaso do estado.

Em poucos casos dispersos pelo SUS, os naturólogos já têm a possibilidade de desenvolver ações relacionadas ao *empowerment* coletivo. Alguns deles integram equipes multidisciplinares, onde podem trabalhar a educação em saúde, tanto com a população, quanto com os profissionais das unidades básicas de saúde onde atuam. Trabalhos com grupos (de idosos, gestantes, crianças, entre outros) e encontros comunitários para troca de experiências sobre plantas medicinais também parecem ser possibilidades de atender à comunidade, ao invés de somente ao indivíduo. Mas, como citado anteriormente, estes ainda são casos pontuais.

Maluf (2005) aponta que as interpretações sociológicas e antropológicas das “culturas de si”, e dos sujeitos que delas emergem, seguem dois pólos de análise principais: um interpreta estes fenômenos culturais enquanto formas de continuidade em relação às ideologias dominantes, e outro os interpreta como formas de descontinuidade e ruptura em relação às instituições contemporâneas. Estes movimentos estariam gerando sujeitos centrados em si e indiferentes às questões sociais, ou deles surgiriam valores altruístas e contestadores? No caso da Naturologia, podemos olhar pelos dois ângulos. Se, por um lado, discursos psicologizantes acerca da autonomia individual apontam uma continuidade com relação às culturas psicologizadas, por outro, o naturólogo pode ser visto como um profissional que contesta o estabelecido e propõe formas renovadas de construir conhecimento e promover a saúde.

Durante a pesquisa de campo um professor argumentou que a Naturologia seria um conjunto de saberes, um mosaico de saberes, uni-

dos por uma “cola” chamada visão naturológica. Também foi utilizada a analogia da colcha de retalhos, onde cada um desses saberes diversos seria um retalho costurado por uma linha específica: a visão naturológica. Entretanto, diante do dinamismo com o qual a visão naturológica parece construir-se e reconstruir-se, creio que estas analogias sejam demasiadas estáticas. Mais do que um conjunto de saberes, a Naturologia é um campo de diálogo entre saberes em saúde. Mais do que uma colcha de retalhos, a Naturologia me parece, neste momento, um caleidoscópio onde cada cor de cada elemento presente produz uma refração da luz de maneira específica, auxiliando na construção de uma combinação de cores particularmente coerente e simétrica. Mas, a partir de uma pequena modificação de ângulo, as refrações são reformuladas e o antigo se transforma de novo. Ao desconstruir-se, se reconstrói numa nova mandala, com as mesmas cores, mas de uma nova forma e a partir de uma nova combinação.

Um fato interessante de se notar é que, enquanto o curso universitário de Naturologia fornece os elementos deste caleidoscópio de saberes, cada naturólogo parece movimentar este caleidoscópio, rearranjando estes saberes de acordo com a necessidade de cada interagente, a cada momento, em cada interagência. Assim como no caleidoscópio os ângulos dos espelhos determinam a proporção da simetria do arranjo de cores, os diversos saberes em saúde seriam os ângulos que determinam venho chamando de visão naturológica. Entretanto, a beleza do caleidoscópio está na espontaneidade com que as cores se organizam nestes padrões de refração, assim como a beleza da *relação de interagência* está na espontaneidade com a qual os diversos saberes são articulados na busca por uma abordagem integral do ser. A coerência da Naturologia não está, portanto, neste ou naquele saber específico, senão na forma, ou na visão, com a qual o diálogo entre os diversos saberes é conduzido.

Esta imagem do caleidoscópio de saberes emergiu do discurso dos naturólogos. É uma imagem ideal. Se a práxis do naturólogo segue esta dinâmica, é assunto para uma outra pesquisa. O fato é que este caleidoscópio não está pronto: está sendo construído. Alguns espelhos talvez ainda se sobressaiam a outros, alguns elementos podem ser insuficientes e, portanto, as imagens projetadas talvez não sejam sempre tão simétricas, como gostariam os naturólogos. Este caleidoscópio pode ser visto como a reprodução de formas estabelecidas, quando a visão que que orienta a combinação de saberes segue essas formas. Mas pode ser visto como uma busca por novas formas de se construir o conhecimento, quando propõe rupturas com o estabelecido por meio de reflexões e ações que buscam

novas formas de se abordar a vida e a saúde.

REFERÊNCIAS

- ABRANA. 2013. *Sobre a ABRANA*. Disponível em: <http://www.abrana.org.br/a-associacao/sobre-a-abrana/>. Acesso em: 20 de nov de 2013.
- ANDRADE, João Tadeu de. e COSTA, Liduina, F. A. 2010. Medicina complementar no SUS: praticas integrativas sob à luz da antropologia médica. In: *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.19, n3, p.497-508.
- BRASIL. 2006. *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: PNPIC-SUS*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica – Brasília (DF): Ministerio da Saude.
- BRASIL. 2009. *O SUS de A a Z: Garantindo saúde nos municipios*. Brasília (DF): Ministerio da Saúde. 3a edição.
- BRASIL. 2013. *Praticas Integrativas e complementares*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Disponível em: http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_pic.php. Acesso em: 14 de nov de 2013.
- BRASIL. 2013b. *Projetos de leis e outras proposições: PL 3804/2012*. Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=543332>. Acesso em: 21 de novembro de 2013.
- CAROZZI, María Julia. 1999a. Introdução. [trad. Mario Gallicchio]. In: Carozzi, María Julia. *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Editora Vozes.
- CAROZZI, María Julia. 1999b. Nova Era: a autonomia como religião. [trad. Mario Gallicchio]. In: Carozzi, María Julia. *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Editora Vozes.
- CARVALHO, Sérgio Rezende. 2004. Os múltiplos sentidos da categoria no projeto Promoção à Saúde. In: *Cadernos de Saúde Publica*. Rio de Janeiro, 20(4):1088 – 1095, jul-ago. 2004.

CEZAR, Ligia Simões. 2009. *O mapa do corpo como instrumento de avaliação em Naturologia: um estudo de caso.* (graduação em Naturologia). Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: www.vida-pora.com.br/component/k2/item/download/5.html. Acesso em: 19 de nov de 2013. †

CHAPERMAN, Rebeca. 2013. *Vitalismo e Homeopatia.* Disponível em: http://www.homeopatiabrasil.org.br/html/downloads/vitalismo_e_homeopatia-rebecca_chapermann.pdf. Acesso em: 17 de nov de 2013.

COHEN, Tamara Tania. 1979. *Renovação urbana: um estudo de caso da EMURB.* 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Coordenação dos Programas de Pós-Graduação de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CONTEPOMI, María del Rosario. 1999. Nova Era e pós-modernidade: Valores, crenças e praticas no contexto sociocultural contemporâneo. [trad. Nildicéia Aparecida Rocha]. In: Carozzi, María Julia. *A Nova Era no Mercosul.* Petrópolis: Editora Vozes.

DAMATTA. Roberto. 1978. O ofício do etnólogo ou como ter o anthropological blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.* Rio de Janeiro: Zahar.

DUARTE, Luiz F. D., CARVALHO Emilio N. de. 2005. Religião e psicanálise no Brasil contemporâneo: novas e velhas *Weltanschauungen*. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, v. 48 n. 2.

FAVREET-SAADA, Jeanne. 2005. Ser Afetado. In: *Cadernos de Campo*, n13, 155-161.

GOLDMAN, Marcio. 2003. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. In: *Revista de Antropologia*, vol.46, no.2, São Paulo.

GRASSI, Leandro e HELLMANN, Fernando. 2011. O ensino da Naturologia aplicada à luz dos conceitos de racionalidades médicas e terapêuticas integrativas. In: *Cadernos Acadêmicos*, v.3, n.1, p.24 – 36.

ISCHKANIAN, Paula Cristina. 2011. *Praticas integrativas e complementares para a promoção da saúde*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, São Paulo.

KLEINMAN, A.M. Eisenberg, Leon and Good, Byron. 1978. Culture, Illness, and Care: Clinical Lessons from Anthropologic and Cross-Cultural Research. In *Annals of Internal Medicine* 88, 2:251-258.

KRAHE, SILVA e SILVA e NESI. 2012. *Reforma curricular do ensino de graduação em uma universidade comunitária de Santa Catarina – Brasil*. disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/ElizabethKrahe-ComunicacaoOral-int.pdf>. Acesso em: 01 de ago de 2013

LAPLANTINE, François e RABEYRON, Paul-Louis. *Medicinas Paralelas*. 1989. São Paulo: Editora Brasiliense.

LEITE-MOR, Ana Claudia M. B. 2012. Ideias de uma filosofia renegada: Gabriel Tarde, Bruno Latour e algumas contribuições à construção da naturologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE NATUROLOGIA, 5, 2012, Florianópolis. *Anais...* Disponível em: http://www.apanat.org.br/_upload/repository/anais12.pdf. Acesso em: 12 de nov de 2013.

LUZ, Daniel. 2012. Medicina tradicional chinesa, racionalidade médica. In: LUZ Madel T. e BARROS Nelson F. de (org). *Racionalidades médicas e praticas integrativas em saúde: Estudos teóricos e empíricos*. Rio de Janeiro: UERJ/IMS/LAPPIS.

LUZ, Madel T. 2003. *Novos Saberes e Novas Praticas em Saúde Coletiva: Estudos sobre Racionalidades médicas e Atividades Corporais*. São Paulo: HUCITEC, 2003.

_____. 2012. Contribuição do conceito de racionalidade médica para o campo da saúde: estudos comparativos de sistemas médicos e práticas terapêuticas. In: LUZ Madel T. e BARROS Nelson F. de (org). *Racionalidades médicas e práticas integrativas em saúde*: Estudos teóricos e empíricos. Rio de Janeiro: UERJ/IMS/LAPPIS.

MALUF, Sônia Weider. 2003. Os filhos de aquário no país dos terreiros: novas experiências espirituais no sul do Brasil. In: *Ciências Sociais y Religión/Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, ano 5, n. 5, p.153-151.

_____. 2008. Peregrinos da Nova Era: Itinerários Espirituais e Terapêuticos no Brasil dos Anos 90. In: *Antropologia em Primeira Mão*, n. 100.

MARQUES, Evair A. 2012. Racionalidades médicas: a medicina ayurvédica. In: LUZ Madel T. e BARROS Nelson F. de (org). *Racionalidades médicas e práticas integrativas em saúde*: Estudos teóricos e empíricos. Rio de Janeiro: UERJ/IMS/LAPPIS.

MARTINS, Paulo Henrique. 1999. As terapias alternativas e a libertação dos corpos. In: Carozzi, Maria Julia. *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Editora Vozes.

MENÉNDEZ, Eduardo. 2003. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. In *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol 8 (1):185-208.

RIO DE JANEIRO. 2009. Lei No 5471, de 10 de junho de 2009. Publicado por Governo do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/711749/lei-5471-09>. Acesso em: 18 de nov de 2013.

RUSSO, Jane Araújo. 2012. A pós-psicanálise: entre Prozac e Florais de Bach. In: JACÓ-VILELA, A. M. et al. (orgs.), *Clio-Psyche. Hoje. Fazer e dizeres psi na história do Brasil*, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p.124-132.

SILVA, Adriana, E. Magno da. 2008. Naturologia: pratica médica, saberes e complexidade. In: *V Jornadas de Investigación en Antropología Social* – UBA – Buenos Aires, nov.

_____. 2012. *Naturologia: um diálogo de saberes*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

TESSER, Charles D. 2009. Praticas complementares, racionalidades médicas e promoção da saúde: contribuições pouco exploradas. In: *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 25(8):1732-1742, ago.

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. 2003. *Projeto Pedagógico do Curso de Naturologia Aplicada*. Tubarão.

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. 2012. *Projeto Pedagógico do Curso de Naturologia*. Tubarão, 2012.

VELHO, Gilberto. 1980. Observando o familiar. In: _____. *Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WEDEKIN, L. M. 2008. Corpo simbólico em arteterapia: reflexões sobre a saúde integral. In: HELLMANN, F.; WEDEKIN, L. M.; DELLAGIUSTINA, M. (org.) *Naturologia aplicada: reflexões sobre saúde integral*. Tubarão: UNISUL.

